

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 57 — Março 1910

Assignatura { Semestre . 1\$200
Anno 2\$200
Numero avulso..... / 200

Composto e impresso
na Typ. do Anuario Commercial



P. Marinho

Cofres á prova de fogo

MOBILIARIO EM FERRO

FOGÕES DE COSINHA



EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

**A MAIOR E MAIS IMPORTANTE
FABRICA
PORTUGUEZA DE METALLURGIA**

Construção de pontes,
vigamentos e estruturas metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

**CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE**

CONSTRUÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES
Alfaías e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos
SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materia primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRITORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE
N.º 256 — BELEM

Telegrammas

Santamaro
LISSBOA

Deposito d'Exposição Permanente
AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA

ILUSTRADORA L. DO Carmo L. LISBOA

Enviem-se catalogos

Summario

MAGAZINE

	PAG.
MANOEL MARIA DA SILVA BRUSCHY (Frontispicio)	162
O PRINCIPADO DE MONACO (7 illustrações) por CACILDA DE CASTRO	163
ESPERANDO... (Versos) (1 illustração) por DOMITILLA DE CARVALHO	170
DANTE E BEATRIZ (3 illustrações) traducção de B. DE SALES	171
EM SURDINA (Versos) de F. CARNEIRO	176
HYGIENE ESCOLAR (5 illustrações) por MARQUES MANO	177
DOR DE VIVER (Versos) de AFFONSO CELSO	185
SOPHOCLES E EURIPIDES (9 illustrações e 1 vinheta) compilado por EDUARDO DE NORONHA	186
ONDAS MARCONICAS (Versos) (1 illustração) por AFFONSO GAYO	198
O VINHO DO PORTO (5 illustrações) por ALBERTO BESSA	199
AI DE MIM! (Versos) de BERNARDO LUCAS	205
IMPRESSÕES DE VIAGEM — A RAINHA DO ORIENTE (1 vinheta) versão de MANUEL DE MACEDO	206
A REPUBLICA DO URUGUAY (11 illustrações) por LUIZ TRIGUEIROS	209
PARADOXAL (Versos) de SANTOS VIEIRA	217
ANTONIO NOBRE (1 illustração) por LIA	218
SONETO de MARIA DE CARVALHO	219
VIOLINO (Versos) (1 illustração) de RAUL DO VALLE	220
DE INHAMBANE A LISBOA (6 illustrações) por THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT	221
ENTRE DOIS ORPHÃOS (Versos) de MARIO FLORIVAL	227
MARIA ANTONIETTA NA SUA TOILETTE (1 vinheta)	228
ECCOS E REFLEXOS (11 illustrações)	230

A MUSICA DOS SERÕES

NOCTURNO, por FR. CHOPIN	2 pag.
------------------------------------	--------

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 8.º volume da 2.ª serie.

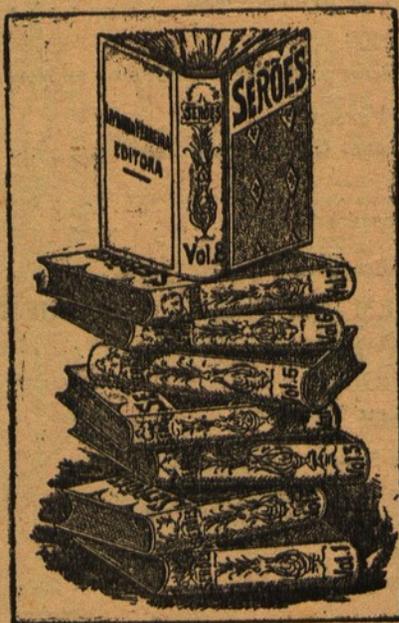
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a **SEPARATA** dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.



Capas de luxo para a **SEPARATA** dos primeiros 7 volumes
CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Serões das Senhoras

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Expediente

Aos nossos assignantes dos “**Serões**” que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envió pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine “**Serões**”.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórmula, que os assignantes residentes em logares affastados dos locais das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento de expediente.

A administração.



AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar e dia (excepto domingos e dias santificados) no

SALÃO FOZ

(Galçada da Gloria, em frente da rua do mesmo nome)

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer logar nos espectaculos realizados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar do

ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.^A

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar da

AGENDA

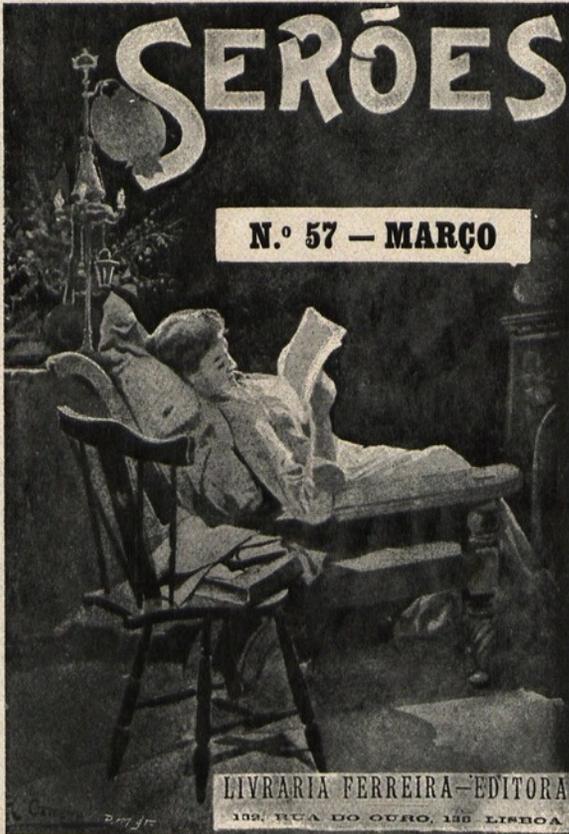
do Anuario Commercial de Portugal

Praça dos Restauradores, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de março de 1910.

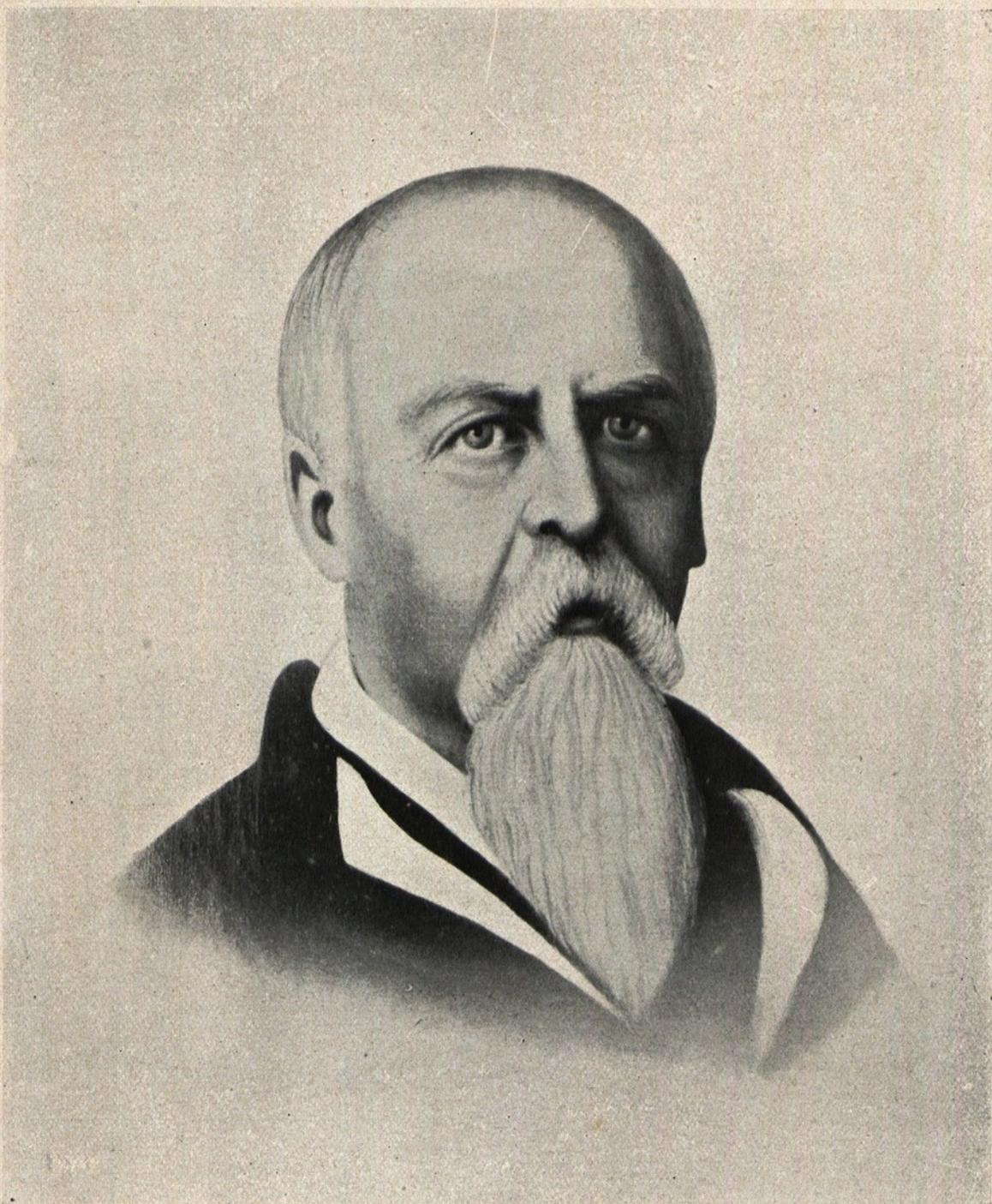
SERÕES

N.º 57 — MARÇO



LIVRARIA FERREIRA-EDITORIA

102, RUA DO OURO, 130 LISBOA



MANOEL MARIA DA SILVA BRUSCHY

Escritor, jornalista e jurisconsulto



MONACO — VISTA GERAL DO PRINCIPADO

O Principado de Monaco

A capital de Monaco, antigamente *Portus Herculis Monaeci*, refugio de navegadores

A recente estada do *yacht Princesse Alice* nas aguas do nosso Tejo, trazendo a bordo o principe Alberto de Monaco, chama naturalmente n'este momento as nossas atencões sobre a figura do illustre homem de sciencia e sympathico soberano que tão facil e singelamente dirige os destinos d'esse feliz principado que o Mediterraneo beija.

Monaco, que primeiro se chamou *Portus Herculis Monaeci*, acolhia primitivamente no seu porto, onde fôra erigido um templo ao deus Melkarth, os ousados navegadores e audaciosos marinheiros que ahí procuravam um abrigo passageiro ou um descanço de algumas horas.

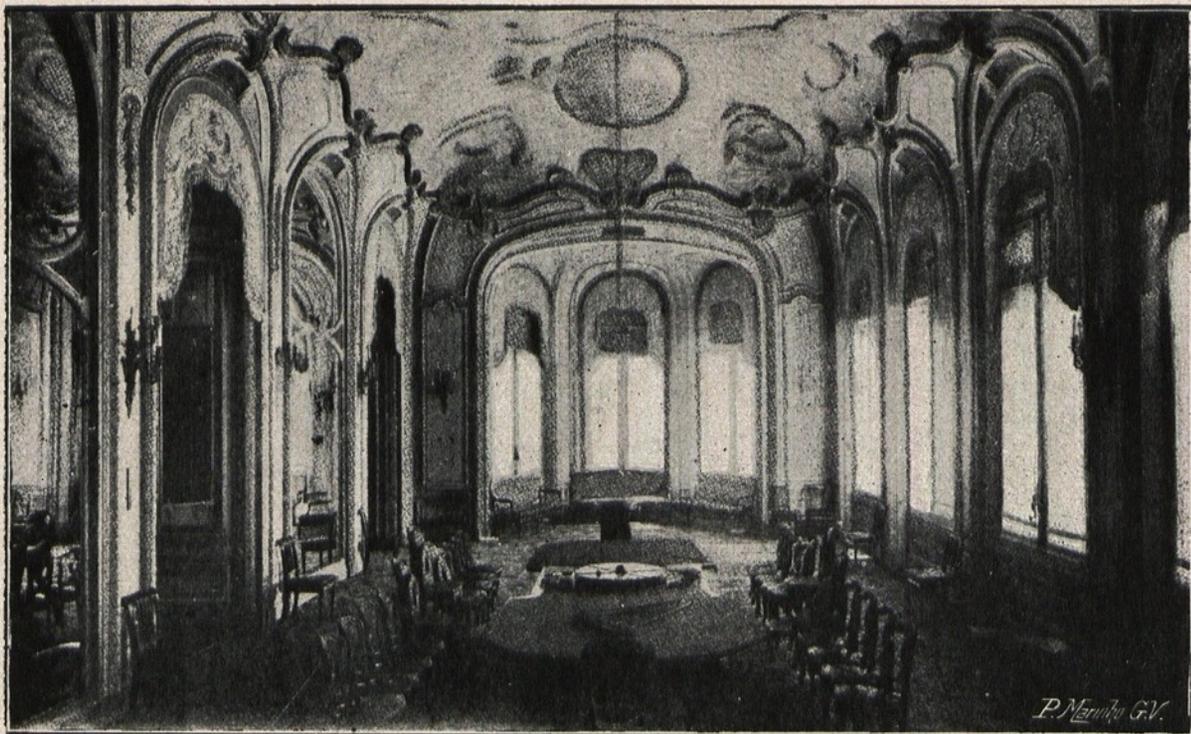
Mais tarde, os Romanos, irreverentes, apearam o deus dos Phenicios e collocaram Hercules em seu lugar.

Depois dos Phenicios, dos Carthaginezes, dos Romanos, dos Allemães e dos Arabes, nos principios do seculo x, Monaco passou a pertencer definitivamente aos seus visinhos, os senhores de Grimaldi, familia illustre de Genova.

A casa de Grimaldi — O regimen politico

Primeiro senhores, principes de Monaco depois, — os Grimaldi desempenharam, desde o anno de 980 até aos meados do seculo xiv, os primeiros cargos da republica, tendo sido com os Fieschi, os chefes do partido guelfo.

Em Napoles obtiveram consideraveis feudos. Em França foram elevados ao ducado-pariatiato de Valentinois, que Luiz XII creara para Cesar Borgia, mas cuja doação revogou pouco depois; que Henrique II concedeu mais tarde a Diana de Poitiers, — e que, finalmente, Luiz XIII abandonou em 1642 a Ho-



MONTE-CARLO — O CASINO — O SALÃO COR DE ROSA

norato de Grimaldi, e esta casa conservou até 1789.

Foi assim que os senhores de Grimaldi, fizeram parte da camara dos pares em França.

Em 1731 extingue-se a linha masculina, levando a herdeira o principado á illustre casa de Goyon-Matignon que tomou tambem o nome de Grimaldi.

O actual principe reinante, Alberto Honorato Carlos, nasceu em Paris a 13 de novembro de 1848.

E' filho de Carlos III e da princeza Antonieta de Mérode, pertencente a uma das mais distinctas familias da Belgica.

Casou a 21 de setembro de 1869 com Lady Mary Douglas, filha do duque de Hamilton Brandon Châtellerault, tendo sido este casamento, de que existe um filho — o principe herdeiro Luis Honorato Carlos Antonio, nascido em Bade-Bade a 12 de julho de 1870 — declarado nullo pela curia romana em 3 de janeiro de 1880.

Casou segunda vez com Alice Heine, viuva do duque de Richelieu, sendo este novo casamento dissolvido judicialmente em junho de 1902.

O regimen politico de Monaco é o de monarchia absoluta, hereditaria na linha masculina (primogenito) da casa reinante e

depois da extinção do ramo masculino, transmissivel á descendencia feminina.

Escusado será dizer que, apesar do regimen absoluto, todas as liberdades são adoptadas; não ha impostos e em vez de leis ha apenas regulamentos. Sob o ponto de vista politico, Monaco é uma terra ideal, disputando primazias com a republica de San-Marino, com o valle de Andorra, com o Luxemburgo, com a ilha de Man e com a communa livre de Moresnet, entre a Belgica e a Prussia.

A proposito d'estes pequenos estados, diz Em. de Laveleye, no seu livro intitulado *Le Gouvernement dans la Démocratie*: — «Felizes os pequenos paizes que não teem logar ás mezas dos congressos diplomaticos em que as grandes potencias dispõem dos destinos do nosso continente. Não invejam a sorte dos seus visinhos. Não sonham anexações. Não procuram adquirir colonias. Não precisam de manter o equilibrio europeu na ponta das bayonetas. Pódem viver em paz e á vontade na sua casa.»

O governo de Monaco

O principe de Monaco tem uma casa civil com chefe e secretario, além de tres conselheiros privados. A sua interferencia

nos negocios é rara, e Alberto I até pouco habita o seu principesco palacio de Monaco, vivendo habitualmente perto de Paris, no sumptuoso castello de Marchais, no departamento de Aisne, quando não anda nas suas viagens de estudo.

Ha um governador geral, que preside ao conselho de estado composto de seis membros, um tribunal superior e outro de revista. O restante funcionalismo superior, reduz-se a um inspector das finanças, a um inspector geral dos trabalhos de architectura e a um director das obras publicas.

Monaco é diocese e tem, portanto, um bispo tambem.

A força e segurança publicas são representadas por um director de policia, e por 4 officiaes e 82 carabineiros, além de mais uns 80 homens commandados por um coronel francez. Ha ainda alguns subalternos, e como Monaco é um porto onde entram durante o anno uns 80 navios e sahem outros tantos, possui uma guarda maritima commandada por um capitão.

A lingua que a população monegasca fala é uma mistura de provençal, francez, italiano e hespanhol.

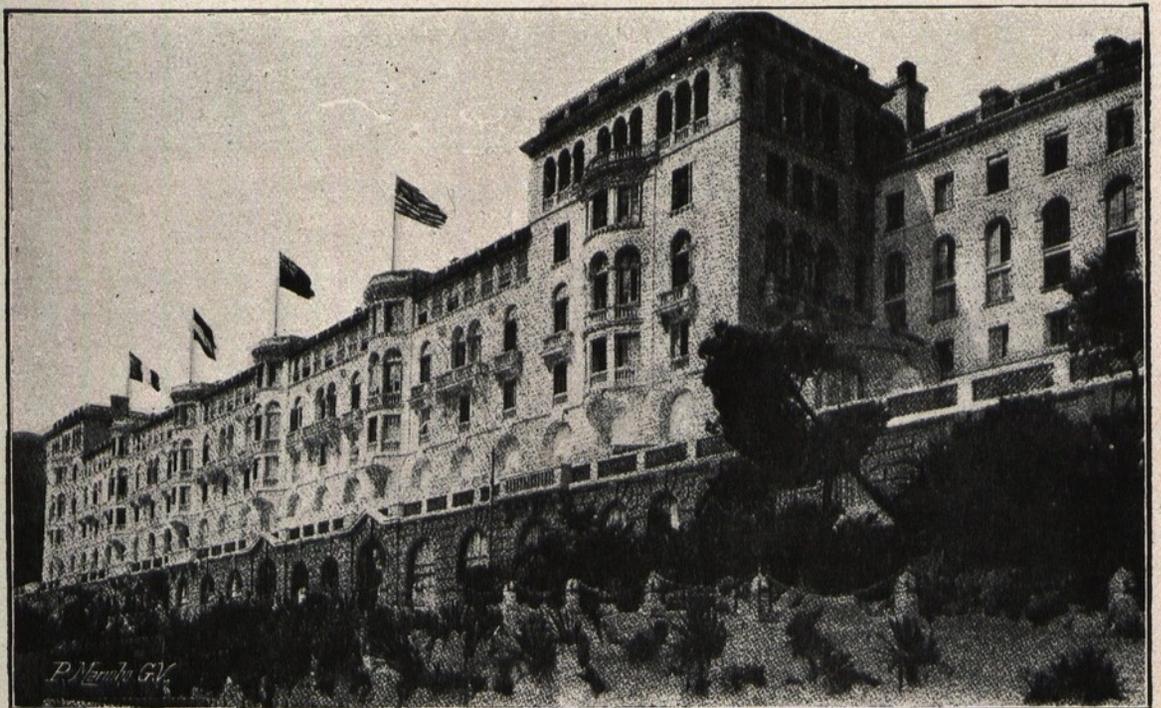
O casino de Monte-Carlo, tornou Monaco um centro de luxo, por onde passam annualmente mais de sessenta mil estrangeiros.

O actual principe reinante Alberto I como homem de sciencia

Sua Alteza Serenissima, o principe Alberto I, que é a creatura mais simples e encantadora d'este mundo, apesar de possuir todas as ordens estrangeiras não usa geralmente senão a fita vermelha de cavalleiro da Legião d'Honra, ganha ao serviço da França durante a guerra de 1870.

Este amavel principe, tão affavel no trato, como realmente excepcional pelo talento e pela sua vasta e importantissima obra scientifica, tem-se dedicado em especial á zoologia maritima e á oceanografia, assumptos sobre que tem publicado notaveis trabalhos de difficil investigação.

A sua primeira preocupação foi estudar o problema oceanographico referente ao *Gulf Stream*, a *Corrente do Golpho*, sobre a qual com relação á Europa havia apenas vagas informações sem caracter scientifico. Grande conhecedor da arte nautica e optimo marinheiro, experimentado já n'uma pratica de annos, adquirida ao serviço da armada hespanhola, o principe conseguiu completar o estudo do *Gulf Stream* no Atlantico norte, o que foi do mais proveitoso resultado para a rapidez e segurança da navegação, assim como para o conheci-



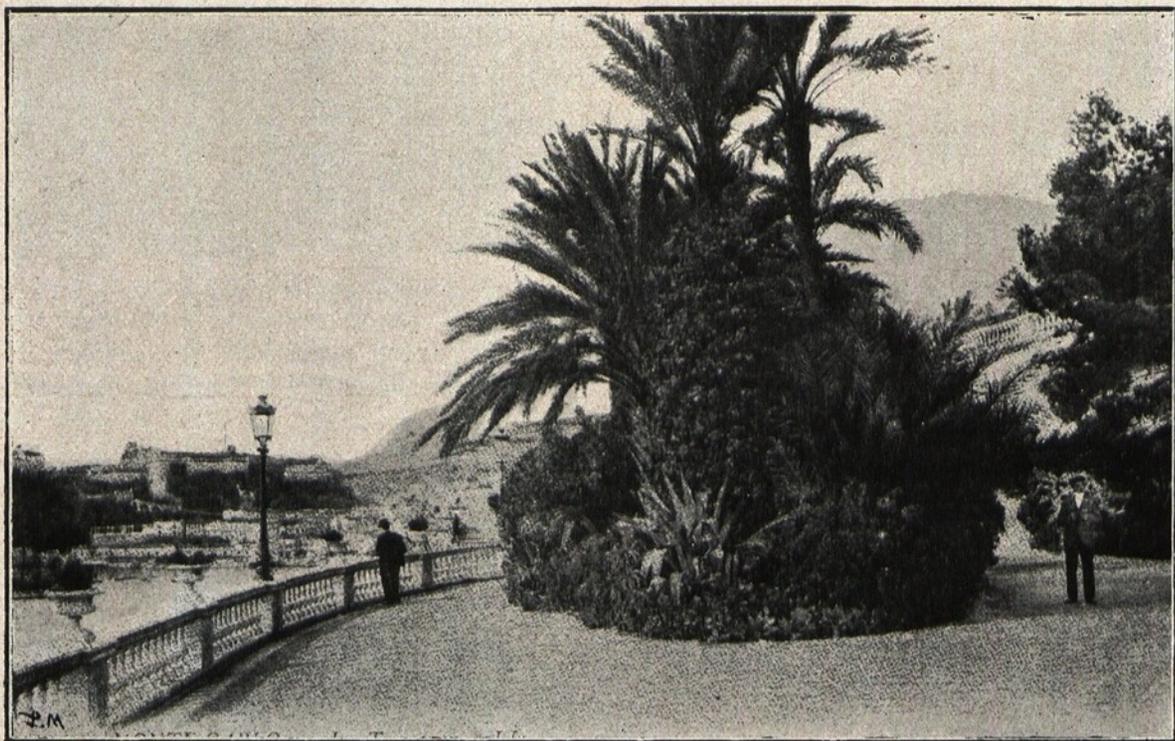
MONTE-CARLO — O «RIVIERA PALACE HOTEL»

mento da botânica, da antropologia proto-historica (migrações) e sobre tudo para as previsões de meteorologia.

Dos serviços prestados principalmente aos Açores, tratou n'uma elucidativa synthese o distincto professor de sciencias naturaes sr. dr. Eugenio Pacheco, referindo-se ás explorações scientificas do principe no mar do archipelago, ao descobrimento do banco *Princesa Alice* e ás vantagens do aproveitamento d'este baixio; — e indicando ainda os principaes topicos da campanha iniciada por S. A. a favor do *Observatorio Meteorologico*

Ocupando-se tambem d'este principe illustre, o mallogrado escriptor e naturalista Rocha Peixoto, diz em uma das chronicas scientificas que compõem o livro intitulado *A Terra Portugueza*:

«São innumeradas e bem conhecidas as suas communicações á Academia franceza, tanta é a amabilidade do auctor em as offerecer aos interessados. O principe de Monaco e os dois Bonapartes, excepções da sua casta, serão sempre estimaveis. sob o seu aspecto de trabalhadores, na incontestada democracia do saber. Seria mesmo um processo habil



MONTE-CARLO — OS EIRADOS

Internacional, actualmente estabelecido em Ponta Delgada.

Referindo-se ainda ao notavel soberano, que tantos pontos de contacto e semelhança tem com o nosso malaventurado rei D. Carlos, o sr. Eugenio Pacheco fala já em 1889 do numero incalculavel de iniciativas e trabalhos no campo da Sciencia e da Arte que o principe tem favorecido, com uma larga protecção moral e com os recursos da sua bolsa, e acrescenta:

«De facto, não ha por assim dizer, em França, obra arrojada, invento de alcance, estudo dispendioso, cuja historia não ande alliada ao nome do principe de Monaco.»

para se tolerarem os principes, se, quando intelligentes, os occupasse na vida um pouco de labor intellectual.»

Devem ainda accrescentar-se os seus conhecidos e variados trabalhos realizados n'estes ultimos dez annos, e em que tem cooperado os mais sabios especialistas.

Immensamente rico, embora não receba um real das casas de jogo, pois que o producto dos Casinos reverte exclusivamente a favor dos cofres do Estado, é um excellente administrador da sua fortuna, com que largamente attende aquelles que a elle recorrem, pedindo auxilios para qualquer empreendimento scientifico.

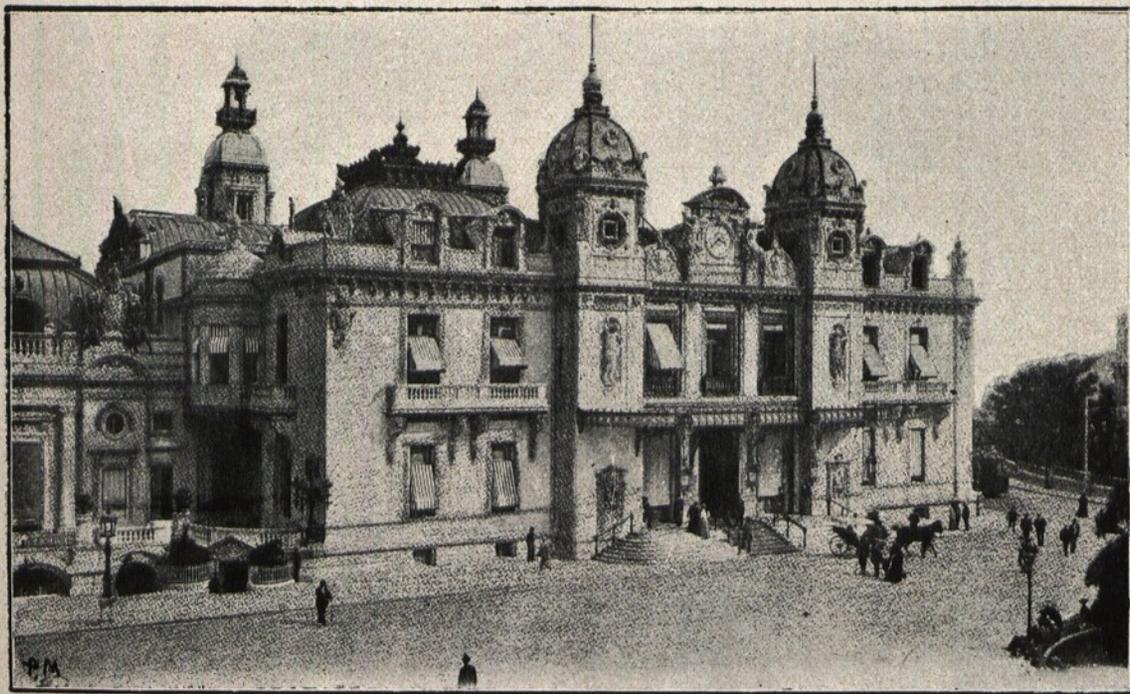
**O principado de Monaco actualmente—
Um formoso ponto de vista nos Alpes
Maritimos — O casino de Monte-Carlo**

A cinquenta e oito metros de altitude, edificada sobre um rochedo que entra pelo mar dentro uns 800 metros, Monaco, a capital, compõe-se de tres partes que são: a velha cidade, debruçada do seu promontorio, que avança para o golpho de Genova; a Condamina, situada ao fundo do porto, e que é o bairro novo; e Monte-Carlo, a parte mais

de média, a fronteira entre a Provença e a Liguria, e que, ficando a mais de mil metros acima do nivel do mar, offerece um lindissimo ponto de vista, que a despotica attracção do Casino, nem sempre deixa tempo para gozar.

A cidade de Monaco conta 3:292 habitantes, não tendo o principado todo inteiro mais de 15:180.

A sua superficie é de 21,6 kilometros quadrados, depois de ter cedido á França, em 1861, por quatro milhões de francos, as cidades de Menton, notavel pelas suas plan-



MONTE-CARLO — ENTRADA DO CASINO

moderna, estadeando-se radiosa na sua aristocratica magnificencia, palpitante de vida e avida de sensações.

A dominar Monaco, no alto da montanha, de cuja crista se abrange n'uma perspectiva feerica, as lindas e verdejantes margens da Liguria, a Corsega e os Apenninos, ergue-se a Turbia, uma ridente e pittoresca aldeia dos Alpes Maritimos.

O excursionista que tem olhos para a paisagem, depois de ter admirado as bellezas alpestres e bravias, e os magnificos jardins dos arredores de Monaco e Monte-Carlo, sente-se verdadeiramente deslumbrado se sobe a esta pequena aldeia que foi na Eda-

tações de laranjeiras, limoeiros e oliveiras, e Roquebrune, tendo então todo o principado 133 kilometros quadrados e 7:500 habitantes.

Em 1860, sacudindo o protectorado do rei da Sardenha, ficou sob a protecção da França e considerado como territorio francez. Os seus principaes artigos de exportação são: azeite, laranjas, perfumarias, licôres, louça artistica e tecidos de algodão.

O clima em Monaco é delicioso, mas não deve ser a temperatura, que no verão é de vinte graus e no inverno de doze, não descendo nunca a zero, — que chama a este minusculo estado que parece esconder-se á

sombra das palmeiras, dos myrtos e dos eucalyptos, a brilhante multidão de estrangeiros que ali se acotovella.

Não é também a curiosidade de ver as ruas tortuosas do aristocratico principado,

estados circumvisinhos é concedida a entrada nas salas de jogo.

Nos jardins de inverno, nos terraços, no amphitheatro, nas salas de leitura e no café, é mais facil penetrar.



MONTE-CARLO — A RAMPA E OS HOTEIS

nem a sua comprida estrada da Corniche no alto da montanha, bordada de um e outro lado de bonitos *cottages* e de cuidados jardins.

O que ali attrae, de todas as partes do mundo, principes de sangue, millionarios, artistas celebrados, mulheres formosas — a aristocracia do sangue e do dinheiro, da beleza, do talento e até... a da curiosidade, — que é uma aristocracia especial, que tem quem póde viajar, quando não possui pergaminhos, — é sem duvida o Casino, com os seus preciosos e deslumbrantes salões dourados, faiscentes sob os jorros de luz electrica, onde as sedas, os sorrisos, os brilhantes e os olhos teem estranhas scintillações metallicas.

Não se offerece comtudo muito facil o ingresso no Casino de Monte-Carlo, que só é permittido a estrangeiros que se apresentem irreprehensivelmente trajados e possam provar a sua identidade, preenchendo varias formalidades.

A nenhum habitante da região nem dos

Durante o inverno, o Casino abre ao meio dia, mas apesar de ser muito frequentado, a verdadeira animação, agitada, febril e estonteante, só começa á noite, depois das dez horas.

Nos grandes salões de jogo, paira então um silencio pesado e sinistro, apenas interrompido, a espaços, pelo tinir do oiro e pela voz dos banqueiros.

Ahi se fazem e se desfazem fortunas entre um sorriso disfarçado e uma lagrima furtiva, n'uma atmospheria impregnada dos effluvíos enervantes das essencias de Guerlain, Atkinson e Houbigant, e o tragico palpitar desordenado dos corações sob os peitinhos de neve salpicados de constellações de rutilos brilhantes, dos millionarios que se arruinam, — ou sob as rendas preciosas e antigas e os bordados de oiro marchetados de pedrarias, da mundana que joga o ultimo luis com o apparecimento da primeira ruga.

E, como na vida afinal nada se perde, este oiro sinistro, que sáe dos doirados sa-

lões de Monte-Carlo para a algidez dos cofres do Estado, reaparece depois, n'uma radiosa transmutação, purificado em seiva que é vida, e em frescura que é innocencia, nas bellas plantas que tornam Monaco um jardim eternamente em flôr.

Mas, não obstante todas as bellezas d'este paraizo em miniatura, com o seu clima de sonho, o seu luxo feerico, as suas sombras perfumadas, os seus pincaros floridos e as suas cristas verdejantes, Alberto I indifferente ás deslumbrantes seducções do seu principado, procura nas regiões polares, aspectos que melhor se coadunem com a sua grande e bella alma de poeta e de artista; detem-se maravilhado entre as velhas neves que os seculos crystallisaram, soltando os vãos largos do seu espirito pela pureza majestosa dos espaços arcticos.

Nas ultimas paginas do seu livro *La Carrière d'un Navigateur*, assim enlevado, descreve-nos apaixonadamente o Spitisberg: — «Pincaros nús que atravessam ás vezes o seu lençol de neve; campos de gelo que enchem as enseadas ou circumdam os promontorios; os *icebergs* que fluctuam como phantasmas sobre o theatro dos dramas concluidos; a morna vegetação que sobrevive

ás florestas sepultadas sob os sedimentos; a languidez dos animaes e finalmente a noite que em cada anno envolve por muito tempo este logar; tudo annuncia uma fadiga da vida, a agonia de um mundo, o regresso da materia fatigada de transformações aos meios ethereos. Como a gente se sentiria bem aqui para morrer, entre a saudade das affeições perdidas, das separações crueis e dos sonhos de felicidade; longe das paixões nascidas com os vicios da humanidade.»

Não admira pois que Alberto I abandone o seu palacio que se eleva lá nas alturas de Monaco, á banal curiosidade d'aquelles que ali vão extasiar-se ante a sumptuosidade dos seus salões doirados ou vermelhos depois de terem passado pelo salão côr de rosa de Monte-Carlo. Mas, após a gelida visão de Spitisberg, quem não sentirá a nostalgia da vida ruidosa e quente de Monaco?! Subimos então em espirito, aquella soberba rampa que vae de um extremo a outro do principado, indagando onde fica Turbia ou Monte Argel, e, nos eirados de Monte-Carlo, misturando-nos na turba cosmopolita, experimentamos de novo o alegre prazer de viver.

CACILDA DE CASTRO.



MONTE-CARLO — O CAFÉ DE PARIS E A ENTRADA DO CASINO



ESPERANDO...

Iam as horas lentas caminhando
N'um suave poente côr de rosa,
Mais illusões e sonhos transportando
Para as sombras da noite pavorosa...

Passava pelo azul sereno e brando
Uma nuvem ou outra vagarosa,
E a esperança de ver-te ia findando
Na minha alma feliz e receosa...

Começou de toldar-se o azul em roda,
Deseeu mais sombra e a natureza toda
Anciosa de paz adormeceu!

Sem ti, meu doce Bem, minha alegria
Toda a luz, todo o sol de que servia?
E dentro do meu peito anoiteceu...

Tomitilla de Carvalho



POR

Alice e Claude Askew

«N'esse dia, o seu vestido era da mais linda côr, d'um ouro avermelhado, e com os enfeites que melhor condiziam com a sua juventude.»

Dante, o exilado florentino, o homem cujo olhar tinha penetrado a deslumbrante belleza do paraizo e os horrores do inferno, baixou a voz; mas madonna Pietra degli Serovigni inclinou ainda mais a cabeça, para não perder uma palavra do que elle dissesse, porque o grande exilado estava descrevendo o seu amor pela divina Beatriz, esse amor superior a todos os amores.

«A primeira vez que ella appareceu ante os meus olhos, teria talvez nove annos, e assim que eu vi aquella deliciosa creança, murmurei á minha alma: «A suprema belleza acaba de te ser revelada.» — Dante fez uma pausa; o seu rosto tornou-se brilhante: — «Oh! Era um anjo!» — exclamou; depois, suspirou fundamente. — «Foi o começo de tudo, para mim. Desde aquella hora, fiquei para sempre preso ao encanto da mais divina creatura que viveu na terra. Emanava d'ella todo o encanto feminino. Movia-se n'uma atmospheria de luz tão pura, que o olhar humano não podia fital-a, sem deslumbrar-se. Tinha uma voz onde se ouviam gorgeios de passaros, murmurio do mar, o canto da brisa, o terno som da lyra.»

«Via-a muitas vezes?» — perguntou Pietra, brincando com o seu colar de diamantes,

entretecendo-o nos dedos delicados. Dante curvou a cabeça.

«Muitas vezes, na minha mocidade, fui procural-a. Seu digno pae, Folco Portinari, recebia-me com grande amizade, e eu achava Beatriz tão nobre e tão digna de admiração, que só podia dizer d'ella, o que Homero disse de uma outra: — «Não parecia da terra, parecia do céu.»

Ergueu a cabeça, olhou em torno de si, depois para madonna Pietra, sem reparar sequer no seu rico vestido de velludo, verde como um campo na primavera, nem para o seu diadema de brilhantes, nem para o cabello annelado e louro; — porque todas as mulheres do mundo eram tão indifferentes a Dante Alighieri, como as flôres d'um jardim. Para elle, só havia uma mulher; as graciosas creaturas que pretendiam a sua amizade nada o interessavam, eram sombras que passavam; e madonna Pietra, como as outras.

Madonna Pietra còrou, o seu collo, branco como alabastro, purpureou-se tambem, e os seus olhos tomaram uma expressão de profundo interesse.

«E' admiravel», — murmurou ella, — «ouvir a sua narrativa, Dante; mas diga-me, quando foi que esse amor tão puro, pela sua dama, floriu e se transformou? Porque essa paixão infantil devia ter-se tornado mais forte, mais poderosa, quando ambos cresceram e se tornaram um homem e uma

mulher. Ha sempre uma occasião, em que um rapaz novo olha para uma rapariga e comprehende o que é amar, como seu pae já o comprehendeu, antes d'elle.

Dante franziu a larga frente, e Pietra sentando-se melhor entre as almofadas bordadas da sua cadeira de espaldar, sorriu docemente, dizendo comsigo, que havia de obrigar Dante a dizer-lhe como tinha amado essa mulher que morrera, Beatriz Portinari; se a tinha amado com paixão espirital e pura, como diziam todos os que o conheciam, ou com paixão humana, quente e poderosa.

«Quereria fazer-lhe comprehender, madonna», — murmurou o grande exilado, depois d'uma longa pausa, — «que nada havia de vulgar na minha verdadeira paixão por Beatriz; e comtudo, um dia, n'aquelle justamente em que fazia nove annos que os meus olhos pela primeira vez contemplaram a mais graciosa fórma humana», — sorriu ternamente ao evocar aquella imagem — um dia, appareceu-me essa divina creatura, vestida de branco, entre duas outras lindas mulheres mais velhas do que ella, e passando por uma rua, pousou em mim o seu olhar. Senti então, como se uma doce confusão dos meus sentidos me perturbasse; por certo foram esquecidas as phantasias infantis, no extranho deslumbramento que se apoderou de mim, provocado pela adoravel belleza d'aquella linda mulher. Os seus labios deviam ser tão doces e quentes ao contacto, como as petalas cahidas d'uma rosa vermelha, e o seu halito, mais perfumado que ellas. As suas mãos! eu bem sabia que aquellas pallidas mãos tocariam as fibras do meu coração, e inspirariam a minha alma a todas as harmonias do amor, emquanto eu mal tocava nos seus delicados dedos. Sim, notei os divinos contornos do seu busto, sob o velludo do riquissimo vestido, a graça do seu andar. Nenhuma flôr, ainda a mais delicada, poderia egualar aquella belleza feita de castidade, coroada de pureza.»

A sua voz era intensa e persuasiva, os seus olhos brilhavam, os labios tremiam; depois, continuou vagarosamente:

«Saudou-me com inexcedivel cortezia, e devo confessar-lhe, madonna» — Dante sentou-se e approximou-se mais da linda mulher com quem estava fallando «que na

subita presença da minha amada, que agora attingiu os limites da perfeição, me senti desfallecer, como todos os amantes desfallecem, e sonhei o que outros homens sonham. Vi no horizonte da minha phantasia, Beatriz, como minha esposa. Corri brandamente as cortinas do nosso leito nupcial. Tive sonhos febris, loucos, embriagantes. Ah! Abandonei a sua presença com os labios ardentes, labios queimados de sêde, porque ainda não tinha apprendido, que o amor tem pensamentos mais sublimes que o casamento humano, e que as mais profundas paixões da alma, ultrapassam todas as emoções da carne.»

«Madonna Beatriz casou», — observou ella lentamente, — «e deixou a casa de seu pae para ser noiva. O que pensa d'esse casamento, Dante?»

Havia uma leve malicia na voz de madonna Pietra, e os seus olhos observavam-n'o.

Dante escondeu o rosto entre as mãos, calou-se durante algum tempo, e respondeu á pergunta com grande cortezia:

«Que havia eu de pensar sobre o casamento de Beatriz? Em que poderia elle affectar qualquer de nós? Seus paes mandaram, ella obedeceu; o casamento significava tão pouco para ella, que o acceitou pacientemente, como supportaria qualquer outro destino na terra; a sua doce alma foi vestal até ao ultimo dia, uma vestal consagrada a Deus. . .»

«Não o amava então a si, n'esse tempo; era fria como a neve, era uma pallida amante desapaixonada e insensivel. . .»

Madonna Pietra ao dizer isto franziu levemente os labios vermelhos, e concertou uma prega do vestido. Habituada como estava a ter o elogio e o amôr de todos, mal podia comprehender a belleza da paixão que Dante e Beatriz tinham um pelo outro, e julgava que o grande exilado a estava ludibriando. Não percebia como tão poucas provas d'amôr tinham produzido o maior dos amôres da terra, e que o homem cujos versos tinham immortalizado Beatriz, nunca tivesse beijado os labios que adorava, nem acariciado o seu cabello, nem apertado nas suas, as mãos d'ella. Pietra degli Serovigni estava descontente e mostrou-o n'um gesto petulante.

Dante ergueu-se da cadeira. Era um homem alto, e a sua figura esbelta, mais alto



MADONNA PIETRA INCLINOU-SE PARA TRAZ COM UM PEQUENO GRITO

o fazia parecer; havia n'elle um não sei quê, que o distinguia dos outros homens. Tinha

uma expressão ativa e triste ao mesmo tempo. No seu olhar brilhava o genio.

Madonna Pietra, inclinou-se para traz na cadeira d'espaldar, com um pequeno grito, assustada, quando elle se levantou e ficou erecto em frente d'ella.

Assustada d'aquelle homem tão alto e delgado, na sua veste de velludo, o homem que uns chamavam *diabo* e outros *santo*, assustada como uma criança que teme o que não comprehende, receiando ter provocado a sua ira pela ultima referencia a Beatriz, — pois bem sabia que, incorrer no odio de Dante, era arriscar-se a uma vingança que podia ser eterna — porque este grande poeta entre os poetas, assim procedia com os seus amigos e inimigos, achando logar para os que amava, nas suas visões do paraizo, e para os que odiava, nas mais horriveis descripções do seu inferno.

«Diz que a minha dama me não amava, a minha divina Beatriz, porque os nossos encontros não tinham caricias, e porque o seu destino a conduziu para o caminho do dever, longe, bem longe d'aquelles que se divertem amando?»

Erguendo as mãos, continuou:

«Madonna Pietra só vê o «Desejo», esse que se disfarça em «Amôr» e não o eguala nunca, pois o amôr puro, innocente, caminha despido por nada ter que esconder.»

Dante parou um momento; depois dirigiu-se para a janella pela qual ia entrando o clarão avermelhado do pôr do sol. Encostou-se ao peitoril e fixou o olhar ancioso no céu.

Pietra degli Serovigni, respirou mais á vontade; o olhar do poeta era extranho; agradou-lhe que elle se tivesse encaminhado para a janella.

«Madonna Beatriz tem no seu peito uma lampada que arde e se queima, de fórma que o seu espirito vive em fogo ardente.» — Dante ergueu a voz triumphante. — «Ella, que era da pallidez da perola, não podia viver entre os homens; assim, foi para o céu, onde está gozando a córte celeste, e banhando-se de harmonia e paz. Não foi a morte que m'a roubou; foi um anjo que de novo a fez nascer. Além d'isso, a lampada que arde no seu peito, queimou-lhe a carne e vestiu-a de immortalidade. Nada havia n'ella de humano; assim, a morte lhe foi suave. Fechou os olhos e abriu-os no céu.»

Dante baixou a altiva cabeça.

«Oh! profunda admiração, de que uma tão divina creatura pudesse pensar em mim! E comtudo, a sua alma e a minha, experimentaram os mais profundos mysterios da união, e desposaram-se para sempre. Nós, cujos labios nunca se uniram na terra, conhecemos um tal amplexo d'espirito, que podemos lamentar aquelles cujo amôr termina com a morte, e se satisfazem com o triste prazer que a carne concede, desconhecendo o delicioso extase que sentem os que amam com o espirito, com o que teem em si de melhor, com a alma! Oh! Madonna, madonna, — voltou o rosto, e olhou solemnemente para Pietra — «confesso-lhe que Beatriz me amou desde o primeiro momento da sua vida, e foi-me dada pela sua alma e é minha para sempre. Isto posso eu jurar-lh'o, e não me lamento. Pense bem no que eu ganhei, em compensação do que perdi. Em verdade, o corpo d'aquella divina creatura, não era nem para o meu culto, nem para o meu amôr; os vermes destroem-n'o talvez agora; mas a alma, quem tem o poder de a destruir? Para mim, ella está viva!» — O seu rosto brilhava enquanto dizia isto e os seus olhos tinham uma expressão sobrenatural. — «Oh! a communhão de que gosamos!» exclamou elle; — «Beatriz inclina para mim o seu rosto, e eu ergo para ella o meu! E dou graças Áquelle que a tudo dá vida, por ter podido escrever sobre a minha divina amada, o que nunca foi escripto de mulher alguma. Agora espero que o meu espirito possa ir ver a gloria da sua dama, para eternamente repousar junto d'ella.»

Deixou de falar e ficou como que extasiado; pareceu a madonna Pietra, que um extranho e subtil aroma perfumava a sala com uma indescriptivel fragancia e sentiu como que o bater d'umas azas.

Fugiu da sala escura, porque aquella mulher de ligeiros amôres e facil humor, essa cortejada belleza, teve uma curiosa sensação de que, se estivesse ali mais tempo, tiraria os seus braceletes, o seu diadema, os seus anneis, os seus velludos e sedas, a sua vaidade, reconduziria os seus apaixonados e sentar-se-hia na escuridão, ouvindo a voz da sua alma; mas depressa afastou de si aquelle pesadello.

«Creio que Dante e Beatriz estão communicando um com o outro! Que Deus me



ESTARIA SÓ?

preserve d'estes amóres a distancia!» —
murmurou ella fechando a porta atraz de si.

Depois foi procurar Cino e Guido e ou-
tros amigos, madonna Selvaggia e Diamante.

a sua aia preferida, a que sabia, entre todas, fazel-a bella.

«Vamos jogar qualquer coisa», — disse Pietra, — «ou vamos contar alguma historia alegre. Dante encheu-me o espirito de trevas.»

Mas córou ao dizer isto, porque sabia que Dante, sósinho na sala, Dante o exilado, estava gozando um bem que ella nunca conheceria. Estaria só? Pensou em Beatriz.

«Vamos comer e beber porque a morte vem sempre demasiado depressa», — continuou rindo; depois abriu nervosamente o leque de plumas; — o que quereria Dante dizer com o seu: «Nascer de novo?»

.....
Mas Dante, de joelhos, na sala escura de carvalho esculpido, poderia explicar-lh'o, se ella lh'o fôsse perguntar.

Dante ajoelhava perante o Amôr!

Traducção de B. DE SALLES.



Em surdina

(De Verlaine)

*Deixemos, á luz suave
Filtrada por tanta flôr,
Penetrar bem nosso amor
D'este silencio tão grave.*

*Alma e coração fundamos
Entre os arômas ligeiros.
Que os silvestres medronheiros
'Spalham co'a sombra dos ramos.*

*Fecha os teus olhos ideaes,
Deita em meu peito a cabeça,
E o coração que adormeça
Que não pense em nada mais.*

*Que nos enleie a magia
D'aragem dôce; não vês
Como estremece a teus pés
A fresca relva macia? . . .*

*E quando fôrmos sentindo
A grande solemnidade
Que annuncia a magestade
Da noite que vem surgindo,*

*Cuidarás ouvir vibrar
O côro das nossas penas . . .
— E, entre as folhas serenas,
Um rouxinol a cantar.*



GRUPO GERAL DA CANTINA ESCOLAR DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, COM 150 CRIANÇAS

Hygiene escolar

I

O movimento a favor da hygiene escolar

Em todas as nações cultas estuda-se com interesse o problema da hygiene escolar. As academias, os congressos e a imprensa occupam-se com enthusiasmo d'esta questão. Organizam-se ligas e associações; criam-se as cantinas escolares, as colonias de ferias e as Waldschulen; dá-se maior desenvolvimento á inspecção sanitaria; presta-se mais cuidado ás condições hygienicas do edificio e do mobiliario escolar.

A' iniciativa particular e á dedicacão de alguns medicos deve-se esse poderoso movimento a favor da hygiene, commum á Europa e á America.

A hygiene escolar tem um objecto muito complexo. Intervenem na escolha do local e

na construcção do edificio, no mobiliario que na escola se emprega, no material de ensino usado para a instrucção. Dirige-se aos alumnos, quer para robustecer e defender o seu organismo, quer para conhecer os seus defeitos anatomicos ou physiologicos, quer para evitar a propagação de doenças contagiosas.

II

O edificio escolar

A casa da escola, a sua installação, a distribuição das classes, constituem a principal preocupação do hygienista. Comprehende-se que a casa da escola deve reunir todas as condições indicadas pela esperiencia e pela sciencia; só assim se tornará o meio apropriado para o desenvolvimento physico, intellectual e moral da criança.

A cooperação que as sciencias se prestam

entre si, permite ao architecto moderno estudar as construcções escolares não só quanto á solidez, capacidade e elegancia, mas tambem quanto aos preceitos hygienicos e pedagogicos que os especialistas recommendam e a esperiencia consagra. Desta collaboração surgiram em todos os paizes os planos das construcções escolares. Cada sala constroe-se com a superficie julgada sufficiente para um numero racional de alumnos. Attende-se ao espaço que cada alumno reclama para se mexer livremente. Fixa-se a cubagem necessaria para a respiração das crianças. Prestá-se o maior cuidado á renovação permanente do ar por meio de ventiladores appropriados. A iluminação deve merecer toda a solitudine do architecto. «A luz solar destroe o bacillus em algumas horas; a luz diffusa um pouco mais lentamente», diz Grancher. A distribuição racional da luz é de grande importancia, porque convem evitar que a má distribuição produza perturbações na vista.

Não ha comtudo necessidade de edificios sumptuosos e muito elegantes. O que se reclama é espaço, ar, e luz, e não luxo. Onde o sol entra, não entra o medico, diz um proverbio italiano.

A utilidade dos preceitos que interessam a construcção geral dos edificios escolares, não se discute hoje na sua essencia; apenas pode haver divergencias no grau de applicação. E, se esta applicação não é directa e immediata, se nos differentes paizes não se construíram todos os edificios necessarios, a causa está em que o desenvolvimento economico das nações é mais lento que o progresso da sciencia, da clinica e do laboratorio.

A França que fez enormes sacrificios com a criação de novas escolas e com a construcção de edificios em condições hygienicas e pedagogicas, sente a insufficiencia das escolas existentes. A frequencia escolar, augmentando de dia para dia, não permite observar a instrucção ministerial de 18 de janeiro de 1887. Essa instrucção fixou o numero maximo dos logares em 50, e calculou a superficie em 1,250 m. q. por alumno. As classes recebem diariamente 60, 80 e 100 alumnos.

Na Inglaterra uma sala de classe, construida para 60 alumnos, é frequentada por 116 crianças.

Nessas condições como poderia um magistrado condemnar na França ou na Inglaterra os pais que por motivos de hygiene não mandassem os filhos á escola?

III

A conservação e a limpeza da escola

O professor não pode por sua propria iniciativa modificar facilmente as condições defeituosas d'uma escola; mas tem uma missão importante a desempenhar. Pertence-lhe manter a sua escola limpa, aceiada e em ordem. Deve além d'isso arejar as classes, isto é, abrir todas as janellas, quando os alumnos lá não estão. Como disse a este respeito miss Nigthingale: as portas fizeram-se para estarem fechadas, e as janellas para estarem abertas.

Quanto ao processo que deve ser usado para limpeza, transcrevemos o que diz o sr. dr. Costa Saccadura: «A estas faltas junta-se o uso de certas praticas seguidas geralmente em todas as escolas, como é a varredura a sêcco. De todos é conhecido o perigo enorme que resulta de levantamento de nuvens de pó, sobretudo quando essa varredura é feita pelos proprios alumnos, o que acontece em muitas escolas. Como a qualidade e estado dos pavimentos não permitem o uso da passagem do chão a panno humido, seria conveniente que a varredura se fizesse com a espersão previa de serradura embebida em um antiseptico».

A varredura pelos alumnos, recommendada por muitos como uma lição util de cousas, é geralmente condemnada pelos hygienistas. Intende-se que o beneficio que d'esse trabalho tiram os alumnos, é minimo ao lado dos perigos de infecção que correm.

IV

O mobiliario e o material de ensino

No mobiliario escolar a hygiene realisou notaveis progressos. O antigo banco sem encosto, que torturava e deformava as crianças, tende a desaparecer. Construem-se carteiras e bancos adaptados á altura dos alumnos, o que outrora não succedia. Sendo

as carteiras e os bancos todos eguaes, o alumno mais novo vê-se obrigado a equilíbrios impossiveis para se sustentar; e o mais alto procura posições que o torturam, deformam-lhe o corpo, e perturbam o seu desenvolvimento organico.

As carteiras tambem se fabricam de modo que o descanso e a posição do corpo permitta o desenvolvimento normal e progressivo, evite desordens organicas e funcionais, e elimine a tortura e o mal estar, uma das causas perturbadoras da attenção.

Se bem que a hygiene e a pedagogia tenham já assentado em preceitos fundamentais com respeito ao mobiliario, ha ainda divergencias relativamente ao typo perferivel. á materia do fabrico, á maior ou menor simplicidade.

Não deve isso surprehender, porque em questões d'esta natureza é difficil ou impossivel alcançar a perfeição mathematica e abranger n'uma unica formula tantas ideias dispersas. D'ahi resulta que os novos ensaios de mobiliario se mantem por muito tempo no terreno da theoria pura antes de serem universalmente acceites. Outras vezes, depois de acceites, uma nova circumstancia antes desconhecida e inesperadamente revelada faz com que se abandone esse mobiliario com grave prejuizo para o industrial.

O material de ensino tambem se tem aperfeiçoado dia a dia, diversificando-se, ampliando-se, melhorando-se. O que dissemos do mobiliario, applica-se ao material.

Estas questões de mobiliario e material

resolvem-se principalmente pela experiencia. Mas para isto é preciso dispor de recursos sufficientes que permittam sem graves prejuizos abandonar hoje o que a pratica condemnou, adoptar o mobiliario e o material usado pelos paizes mais cultos, e incorporar sem exforço nem sacrificios todos os progressos sancionados pela opinião publica scientifica. Em resumo: estamos ainda longe da perfeição quanto ao mobiliario e material de ensino.

V

O alumno

O alumno, quanto á hygiene escolar, pode considerar-se sob quatro aspectos:

1.^o O alumno que, sem estar enfermo, pode ser o vehiculo de doenças infecto-contagiosas;

2.^o O alumno, enfermo de doença infecto-contagiosa, agente da propagação do mal que soffre;

3.^o O alumno que, sem estar ostensivamente enfermo, leva no seu organismo a doença em estado latente.

4.^o O alumno que tem alguma

anormalidade psychica não perceptivel á primeira vista, e que só pode ser apreciada por um facultativo intelligente.

Um alumno pode estar são, e comtudo ser o vehiculo de doenças infecto-contagiosas. Sabe-se que apezar do contagio indiscutivel de certas doenças, esse contagio não se produz fatalmente em todos os casos. Pode uma pessoa estar em contacto directo com doenças contagiosas graves, sem tomar quaesquer precauções prophylaticas, e comtudo não ser atacado.



ESCOLA PAROCHIAL DE S. SEBASTIÃO

Seja qual fôr a causa do phenomeno, é certo que elle se produz com frequencia.

Por isso um alumno são pode transmittir uma enfermidade gravissima, que n'elle se não manifesta por nenhum signal visivel.

D'ahi deriva a necessidade d'uma vigilancia permanente que deve accentuar-se em occasiões de epidemia ou de propagação periodica de determinadas doenças.

Essa vigilancia só em parte pode ser realisada pelo mestre. Ha só um meio de a tornar efficaz; é assegurar o concurso permanente das auctoridades de toda a ordem na cooperação da hygiene escolar.

O alumno enfermo pode communicar á escola a doença de que soffre.

Ou seja pela ignorancia do mal ou por falta de carinho é frequente apresentarem-se na escola crianças atacadas de sarampo, escarlatina, varioloide, tuberculose, etc., em qualquer periodo da evolução d'essas doenças.

Separar a criança dos seus companheiros, seguir o desenvolvimento da doença fóra da escola, verificar o processo da convalescença, o restabelecimento, as medidas de desinfecção tomadas dentro de casa, são precauções indispensaveis, porque d'ellas depende a saude de muitos logares e a tranquillidade de muitas familias.

Entre essas doenças tem principal importancia a terrivel tuberculose, de que adeante falaremos.

O alumno, ostensivamente são, leva no seu organismo o germen de todas as doenças.

Este caso é talvez o mais frequente. Nos grandes centros industriaes sobre tudo, por virtude da intensidade da vida, e das misérias materiaes e moraes, são numerosas na escola as creanças rachiticas, limphaticas, escrofulosas, anemicas, isto é, atacadas d'aquellas enfermidades que predispõem para a tuberculose.

Essas doenças podem ter origem ou na residencia em locaes insalubres, sem ar, sem luz e sem sol, ou no nascimento de paes enfermiços.

Compreende-se que, observando as crianças na escola, se sentisse a necessidade de atacar a tuberculose nos estabelecimentos de instrucção primaria e secundaria. A lueta começou em 1898. Não obstante a indifferença dos poderes publicos e das familias, emprehenderam-se em alguns paizes traba-

lhos importantes. Organizaram-se com esse fim ligas e associações. No congresso internacional de hygiene escolar realisado em Londres o problema foi descuido, entrando n'essa discussão medicos eminentes como Gourichon, Passyrek, Macnamara, etc. A liga contra a tuberculose na Suecia emprehendeu trabalhos importantes para perseverar a infancia do mal.

A' iniciativa particular e á dedicacão de alguns medicos deve-se esse poderoso movimento que se observa na Europa e na America a favor d'uma questão de interesse vital para o futuro d'um paiz

Pensa-se que é preferivel prevenir e salvar a tempo milhares de existencias predispostas para a tuberculose do que prestar assistencia e acudir só quando para a morte não ha remedio.

«En matiere de tuberculose, diz o dr. Grancher, la defensive est une mauvaise pratique et c'est un acte d'imprevoyance que le budget paiera fort cher; car il devra plus tard depenser des sommes enormes en faveur des phtisiques averés pour des resultats très mediocres.»

E recordando a phrase de Pasteur, solta o grito de alarme: «Sauvons la graine»!

Entre nós o sr. dr. Costa Sacadura segue na mesma corrente: «E assim a prophylaxia anti-tuberculosa escolar alliviaria os dispensarios e sanatorios da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, as consultas e enfermarias dos hospitaes e outros estabelecimentos de beneficencia quer officiaes quer particulares»...

«Poupariamos assim em vidas e em dinheiro e produziriamos uma população mais valida e mais feliz.»

Parece averiguado pelas estatisticas que a tuberculose pulmonar declarada manifesta-se raras vezes (1 por 500) na idade correspondente ao periodo escolar (dos 5 aos 15 annos). A mortalidade pela tuberculose durante o periodo escolar é extremamente fraca (de 7 a 15, 5 por 10:000).

No congresso de Londres Newscholne provou em face das estatisticas que a mortalidade por tuberculose na idade de 5 a 15 annos é mais baixa que em outro qualquer periodo da existencia. E calcula em cêrca de 7 por 10:000 os casos de morte annualmente durante o periodo da obrigacão escolar. Essa percentagem é inferior á das escolas de Paris, onde, segundo Vauthier, é de 15, 5 por 10:000

Não obstante as estatísticas sobre a tuberculose escolar serem ainda confusas e incompletas, pode considerar-se como positivo o facto de ser no periodo escolar relativamente baixa a percentagem da mortalidade pela tuberculose.

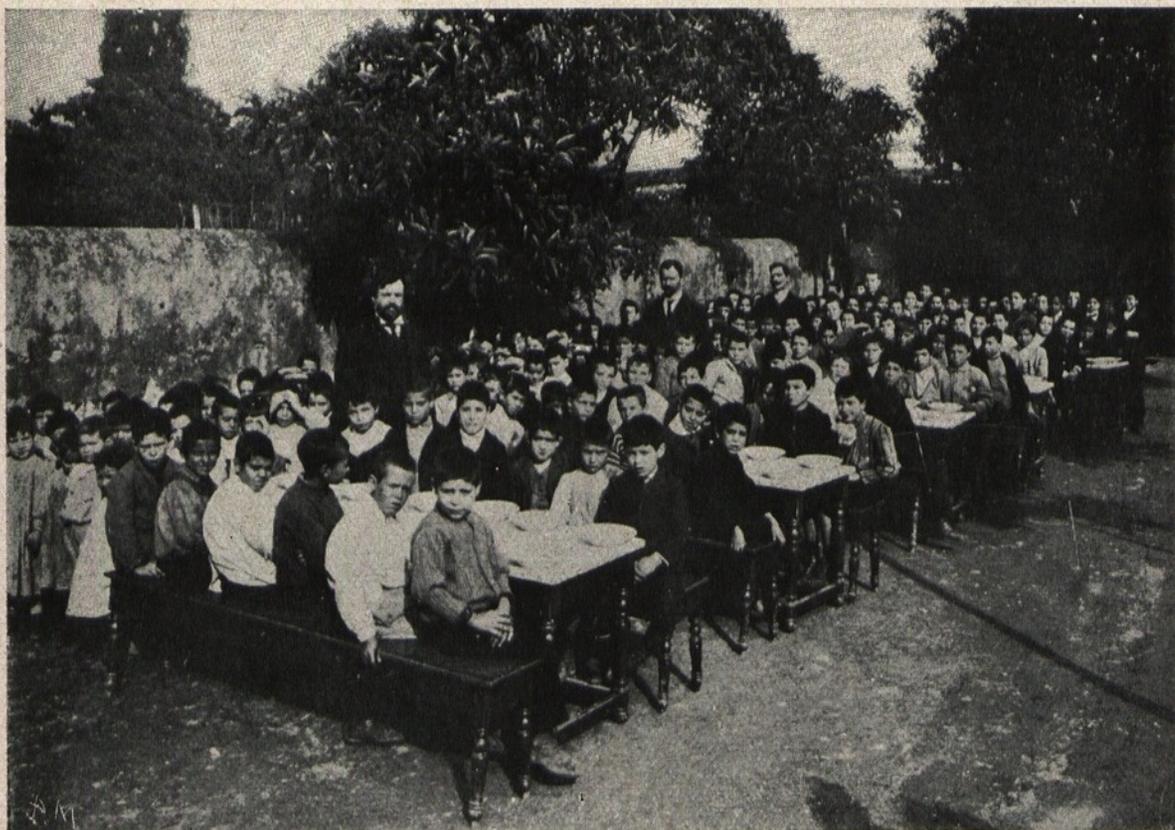
O que se encontra na escola é a tuberculose latente sob a forma ganglionar. Essa doença, encoberta até á adolescencia, manifesta-se quando começa a fadiga, o crescimento, a vida do atelier, etc. Na escola

esse fim, além d'um edificio e mobiliario hygienico, são as cantinas escolares, as colonias de ferias, as Waldschulen, os sanatorios para a infancia.

VI

A cantina escolar

A cantina escolar é de grande importancia na hygiene geral; e é a primeira em hygiene pedagogica, porque o desenvolvimento da criança está subordinado á quan-



CANTINA ESCOLAR DE S. SEBASTIÃO — O 1.º GRUPO Á ESPERA DA REFEIÇÃO, E AO LADO O 2.º GRUPO

ha sobretudo candidatos á tuberculose. D'ahi a necessidade de atacar nas crianças que a frequentam, o lymphatismo, a escrofulose, a anemia, etc.

Tambem no congresso de Londres se descutiu a origem da tuberculose escolar. Segundo Gourichon e Grancher a tuberculose infantil não vem da escola, mas da familia.

Por conseguinte a lucta anti-tuberculosa bem dirigida consistirá em robustecer o organismo, tornando-o apto para no futuro resistir ao bacillo.

Até hoje os meios aconselhados para

tidade e á natureza da sua alimentação (Le Gendre).

No seu relatorio ao congresso de tuberculose de 1905, Mery dizia: «A obra da cantina pode tambem ser um auxiliar poderoso na lucta contra a tuberculose».

A instituição da cantina, no primeiro periodo da sua evolução, lucta ainda com imperfeições, deficiencias, e exageros.

Pode ser considerada no seu regimen economico, juridico e hygienico. E sob qualquer d'estes aspectos ainda nada ha de positivamente assente.

A quem pertence a criação e a administração da cantina? ao município? Na Italia algumas communas, bem poucas, criaram e admnistram cantinas. Mas o maior numero recusa-se ao encargo. No nosso paiz tal beneficio não seria licito espera-lo das corporações administrativas.

Na falta dos municipios compete ao Estado o encargo de organizar esse serviço? Era o que pedia o dr. Joblonski que no congresso de hygiene escolar de 1905 propoz o estabelecimento obrigatorio de cantinas escolares a cargo do Estado.



DISTRIBUIÇÃO DAS REFEIÇÕES

Em Paris as cantinas dependem das caixas escolares. E, como essas caixas escolares são autonomas, as cantinas por ellas organisadas, não apresentam uniformidade.

Em Lisbóa, a cantina das escolas parochiaes de S. Sebastião da Pedreira é devida á iniciativa da commissão de beneficencia.

Quanto ao regimen administrativo, pois, a cantina que pelo seu desenvolvimento se vai tornando uma instituição social, não adquiriu ainda uma regulamentação conveniente.

Um dos problemas mais delicados da cantina é a selecção da sua clientela.

A cantina destina-se a offerecer uma refeição quente entre as classes da manhã e

as da tarde aos filhos das familias necessitadas, e ás creanças cujos paes estão de dia fóra de casa. Outra cousa é preciso considerar; é que a melhor das cantinas nunca substituirá a boa refeição dada em casa. Sob o ponto de vista educativo a creança tem necessidade do contacto familiar.

Portanto; quanto á selecção, é preciso desviar da cantina os alumnos que podem encontrar em casa uma alimentação bem preparada e substancial.

Esta medida impõe-se por duas razões:

1.º Porque convém evitar a accumulção de creanças na cantina.

2.º Porque ha a tendencia para considerar a cantina, não como uma obra de pura beneficencia, mas como uma especie de restaurant, onde cada um por meio do seu dinheiro se julga com o direito a uma refeição. E d'esta fórmula muitas familias desembaraçam-se de dia dos seus filhos. E' comodo para os paes, mas mau

para a creança, para a escola e para a cantina

Em Paris funcionam cêrca de 400 cantinas que em 1906 foram frequentadas por 39:870 creanças, ou 22 0/0 da população escolar.

O dr. Eduard Petol, inspector geral, descobriu os abusos provenientes da clientela mal seleccionada, protesta energicamente contra elles, e diz que a cantina não foi creada «pour que des profeteurs et des habilles l'exploitent.»

M. Huleux, referindo-se a este assumpto, diz que na cantina só deveriam admittir-se três categorias de crianças: as que pertencem a familias pobres e cujo estado de

saude não poderia accommodar-se com a alimentação insufficiente e defeituosa que teriam em casa; aquelles cujos paes estão ausentes de casa; e emfim os que habitam longe da escola para poderem voltar.

Outro assumpto importante é o *menú* da cantina. Sobre este ponto de vista a cantina é ainda muito imperfeita.

Sabe-se que o *menú* deve ser sufficiente e adaptado ás necessidades d'uma alimentação racional. Outra qualidade deverá ter o *menú*: variado.

Para este caso necessario se torna a intervenção do medico e o bom senso da mulher.

Onde se deve installar a cantina? outro problema. Os hygienistas condemnam o funcionamento da cantina nas salas do recreio, das classes, ou das reuniões.

Ordinariamente á falta de local a cantina installa-se n'uma sala sem as convenientes condições hygienicas.

Outras recommendações se fazem, quanto aos utensilios, limpeza, ordem; e não são inuteis essas recommendações. Se as cantinas estão destinadas a viver, se são uteis e indispensaveis, urge organiza-las por fórma que satisfaçam á pedagogia e á hygiene.

Uma cosinha confortavelmente installada, um *lavabo* em que as crianças lavariam as mãos antes e depois da refeição, uma toalha limpa, um talher, um copo e um guardanapo para cada criança, vigilância, intervenção do medico para a escolha dos alimentos, um pessoal bem educado e cuidadoso, são cousas que é preciso conside-

rar, são cousas que se impõem, se quizermos que a cantina constitua um progresso.

VIII

Colonias de ferias

Estão hoje a desenvolver-se as colonias de ferias para as creanças doentes ou anemicas, e mesmo para os estudantes das grandes cidades. Ha as colonias do campo, da montanha e do mar. Não se pode negar a importancia d'esses estabelecimentos, nem desconhecer o grande valor hygienico e

moral que poderão adquirir. Mas não se lhe devem exagerar os beneficios. Se as considerarmos como um meio de lucta contra a tuberculose, a instituição das colonias escolares é d'uma importancia restricta e de resultados in-



AS CRIANÇAS NO RECREIO

completos. N'isto concordam os medicos hygienistas. Não é em um ou dois mezes que pode produzir-se a cura definitiva da anemia, da escrofulose e do lymphatismo. A creança, passado esse curto periodo, volta ao mesmo meio; e as melhoras ou forças que adquiriu, perdem-se em pouco tempo.

O campo de acção da colonia está limitado a certas categorias de crianças, antes fatigadas que doentes ou predispostas para a tuberculose.

Em Portugal conhece-se só a experiencia feita pelo inspector da 3.^a circunscipção escolar do reino que installou uma colonia escolar na Foz, e conseguiu já sustenta-la durante duas épocas balneares.

Para essa colonia foram escolhidas entre

as crianças das escolas officiaes do Porto 30 das mais affectadas ou das mais predispostas. Os resultados tem sido satisfactorios.

A instituição da colonia escolar faz surgir diversos problemas: a selecção dos colonos, a proveniencia dos recursos pecuniarios, e o regimen juridico.

A selecção dos colonos compete ao inspector sanitario. Os recursos pecuniarios só podem provir da iniciativa particular que deveria ser ajudada n'esta generosa obra de beneficencia pelas camaras municipaes das grandes cidades, e estimulada pela dedicacção e propaganda dos inspectores escolares.

Com respeito ao regimen juridico foi o assumpto ardentemente discutido no congresso internacional de hygiene escolar de Londres. Não se chegou a accôrdo. Uns querem-nas livres, *voluntarias*, com a intervenção directa das familias. Outros defenderam a intervenção official.

IX

As Waldschulen

Reconhecida a insufficiencia da colonia para curar radicalmente a tuberculose latente, recorreu-se ás escolas ao ar livre, chamadas na Allemanha *Waldschulen* ou escolas da floresta.

Foi realmente n'este paiz que se criou a primeira escola d'este genero. E' a escola de Charlottenburg. Em seguida veio a Inglaterra (Manchester), a França, etc.

Destinam-se esses estabelecimentos a collocar numa escola situada em plena floresta as creanças das escolas da cidade cujo estado de saude exige mais que a permanencia de um ou dois mezes na colonia de ferias.

A clientela é constituida por anemicos, tuberculosos, cardiacos e escrofulosos. Exceptuam-se porém os tuberculosos no periodo da expectoração. A primeira escolha é feita pelo inspector sanitario, e a segunda pelo medico da escola. A selecção é o mais rigorosa possivel para evitar as fraudes.

A escola conserva as crianças pelo tempo preciso para se realizar a cura definitiva; limita o numero dos que frequentam cada classe; evita a surmenage; mantem o ensino, sempre que é possivel, ao ar livre; distribue methodicamente as horas de repouso e de trabalho; e associa á educação intellectual a gymnastica, subordinada ao exame previo e conscencioso dos alumnos.

A installação é simples; a construcção limita-se ao mais usual.

Em 1907 o numero dos alumnos em Charlottenburg foi de 234, assim distribuidos:

Anemicos	104
Escrofulosos	63
Doentes do pulmão	56
Doentes do coração	11

A experiencia produziu magnificos resultados.

No periodo do mais rigoroso inverno os alumnos voltam a frequentar as escolas da cidade, o que se reconheceu ser inconveniente, porque muitas vezes destroem-se os effeitos beneficos da habitação na floresta. Pensa-se em completar a instituição, de fórma que os alumnos possam viver permanentemente na *Waldschulen* um periodo indefinido, de verão e de inverno, até á cura completa.

O professor Grancher para curar a tuberculose ganglio-pulmonar das creanças pobres das escolas, propoz á Academia de Medicina de Paris um dos dois meios:

1.^o Collocação das crianças atacadas de tuberculose ligeira e latente em casa de familias do campo, ás quaes se daria uma mensalidade sufficiente. A criança frequentaria a escola da communa, e ficaria sujeita á inspecção do medico.

2.^o A collocação das crianças em sanatorios-escolas, onde continuariam os estudos, sub a vigilancia do medico.

A municipalidade de Paris a que se correu, auxiliará a proposta de Grancher?



Dôr de viver

*Dôr de viver... Nalguns indefinida,
Noutros silente; noutros explosiva...
Não! Ninguém ha, que um só momento viva,
Sem que essa dôr, em tal momento, o aggrida.*

*Quem ama, espera, crê, teme, duvida,
Quem trabalha, quem lucta, quem se esquiva,
Ha de, afinal, sentir a intimativa
De que a dôr se reduz de tudo a vida.*

*Sempre o gôzo um relampago indeciso...
Zumbe a incerteza em torno do sorriso,
Negro insecto ante a flôr que mal brotou...*

*Jesus, tomando a condição humana,
Viú a Dôr, tão geral, tão soberana,
Que nunca riu e, muita vez, chorou!*

Augusto de Sá



I

Sophocles

«*Ajax*» — «*Trachinianas*» — «*Cedipo-rei*» — «*Philocteto*» — «*Electra*» — «*Cedipo em Colona*» — «*Antigona*» — *Ion* — *Iophon* — *Melitos* — *Neophron de Sycione* — *Melanthios* — *Nicomaco* — *Moschion* — *Philocles* — *Euphorion* — *Marsimos* — *Aches* — *Critias* — *O acroama* — *Anapiesma* — *Escada de Charonte* — *Commos* — *Monodias* — *Protase* — *Spondaule* — *O theoricon*.

O maior rival de Eschylo foi Sophocles. Este poeta tragico nasceu no burgo de Colona, perto de Athenas, entre 497 e 495 antes da era christã. Pertencia á rica burguezia da Attica, e era filho de um industrial chamado Sophillos. Estudou com paixão os poetas nacionaes da Grecia, Homero, as cyclicas, as lyricas, as elegiacas. Estudou musica com Lampros, um dos melhores professores da época. Ao mesmo tempo frequentava assiduamente a palestra.

Em 480, depois da victoria de Salamina, por occasião das acções de graça celebradas pelos athenienses, foi encarregado de dirigir o côro dos mancebos que tocavam lyra. Sophocles estreou-se no theatro em 469 ou 468 com uma tetralogia e venceu Eschylo. Conforme o costume do tempo, representou mesmo em algumas das suas peças: desempenhou por exemplo

o papel de Nausica e o do aedo Thamyris. Mais tarde renunciou a apparecer em scena, mas continuou a tomar parte na maioria dos concursos. Obteve muitos triumphos e nunca, assegura-se, desceu abaixo da segunda classe; no affirmar de tradições um pouco divergentes, ganhou dezoito, vinte ou vinte e quatro victorias.

Desempenhou entremettes algumas funcções politicas ou financeiras; foi *hellenótamo* e duas vezes estrateja, sacerdote do heroe meda Alcon, etc. De sua mulher Nicostrata, Sophocles teve varios filhos, entre outros Iophon, que se tornou poeta tragico. Com o rodar dos annos ligou-se com Theoris, cortezan de Sycione; teve d'ella um filho chamado Ariston, que foi igualmente poeta tragico e pae do poeta Sophocles, o joven. Entre estes filhos de origem e situação diferentes rebentaram desavenças, o que originou um processo judicial, deformado pela lenda, que accusa os filhos de Sophocles de terem requerido a interdicção do pae. Estes conflictos domesticos entristeceram a velhice do poeta. No seu tumulo foi gravada uma sereia, emblema da sua poesia, e offereceram-se-lhe sacrificios annuaes como a um heroe.

Sophocles, sem falar d'outras poesias, compoz grande numero de peças; provavelmente cento e treze ou cento e vinte e tres, sendo d'estas uns vinte dramas satiricos. De muitas d'estas peças só conhecemos

o titulo e fragmentos. Até á época actual só chegaram inteiras sete tragedias: *Ajax*, *Antigona*, *Electra*, *Cedipo-rei*, *As Trachi-*



SOPHOCLES
(Estatua antiga
muzeu de Latrão)

nianas, *Philocteto e Œdipo em Colona*. Atribuem-se a Sophocles diversas innovações dramaticas: renunciou á tetralogia ligada, introduziu o terceiro actor, elevou de doze a quinze o numero de coristas, imaginou a decoração pintada do fundo da scena. Diminuiu a parte do lyrismo, transmitiu á linguagem tragica mais naturalidade, variedade e maleabilidade. Principalmente hauriu o principio da acção na vontade humana, fundou o drama psychologico estudando os caracteres, tirando da alma as peripecias da intriga.

A tragedia *Ajax* de Sophocles apresenta o seguinte entrecho: Depois da morte de Achilles, os chefes dos gregos, reunidos em assembléa presentearam Ulysses com as armas do heroe. Ajax, que lh'as tinha disputado, furioso com o triumpho, levanta-se de noite para se vingar d'esta affronta. Minerva, protectora dos gregos, desvaira-lhe o juizo e desvia os seus golpes sobre os rebanhos que constituíam os despojos do exercito. Saciado de morticinio, Ajax entra na sua barraca, conduzindo encadeados alguns dos animaes sobre os quaes descarregara a sua colera. De subito volta-lhe a razão, reconhece em que abysmo o lançou a colera dos deuses, mede a extensão do seu infortunio e resolve abandonar uma vida deshonorada.

O assumpto da tragedia de Sophocles baseia-se na realização d'este proposito. A passagem mais notavel é o monologo de Ajax luctando contra as imagens tentadoras da vida que elle vae perder.

A tragedia as *Trachinianas*, affirma-se ter sido representada, em 440, mas a data é muito incerta. Esta peça tem por eixo principal a morte de Heraclio. As personagens são, com Heraclio: Dejanira, sua mulher; Hyllos, seu filho; Lichas companheiro do heroe; a ama de Dejanira; uma escrava, um velho, um mensageiro. O côro compõe-se de um grupo de raparigas de Trachina, cidade da Thessalia, onde deslisa a acção. Culpado de uma morte involuntaria, Heraclio exila-se; sua mulher ignora a sua sorte e receia que o marido tenha succumbido. Seu filho Hyllos vem communicar-lhe que o heroe está no cêrco de Œchalia. Quasi logo, Dejanira sabe que Heraclio, victorioso, está a ponto de chegar, e que Lichas, seu companheiro o precede com um bando de ca-

ptivas. Dejanira adivinha uma rival em Iola, filha do rei vencido. Arranca a verdade a Lichas. No seu desespero, resolve servir-se da tunica molhada em sangue do centauro Nesso, que deve restituir-lhe o amor do marido. Dejanira encarrega Lichas de levar a tunica a Heraclio. Apenas Lichas parte descobre que a tunica está envenenada. Dejanira delibera então suicidar-se. Surge no theatro um cortejo lugubre; são os habitantes de Eubéa que transportam a Trachina Heraclio, sem voz, sem movimento. Recuperando os sentidos aos gritos de desespero de Hyllos, descreve os seus soffrimentos horriveis e pede vingança contra a perfidia da esposa. Hyllos informa o pae da morte e da innocencia de Dejanira. Heraclio comprehende que os oraculos se cumpriram e que chegou a sua hora. Obriga seu filho a jurar-lhe que o queimará ainda vivo e que desposará essa Iola, causa da sua morte. O heroe é levado para longe, em obediencia ás suas ordens.

Esta peça, a mais fraca das tragedias de Sophocles, contém scenas commovedoras, e no emtanto, no conjunto é pouco dramatica. O papel de Dejanira é interessante, mas desigual.

A tragedia *Œdipo-rei* foi representada em Athenas em 415. O assumpto, tirado das lendas do cyclo thebano, assenta na descoberta que faz Œdipo dos seus crimes involuntarios e no terrivel castigo que a si mesmo inflige. A acção decorre em Thebas, defronte do palacio de Œdipo. As personagens, além de Œdipo são: Jocasta sua mulher, Creon seu cunhado, o adivinho Tiresias, um gran-sacerdote e escravos. O côro é constituído por velhos thebanos. No principio do drama, sabe-se que a peste desola a cidade de Thebas. O povo agglomera-se defronte do palacio e, pela bocca do gran-sacerdote, supplica ao rei que lhe valha. Œdipo responde que mandou seu cunhado a Delphos para ali consultar o oraculo. Com effeito chega Creon, trazendo a resposta do deus: a peste durará enquanto não forem castigados os assassinos de Laio. Œdipo lança terriveis maldições contra os assassinos desconhecidos, e começa um inquerito. Consulta Tiresias, em seguida um antigo serviçal que sobreviveu ao assassino de Laio, depois um mensageiro que vem de Corintho, annunciando a morte do

rei Polybo, após este a propria Jocasta. No decorrer de todos estes interrogatorios, brilha a verdade pouco a pouco: Œdipo descobre que é elle mesmo o assassino de Laio, que matou seu pae e casou com sua mãe. Jocasta enforca-se de desespero; Œdipo arranca os olhos e condemna-se ao exilio, á vida miseravel de um vagabundo.

A fatalidade delineou todo o drama, sem comtudo aniquilar a vontade humana; o orgulho e a violencia do rei concorreram com o seu contingente para as desgraças com que o acabrunha o destino. Pela maneira admiravel como a peça é conduzida, pela inquietação crescente e angustia que se transforma em piedade, pelo interesse dramatico e observação psychologica, pela verdade das personagens o *Œdipo-rei* é considerado, com justo motivo, a obra prima de Sophocles e de todo o theatro grego. Por esta razão o *Œdipo-rei* foi muitas vezes imitado ou traduzido; em Roma por Seneca, em Inglaterra por Dryden; em França por Corneille, La Motte, Voltaire, J. Chenier, Julio Lacroix, etc.

Philocteto appareceu em scena em 409 antes de Christo. A peça baseia-se sobre os esforços tentados pelos gregos para arrancar a Philocteto, abandonado ha dez annos na ilha de Lemnos, o arco e as frechas de Heraclio, o que lhes permittiria triumphar de Troia. Ulysses encarrega-se da negociação, mas receando a vingança d'aquelle que abandonou, incumbe o joven Neoptolemo, filho de Achilles, de captar a confiança de Philocteto por meio de uma narrativa mentirosa. Philocteto breve concede toda a sua amizade ao filho do seu antigo companheiro de armas. Neoptolemo conta-lhe que, privado pelos atrides, em favor de Ulysses, das armas de seu pae, volta para os seus estados e promete-lhe reconduzi-lo á sua patria. Philocteto cede-lhe sem desconfiança o seu arco e as suas frechas. Ulysses surge então, e Philocteto despede sobre o filho de Achilles justas imprecações. Ulysses declara a Philocteto que, se

se recusar a embarcar com elles, Neoptolemo e elle levarão as suas frechas. A estas palavras o desespero de Philocteto não conhece limites, mas o filho de Achilles restitue-lhe as suas armas e Ulysses retira-se ameaçando-o com a colera dos gregos. De subito, Heraclio, apparecendo n'uma nuvem, ordena ao seu antigo amigo que parta para Troia com as armas que lhe legou. Annuncia-lhe ao mesmo tempo a sua futura cura por Asclepios. Philocteto, Ulysses e Neoptolemo partem reconciliados.

Este assumpto fôra tratado já por Eschylo e Eurípides em 431. A tragedia de Sophocles é notavel pela simplicidade da execução e variedade dos sentimentos. Foi imitada, entre os romanos, por Accio; modernamente por Laharpe e tambem por Fénelon no livro xv do *Telemaco*.

O entrecho da *Electra* é, como o das *Chæphoras* de Eschylo, o assassino de Clytemnestra por Orestes, mas Sophocles modificou em muitos pontos os elementos de Eschylo. Distribue o papel principal a *Electra*. Orestes volta a Mycena, por ordem de um oraculo de Delphos, para ahi vingar a morte de seu pae. Depressa se mostra a *Electra*. Ignorando ainda a chegada de seu irmão, exalta-se com as suas demoras. Censura tambem sua irmã *Chrysothemis* a quem accusa de fraqueza. Uma scena pathetica entre Clytemnestra e sua filha *Electra* acaba de desenhar os caracteres. Um mensageiro vem participar a morte de Orestes. A esta nova, *Electra* desespera-se, ao passo que Clytemnestra deixa transparecer a sua alegria. Manda entrar o emissario no palacio. Surge o proprio Orestes, trazendo a urna funeraria que se diz conter os seus restos. Por essa dôr profunda, Orestes reconhece sua irman, e dá-se-lhe a conhecer. Acalmados os seus primeiros transportes, ergue-se de novo deante d'elles o espectro da vingança. Orestes precipita-se para o palacio; ouve-se Clytemnestra implorar perdão a seu filho, que a ameaça.



ŒDIPPO E A ESFINGE
(Quadro de Gustave Moreau)

— Repete, se podes — exclama Electra.

A arte do poeta é tal, que o horror do parricidio de Orestes e do grito feroz de Electra desvanecese. Alguns instantes depois, o tyranno Egistho cae immolado sobre o corpo de Clytemnestra.

Os tragicos gregos fornecem-nos tal quantidade de personagens bem tratadas, que se encheriam volumes a descrevê-las. N'esta tragedia, o character de Chrysothemis, filha de Agamemnon e de Clytemnestra, é um bello traço de contraste theatral. Sophocles caprichou em o pintar amavel e compadecido, ao passo que o de sua irman Electra é arrebatado e eivado de excessivos rancor.

Edipo em Colona foi representado em Athenas em 401, quatro annos depois da morte do poeta, graças ás diligencias do seu neto Sophocles, o joven. Segundo uma tradição, um tanto suspeita, Sophocles foi accusado por seus filhos de mal gerir os seus bens, e os filhos, como atraz dissemos, intentaram contra elle um processo de interdicção: por unica defesa, Sophocles contentou-se em ler aos juizes o côro do *Edipo em Colona*, que contém um magnifico elogio a Athenas. Embora não faça parte da mesma trilogia, e, embora tenha mesmo sido composta muitos annos depois, esta tragedia é sequencia do *Edipo-rei*. O seu desenvolvimento filia-se na chegada de *Edipo* a Attica, na sua morte mysteriosa e na sua apotheose no bosque sagrado das Eumenides. A acção decorre em Colona, burgo vizinho de Athenas. As personagens são, além de *Edipo*: suas filhas Antígona e Ismenia; seu filho Polynice; seu cunhado Creon. Theseu, rei de Athenas; um estrangeiro e um mensageiro. O côro compõe-se de velhos de Colona. No principio, *Edipo*, guiado por Antígona, vem buscar um asilo a Attica. E' bem acolhido pelos habitantes do burgo. Quando sabe que o bosque proximo é o bosque das Erinnyas, recorda-se das predições do oraculo e conclue que está proxima a sua ultima hora. Theseu offerece-lhe hospitalidade em Attica. Mas em Thebas, onde

os dois partidos disputam o poder, um oraculo promette a victoria ao partido que possuir *Edipo* ou o seu tumulo. Polynice e Creon, cada um por sua vez, procuram o exilado e tentam levá-lo com elles; ambos são repellidos. Creon vingase raptando Antígona e Ismenia, mas Theseu intervem e obriga a entregar as duas raparigas. Finalmente *Edipo* entra no bosque das Erinnyas e ali desaparece no meio dos relampagos e do ribombar dos trovões.

Apesar do interesse dos episodios a acção apresenta poucos attractivos dramaticos. Mas a tragedia é muito commovente e formosissima. Sophocles pintou admiravelmente a majestade do velho rei, mendigo e proscripto, a sua apotheose, a piedade de Antígona e tambem o

scenario: essa Athenas que se avista no ultimo plano e cuja gloria é gabada em tantos coros celebres.

Antígona constitue a sequencia do *Edipo rei* e do *Edipo em Colona*. Creon, proclamado rei de Thebas depois da morte dos dois filhos de *Edipo*, prohibira sob pena de morte que se sepultasse Polynice, para o punir de ter originado a guerra civil na sua patria; mas Antígona, escutando apenas as inspirações da piedade fraternal, arrostou com a prohibição de Creon. O tyranno pronuncia contra ella a pena de morte. Nem a dôr de Hemon, seu filho, que ama Antígona, nem as ameaças do adivinho Terecias o abrandam. Antígona morre victima da sua dedicação: condemnada a morrer de fome numa caverna, enforca-se. Creon, porém, soffre o castigo da sua crueldade. Hemon suicida-se.

A obra de Sophocles é bella e intensa n'um triplo ponto de vista. Em primeiro logar, criou Antígona, um typo admiravel de mulher, em que a alma meiga e timida, «feita para amar e não para odiar» se desdobra n'uma heroina revoltada contra todos os decretos arbitrarios que offendem a humanidade. Traça, além d'isso, maravilhosamente, a versatilidade das multidões. Veem-se ali os velhos thebanos dar simultaneamente



PHILOCTETO NA ILHA DE LEMNOS
(Pintura n'um vaso antigo)

razão, depois que cada um falou, a Hemon, a Creon e a Antígona, mas calando-se ante o oppressor e banindo para lhe agradar, toda a especie de piedade. Em terceiro lugar, a obra de Sophocles exprime maximas generosas sobre os deveres do cidadão e sobre as obrigações impostas ao chefe do Estado; a primeira d'ellas é sacrificar ao bem publico os seus affectos particulares. Demais o poeta, tão nobre e tão tocante, desfez, contra a tyrannia, accents inspirados de um odio vigoroso e patriótico.

Contemporaneo de Sophocles cita-nos a Historia um grupo importante de poetas tragicos. São elles:

Ion, historiador tambem, nascido em Chios, entre 484 e 481 antes de Christo, e fallecido em Athenas em 422. Veiu muito novo para Athenas e ligou-se ali com Cimon, Eschylo e Sophocles. Compoz uma immensidade de obras. Apenas possuímos alguns fragmentos d'ellas: um livro sobre a *Fundação de Chios*, um tratado de philosophia intitulado *Triades*, *Memo-rias*, poesias lyricas e tragedias. Obteve premios em diversos concursos. Na opinião de Longin, as suas peças tinham elegancia, mas accusavam escassez de vigor.

Iophon era filho de Sophocles e foi durante muito tempo seu collaborador. Compoz por sua conta cincoenta tragedias e dramas satiricos. Um d'estes intitulava-se *As Auledes* e obteve varios premios. Accusaram-no de se ter apropriado das obras de seu pae. No entanto, em 405, depois da morte de Sophocles e de Eurípides, Iophon era considerado por Aristophanes como o primeiro poeta tragico vivo. Só existem d'elle fragmentos.

Melitos ou Meletos foi um poeta a quem Aristophanes não poupou zombarias. Pouco, porém, sabemos de preciso sobre as suas tragedias e os seus dramas satiricos. Compoz uma *Cedipodia*. Foi um dos accusadores de Socrates. Espalhou-se, sem prova certa, que

os athenienses o lapidaram mais tarde, em 400, como calumniador.

Neophron de Sycione escreveu cento e vinte dramas. Todos perdidos. A sua obra mais celebre foi uma *Medéa*, que Eurípides imitou, em 431. Possuímos d'ella tres fragmentos, insertos nos *Tragicorum graecorum fragmenta* de Wagner e de Nauck.

Temos depois Melanthios, filho de Philocles e sobrinho de Eschylo; que escreveu tambem uma *Medéa*; os poetas comicos do seu tempo, Eupolis, Pherecrato e Aristophanes motejaram da sua gulotonice, do seu espirito brigão e da sua versificação. Nicomaco, que escreveu um *Cedipo* e que venceu Eurípides n'um concurso. Moschion, que compoz comedias e tragedias, e, entre outras, as peças historicas intituladas *The- mistocles e os Habitantes de Pheres*. Philocles, sobrinho de Eschylo e pae dos poetas Melanthios, atraz citado, e de Marsimos; conhecemos os titulos d'algumas das suas peças: um *Priamo*, uma *Penelope*, uma tetralogia, a *Pandionide*, que comprehendia um drama satirico intitulado *Teréa*.

Cleophon, o tragico, era muito apreciado por Aristoteles, que insiste principalmente sobre o caracter realista da sua poesia; conhecemos por Suidas os titulos de algumas das suas peças: *Acteon*, *Amphiraos*, *Achilles*, as *Bacchantes*, *Thyesta*, *Telepho*, etc.

Além destes apontam-se ainda os nomes de Euphotion, filho de Eschylo; de Marsinos, filho de Philocles; de Acheo de Eretria; e de Critias.

Por este tempo tinham-se introduzido varios melhoramentos no theatro e diversões dos gregos. Um d'elles

foi o *acroama* ou intermedio de musica instrumental nos divertimentos publicos, idéa que mais tarde os romanos aproveitaram transformando-o em recreio dramatico ou musical das casas particulares ou na leitura feita por um escravo.

Foi igualmente aperfeiçoado o *anapiesma* ou alçapão por meio do qual os gregos fa-



MEDÉA

(Quadro de Delacroix)

ziam surgir ante a assistencia as aparições divinas ou fantasticas de certas tragedias. Havia tambem a chamada *escada de Charonte*, escada que conduzia á scena e pela qual subiam os figurantes que simulavam as sombras dos mortos ou das divindades fluviaes. A porta que ficava atraz da scena ou dos bastidores, o *postscenio*, foi mais largamente aberta.

Na parte litteraria tambem se tinham dado modificações importantes. Dos *arnodos* ou *rhapsodos*, que compareciam nas assembléas, e cujo trabalho era, de ordinario, recompensado com um carneiro, aos auctores e actores da época de Sophocles, havia immenso caminho andado. O *commos* ou parte lyrica da tragedia grega, e que entrava nos coros tambem tinha experimentado progressos. O *commos* era sempre triste ou grave.

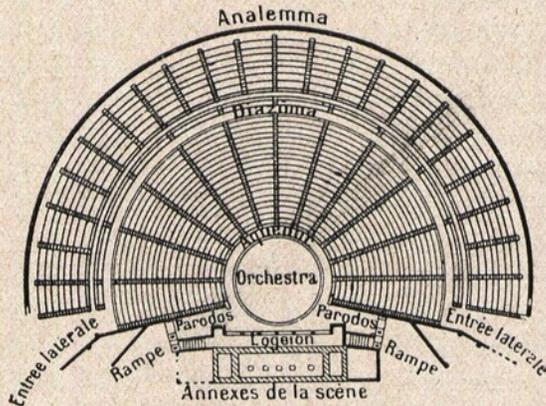
Na sua origem devia ter sido apenas uma lamentação funebre. E com frequencia, nas tragedias, era um canto de luto, cantado successivamente por um ou mais actores e pelo côro. Mas, algumas vezes, era simplesmente um dialogo lyrico entre o côro e as personagens. Era sempre antes ou depois de um acontecimento grave que o côro se recolhia, por assim dizer no *commos*, e, pelas suas reflexões ou seus presentimentos obrigava o espectador a meditar com elle o que acabava de ver, de se passar ou do que se esperava. O assumpto do *commos* era a compaixão pela desventura das personagens sympathicas da peça, mas encontravam-se n'elle tambem conselhos dirigidos ás proprias personagens e destinados a fazer amadurecer d'alguma maneira as suas resoluções. O *commos*, ora só continha versos lyricos, ora era uma miscelanea de versos lyricos e de versos jambicos. Compunha-se frequentemente de estrophes symetricas.

Os coros não constituíam exclusivamente o elemento lyrico da tragedia. Havia, no mesmo papel dos actores, especies de odes ou cantos que se consideravam como fóra do drama propriamente dito. A fórmula d'estes

cantos variava: dividiam-se entre diversas personagens, sob a fórmula de dialogo, ou então eram entoados por um unico actor. N'este ultimo caso eram chamados *monodias*. Nas obras de Eurípides, o elemento lyrico perde a importancia que tinha precedentemente nos coros, para a adquirir cada vez mais no papel dos actores. Eis o motivo por que existem tragedias onde ha *monodias* extensissimas.

A *protase* ou exposição das peças, bem como o *spondaule*, nome dado primitivamente ao musico que tocava flauta dupla durante as libações ou durante os sacrificios, mais tarde canto executado durante os sacrificios e porfim recitados n'uma tragedia, melhora-ram consideravelmente.

Concluiremos este capitulo explicando o que era o *theoricon*. O *theatro* era alugado a um inquilino ou a um empresario, como se lhe chamaria hoje, denominado *theatronês* ou *architectôn*, que o devia conservar em bom estado, e que em compensação estava auctorisado a cobrar um direito de entrada de dois óbolos por pessoa para os logares ordinarios. Pericles obteve que, para tornar os espectaculos accessiveis a todos, o Estado



PLANTA DO THEATRO GREGO DE EPIDAURO

concedesse a cada cidadão pobre uma indemnisação equal ao preço dos logares ordinarios por dia de espectáculo. Mais tarde essa liberalidade estendeu-se a todas as festas officiaes. No seculo v antes da nossa era, os fundos dos *theoricons* eram administrados pelos *hellenótamos*, magistrados que recebiam os tributos dos alliados. No seculo iv, existia uma caixa especial administrada pelo thesoureiro do *theoricon*. Em 354, o povo decretou que todos os excedentes de receitas seriam lançados no cofre do *theoricon*. Em 339, Demonsthenes conseguiu que esses excedentes fossem destinados ao thesouro do exercito. O *theoricon* servia para pagar as despesas das festas e dos banquetes publicos, assim como as indemnisações do *theatro* ou das festas, aos cidadãos.

Bons tempos para o *theatro*, estes!

II

Eurípides

«*Alceste*» — «*Medéa*» — «*Hippolyto*» —
 «*As Supplicantes*» — «*Andromaca*» — «*As
 Troianas*» — «*Electra*» — «*Iphigenia em
 Taurida*» — «*Helena*» — «*Orestes*» —
 «*Iphigenia em Aulis*» — «*As Bacchantes*»
 «*Egeu*» — «*Hecuba*» — «*Heraclio fu-
 rioso*» — «*Heraclidas*» — «*Ion*» — «*As
 Phenicias*» — *Drama satirico* — «*O Cy-
 clope*» — «*Rhesos*» — *Cyanippo*.

Eurípides foi um dos maiores poetas tra-
 gicos da Grecia, Nasceu em Salamina em
 480 antes da nossa era, no proprio dia em
 que se feriu a batalha d'esse nome. Era filho
 de Mnesarchides e de Clito. Se-
 gundo uns pertencia a uma familia
 nobre, segundo outros, seu pae era
 taverneiro e sua mãe hortaliçeira.
 Fosse como fosse, Eurípides rece-
 beu uma educação completa. No di-
 zer de tradições um pouco suspeit-
 as, estudou primeiro pintura e fôra
 mesmo até athleta. O que é certo,
 é que depressa se voltou para a
 poesia e para o theatro. Aos vinte
 e cinco annos, em 455, fez repre-
 sentar a sua primeira tragedia *As
 Peliades*. A sua primeira victoria
 no concurso de tragedia data de
 440. Trabalhando sempre para o
 theatro, estudava philosophia e
 sciencias; a influencia dos philo-
 sophos e dos sophistas, de Anaxagora, de
 Protagoras ou de Prodicos, accentua-se
 muito na sua obra. Em politica pertencia
 ao partido dos innovadores; era amigo de
 Alcibiades e de Critias; em compensação
 foi alvo dos motejos de Aristophanes. Tor-
 nou-se celebre pelo seu odio ás mulheres.
 Casara duas vezes, mas não fôra feliz, nem
 com Melito, nem com Chærule. Teve, no
 entanto, tres filhos que o destino encami-
 nhou por trilhos muito diferentes: um foi
 negociante, o segundo actor, o terceiro que
 se chamava Eurípides, como seu pae, foi
 tambem poeta tragico.

No fim da sua vida, Eurípides retirou-se
 para a côrte de Archelao, rei da Macedo-
 nia. Morreu, em 406 ou 405; no affirmar
 da lenda ou foi devorado por cães, perto de

Amphipolis, ou morto por mulheres. A sua
 obra é consideravel. Ganhou cinco vezes o
 premio da tragedia, e compoz noventa e
 duas peças. A maior parte d'ellas faziam
 parte de tetralogias, ou seja um conjunto
 de quatro peças, tres tragedias e um drama
 satirico, apresentado nos concursos drama-
 ticos. Da maioria d'essas peças só se conhe-
 cem os titulos ou fragmentos. Chegaram
 até nós inteiras dezanove. Eis aquellas a que
 se pôde determinar a data com mais ou me-
 nos precisão: *Alceste*, *Medéa*, *Hippolyto*, *As
 Supplicantes*, *Andromaca*, *As Troianas*, *Ele-
 ctra*, *Iphigenia em Taurida*, *Helena*, *Orestes*,
Iphigenia em Aulis e *As Bacchantes*, esta
 ultima composta na Macedonia e represen-
 tada depois do poeta morrer.

Acêrca das seguintes peças as indicações
 chronologicas são muito menos pre-
 cisas: *Hecuba*, *Ion*, *As Phenicias*, *As
 Heraclides*, *A Loucura de Heraclio*
 e *O Cyclope*. Parece estar hoje
 assente que *Rhesos* não pertence a
 Eurípides. Comparado ao theatro
 de Eschylo e de Sophocles, o thea-
 tro de Eurípides apresenta muitas
 novidades: importancia de analyse
 psychologica das paixões amorosas
 e dos papeis das mulheres; emprego
 do pathetico, até o abuso e de cer-
 tos processos; preocupações scien-
 tificas e philosophicas; esforço para
 rejuvenescer os mythos e encon-
 trar outros assumptos; emprego dos
 prologos; phisionomia nova dos co-
 ros, que se tornam quasi indepen-



EURIPIDES
 (Museu do Vaticano)

dentes da acção; escrupulo do traje e da
 encenação. Eurípides lisonjeava o gosto do
 publico com estas innovações. Foi por isso
 muito popular em Athenas, e as repetidas
 accomettidas de Aristophanes bastam para
 o demonstrar. Pelo character do seu theatro,
 é tambem muito mais accessivel aos moder-
 nos. Inspirou com frequencia outros poetas:
 Corneille na sua *Medéa*, Racine na sua *An-
 dromaca*, na sua *Phedra* e na sua *Iphigenia*.

A tragedia *Alceste* subju á scena no anno
 439 antes da nossa era. Alceste, mulher de
 Admeto, consente em morrer em logar de
 seu marido, quando sabe que as Parcas
 tinham prometido a Apollo que elle seria
 poupado se alguém o quizesse substituir.
 Realizado o sacrificio, Hercules, impressio-
 nado com a generosidade da esposa e com

a dôr de Admeto, desce aos infernos e traz consigo a dedicadissima mulher. A grandeza simples da acção, a belleza dos versos e a pureza do estylo fazem d'esta tragedia uma das mais commovedoras da antiguidade. Sophocles tambem escreveu uma *Alcestes*.

A tragedia *Medêa* de Eurípides, uma das melhores, foi representada em 431. Tem por entrecho a vingança de Medêa, que envia a Creusa um traje envenenado, mata os filhos e foge para Athenas. As principaes personagens, além de Medêa, são: Jason; Creon, rei de Corintho; Egeu, rei de Athenas. O côro é composto por um grupo de mulheres de Corintho. A acção decorre em Corintho, de frente do palacio do rei. A peça é uma das mais patheticas de Eurípides, que pintou com maravilhoso poder o ciume de Medêa, a sua perturbação no momento de matar os filhos.

Hippolyto foi representada em 428. Era uma recomposição de uma peça anterior, perdida, e que se designa pelo nome de *Primeiro Hippolyto* ou *Hippolyto Velado*. Na tragedia que possuímos a acção decorre em Trezena. As principaes personagens são: Hippolyto e seu pae Theseu; Phedra e sua ama; Artemis e Aphrodita. O côro compõe-se de mulheres de Trezena. Eurípides põe em scena, conforme a tradição, o amor de Phedra por Hippolyto, e a morte do joven. Antes de morrer, Hippolyto reconcilia-se com seu pae, a quem Artemis revela a verdade. Esta peça é uma das obras primas de Eurípides e inspirou a Racine outra obra prima: *Phedra*.

As *Supplicantes*, tragedia de menos fôlego, foi representada em Athenas, cêrca de 420. Esta peça liga-se ao cyclo das lendas thebanas. As mães dos chefes argianos, mortos em frente de Thebas, veem implorar socorro dos athenienses para obter que lhes sejam restituídos os corpos de seus filhos. As personagens são Adrasto, rei de Argos; Theseu, rei de Athenas; Ethra, mãe de Theseu; Evadnê, viuva de Capaneu; Iphis, pae de Evadnê; uma creança, um arauto, um mensageiro; finalmente a deusa Athena que vem aconselhar Theseu. O côro compõe-se de mulheres argianas. A tragedia passa-se em Eleusis, no templo de Demeter. Ha n'esta peça pouca acção. Os fugitivos invocam o apoio de Athenas. Theseu toma a sua defesa, derrota os thebanos e presta honras fúnebres aos heroes argianos. O episodio mais

dramatico é quasi estranho á acção: Evadnê suicida-se para não sobreviver a seu marido Capaneu. O interesse principal das *Supplicantes* residia todo, para os athenienses, na politica.

Eurípides desenvolve na sua *Andromaca* o seguinte entrecho: Andromaca, captiva de Pyrrho, filho de Achilles, foi constrangida a ceder á paixão brutal do seu senhor e deu-lhe um filho, Molosso. Hermiona, mulher legitima de Pyrrho, sente violentos ciumes pela escrava. Auxiliada por seu pae Menelau, quer mandar matar Andromaca e o filho durante a ausencia de Pyrrho. Andromaca e o filho vão succumbir quando o velho Peleu, avô de Pyrrho, os arranca á morte. Hermiona, temendo o resentimento do esposo, foge com Orestes, seu parente, a quem a sua mão fôra prometida outr'ora, e ambos conseguem assassinar Pyrrho numa emboscada.

Esta tragedia é um quadro soberbo dos tempos barbaros; o character violento de Hermiona está ali maravilhosamente traçado.

As *Troianas* representaram-se em Athenas em 415. O assumpto da peça baseia-se nas desventuras de Hecuba e d'outras princezas troianas. A tragedia desenrola-se debaixo dos muros de Troia, no acampamento dos gregos, deante da barraca de Agammon. As *Troianas* são menos uma tragedia propriamente dita que uma serie de scenas patheticas, em que figuram Polyxeno, Andromaca, Hecuba. A peça termina pelo incendio de Troia. Ha nas *Troianas*, scenas admiraveis e caracteres impressionantissimos, mas não possuem nenhuma acção, nem unidade dramatica.

Eurípides na sua *Electra*, representada em 413, tratou o mesmo thema das *Chæphoras* de Eschylo e da *Electra* de Sophocles, mas modificou a tradição introduzindo-lhe um elemento romanesco. *Electra*, maltratada por Egistho, vê-se obrigada a desposar um camponez argiano, que, apesar de seu marido respeita n'ella a filha dos reis. A tragedia passa-se em frente da sua cabana; é ahi que se effectua o reconhecimento entre Orestes e sua irman. Orestes é tambem reconhecido pelo governador, graças a uma cicatriz. Egistho é assassinado por surpresa; depois Clytemnestra é attrahida a casa de filha a pretexto de um parto. A rainha cae varada pelo punhal do filho. Effectuada a vingança, Orestes e *Electra* são accommetti-

dos pelo remorso. Mas a intervenção dos dioscuros tranquilliza-os muito a proposito, e Electra casa com Pylades.

O desenvolvimento da peça é com frequência pouco verosimil, e o dialogo descamba por vezes no comico, até na parodia, como na scena em que o poeta moteja da maneira mais ou menos feliz como Eschylo, nas suas *Cæphoras*, preparou o reconhecimento de Orestes e da irman. No dizer de Plutarco, após a tomada de Athenas por Ly-sandro, n'um banquete onde se reuniram os generaes vencedores, cantou-se um côro d'esta peça. A belleza dos versos impressionou de tal modo os convivas que renunciaram a destruir Athenas.

Iphigenia em Taurida é outra tragedia de Eurípides. Não se lhe pôde bem precisar a data. A peça toma por thema a fuga de Iphigenia com Orestes. As principaes personagens são Iphigenia, Orestes, Pylades e o rei Thoas. A acção decorre em Taurida. Iphigenia, sacerdotisa do culto sanguinario de Artemis Tauropolos, deve immolar-lhe todo e qualquer fo-

rasteiro surprehendido n'essa terra. Orestes e Pylades aportam á Taurida, onde vão buscar o idolo de Artemis. Os forasteiros são conduzidos á presença da sacerdotisa. Depois de diversas peripecias, o irmão e a irman reconhecem-se. Iphigenia illude a vigilancia de Thoas; foge com Orestes e Pylades, que roubam o idolo. Como *Iphigenia em Aulis*, esta peça é principalmente interessante pela naturalidade e verdade dos sentimentos.

Eurípides fez representar a sua tragedia *Helena* em 412. Os acontecimentos deslisam em Pharos, ilha visinha á costa do Egypto. Eurípides aproveita-se d'uma lenda, já popularizada por Stesichore, que suppõe que Helena não foi realmente raptada por Páris. Ao passo que este conduzia a Troia uma

especie de manequim preparado de modo a fingir a rainha, a verdadeira Helena era transportada por Hermes ao Egypto e vivia na côrte de Protheu, rei de Pharos. No momento em que começa a peça, Protheu acaba de morrer. Seu filho e successor, Theoclymene, quer desposar Helena, mesmo á força. A rainha refugia-se perto de um altar. N'este instante apparece Menelau, a quem os ventos impelliram para o Egypto depois da tomada de Troia. Os dois esposos reconhecem-se e resolvem fugir juntos. Reunem-se, graças a Theonœ, irman de Theoclymene, que os ajuda a ludibriar o rei, e devido á intervenção dos dioscuros. O côro é composto por captivas gregas.

Orestes foi representada em Athenas, em 408. Eurípides faz girar o thema da tragedia sobre a expiação de Orestes, perseguido pelas Erennyas depois da morte de Clytemnestra e do julgamento do parricida pelo povo de Argos de fronte do palacio dos atrides. A primeira scena mostra Orestes abatido, doente, atormentado pelo remorso, mas acarinhado por Electra.

Helena, que acaba de desembarcar com Menelau, procura consolar os dois; mas tem de se occultar a toda a pressa para escapar ao furor do povo. Orestes é em seguida acometido de um ataque de delirio. No entretanto, instaura-se o processo. Tyndaro arvora-se em accusador; Menelau, que treme deante da multidão, não ousa defender o sobrinho. Pylades urde então uma conjura, que torna Orestes e Electra senhores do palacio, e que lhes entrega Hermiona como refens. Apollo intervem muito a proposito para arranjar as coisas. Apesar da belleza das primeiras scenas, a tragedia *Orestes* não é das melhores de Eurípides. Foi n'ella, contudo, que Racine se inspirou para escrever os seus *Furores de Orestes*.

Iphigenia em Aulis, uma bella peça, repre-



O RAPTO DE HELENA
(Quadro de Guido)

sentada em 405, tem por assumpto a lenda do sacrificio de Iphigenia. As principaes personagens são: Agamemnon, Achilles, Menelau, Iphigenia e Clytemnestra. Depois de longas e dolorosas hesitações, Agamemnon resigna-se a obedecer aos deuses que só farão com que a peste cesse no exercito, se sacrificar sua filha á deusa Artemis. Manda para fóra a mulher e a filha, sob pretexto de casar Iphigenia com Achilles. No ultimo momento hesita ainda, quer enviar instrucções em contrario. Menelau oppõe-se a isso brutalmente. No entrementes chegam Clytemnestra e Iphigenia. Informam-nas da verdade. Clytemnestra procura o auxilio de Achilles, que junta as suas ameaças ás das duas mulheres. Porfim, Iphigenia resigna-se, e caminha heroicamente para a morte. Breve, porém, se sabe que Artemis salvou a joven, substituindo-a por uma corça. Esta tragedia, notavel principalmente pela verdade dos sentimentos e dos caracteres, é uma das obras primas de Eurípides.

As *Bacchantes* representaram-se em 405. Teem por assumpto uma lenda dionysica do cyclo thebano: o castigo e

a morte de Pentheu, rei de Thebas, esquartejado pelos devotos de Dionisyo, menades ou bacchantes, por se ter opposto á introducção do culto d'este deus. Este drama é dos mais curiosos, e contém bellezas de primeira ordem. O poeta intercalla ali com muita habilidade a lenda e os traços arrancados ao culto real de Dionisyo ou ao orphismo. Atravessa toda a obra um grande sópro de poesia naturalista e os côros contam-se entre os mais bellos trechos lyricos da tragedia grega.

Pouco mais existe da tragedia *Egeu* de Eurípides do que fragmentos. Baseava-se n'uma lenda que Appolodoro e Pausanias nos deu a conhecer. Medéa fóra a Attica, onde desposou Egeu, rei de Athenas, Mais tarde quiz mandar matar Theseu. Mas, ven-

do o seu designio descoberto, fugiu para a Asia, levando comsigo um filho que tivera de Egeu e que se chamava Medo. Não se sabe o que poderia ser a tragedia extrahida por Eurípides d'esta lenda.

Hecuba, foi representada nos primeiros annos da guerra do Peloponeso, provavelmente em 424. A acção decorre na costa de Chersoneso, na Thracia. As principaes personagens são: Hecuba, viuva de Priamo; sua filha Polyxena; Agamemnon e Ulysses; Polymnestor, rei da Thracia, e a sombra de Polydoro, filho de Hecuba. O côro compõe-se de troianas captivas. A peça não está bem architectada; apresenta um duplo assumpto. Interessa-se primeiro pela sorte de Polyxena, que os gregos vão immolar sobre o tumulo de Achilles. A segunda parte da tragedia tem por thema a vingança de Hecuba sobre o rei da Thracia, Polymnestor. A desventurada rainha sabe que seu filho Polydoro foi assassinado por Polymnestor a quem Priamo o confiara. Arma uma cilada ao rei da Thracia e arranca-lhe os olhos. Apesar d'esta dualidade da acção, a peça encerra bellezas de



SACRIFICIO DE IPHIGENIA
(Quadro de Tiepolo)

primeira ordem. Eurípides pintou sobretudo com felicidade a dôr de Hecuba, as suas supplicas junto de Ulysses para lhe salvar a filha, e a heroica resignação de Polyxena.

A horripilante tragedia *Heraclio furioso* foi representada talvez em 420. Os acontecimentos localisam-se em Thebas, defronte do palacio de Heraclio, n'uma praça onde se ergue um altar de Zeus. As principaes personagens são: Heraclio; Amphitryão, seu pae; Megara, sua mulher; Lykos, tyranno de Thebas; Theseu, rei de Athenas. O côro compõe-se de velhos thebanos. A acção é dupla, Heraclio desce aos infernos e espalha-se o rumor da sua morte. Lykos quer mandar matar a familia do heroe; n'este momento, Heraclio reaparece e mata Lykos. Hera, porém, perturba a razão do he-

roe. N'um acesso de loucura furiosa, julgando ser a familia de Eurystheu, atravessa com as suas frechas a propria mulher e os filhos. Quando volta a si entrega-se a um violento desespero e quer suicidar-se. Amphytrião tenta socegá-lo e leva-o a Athenas para se purificar. Ha n'esta peça muito movimento, bastas coisas horrorosas e maravilhosas, mas os personagens vivem pouco. O que ha de mais interessante n'ella, é a scena do despertar de Heraclio.

As *Heraclidas* datam de 420, do tempo da alliança de Athenas com Argos. Eurípides architectou a sua tragedia sobre uma lenda, narrada mais tarde por Pausanias. As principaes personagens são: Demophon, rei de Athenas e filho de Theseu; Eurystheu, rei de Argos; Iolaos, sobrinho de Heraclio; Macaria, filha de Heraclio; Alcmena, mãe de Heraclio. O côro compõe-se de velhos athenienses. Os filhos de Heraclio, perseguidos pelo odio de Eurystheu, refugiam-se ao pé do altar de Zeus, em Marathona. Um arauto de Eurystheu quer arrancá-los d'ali. Demophon defende-os. Nasce d'ahi uma guerra, da qual os athenienses sahem vencedores, com o auxilio de Iolaos, e graças á dedicação de Macaria, que se sacrifica para obedecer a um oraculo. No decorrer do seu drama, o poeta abusa dos discursos e os caracteres são fracamente traçados.

Ion é uma tragedia que deve ter apparcido em publico nos fins do seculo v antes da nossa era. Ion, filho de Apollo e de Creusa, apenas nasceu, foi exposto n'uma gruta. Hermes transportou-o a Delphos, e confiou-o a Pythia. No entrementes, Creusa desposara Xuthos, rei de Athenas. Acompanhada de seu marido, veio consultar Pythia. Encontra no templo Ion, votado ao serviço do deus. Maravilhada com a intelligencia do mancebo, a rainha sente-se atrahida para elle por uma benevolencia instinctiva. Mas o oraculo ordena a Xuthos que adopte Ion. Suspeitando uma traição de seu marido, Creusa torna-se ciumenta, e procura mandar matar Ion. Surprehendida em flagrante, é condemnada ao supplicio. No derradeiro momento, as faixas da creança abandonada e a intervenção de Athena determinam o reconhecimento de Ion, e, por consequencia, um desenlace feliz. O interesse da peça está na descripção poetica do tem-

plo de Delphos e da vida sacerdotal. A *Athalia* de Racine é inspirada na tragedia *Ion*.

As *Phenicias* foram representadas depois do anno 413. As principaes personagens são: Jocasta, mulher de Cédipo; Creon, rei de Thebas e irmão de Jocasta; Cédipo; os seus dois filhos, Eteocle e Polynice; sua filha, Antígona; Menœceu, filho de Creon; o adivinho Tiresias. O côro compõe-se de raparigas phenicias. Eurípides aproveitou com outros meios, o assumpto que Eschylo já tratara nos *Sete contra Thebas*. Imprimiu uma nova importancia ao papel de Jocasta, que se esforça por conciliar seus filhos. As predicções de Tiresias promettem a victoria a Thebas, se um dos filhos de Creon se sacrificar. Apesar da resistencia do pae, Menœceu dedica-se heroicamente. O publico é informado por meio de bellas narrativas da derrota dos argianos, da lucta fratricida de Eteocle e de Polynice, da morte voluntaria de Jocasta. Cédipo exilado por Creon, afasta-se com sua filha Antígona. A peça abunda em scenas formosissimas, mas falta-lhe a unidade. Houve numerosas imitações das *Phenicias*, tentadas por Stacio, Seneca, Antimaco, Alfieri, Garnier, Rotrou, Racine, Legouvé, e Ducis no seu *Abufar*. Racine, que pretendia ter seguido o plano de Eurípides na sua *Thebaida*, afastou-se, pelo contrario, muito d'elle.

O *Cyclope*, drama satirico, é a unica peça d'este genero que nos foi conservada; dá uma idéa precisa do drama satirico dos gregos. O drama, como se sabe, segundo o seu sentido etymologico, deveria consistir em pôr em scena uma acção. Comprehedia, por consequencia, a tragedia e a comedia. Na realidade, e tal como nós a concebemos, diverge d'esse principio pela mescla que se faz dos elementos de uma e outra. A antiguidade classica só conheceu o drama satirico, obra n'alguma das suas partes pathetica, jogralesca n'outras, comica pelo seu desenlace, genero misto, cuja invenção foi attribuida a Pratinas de Philonte. As suas personagens eram convencionaes: Sileno, Pan, sátiros, bacchantes, em opposição aos semi-deuses e aos heroes e excitando a alegria pelo contraste.

Eurípides foi buscar ao nono canto da *Odysseia* um assumpto conhecidissimo para o seu *Cyclope*. E' o episodio de Ulysses com

o cyclope Polyphemo. No prologo, Sileno narra como, com os sátiros, seus filhos, cahiu em poder de Polyphemo. Em seguida entra o côro dos sátiros. Não tardam a apparecer Ulysses e os seus companheiros que desembarcaram n'esse instante: propõem a Sileno comprar-lhe os queijos do cyclope, e dão-lhe vinho. A apparição de Polyphemo interrompe a transacção. Sileno, apanhado em flagrante, lança a culpa sobre Ulysses, que começa a relatar as suas desventuras e procura enternecer o cyclope. Este responde com injurias e impelle para a gruta o bando dos gregos. Ulysses não se

demora a sahir d'ali, estupefacto, e conta como o monstro acaba de devorar dois dos seus companheiros. Prepara immediatamente a sua vingança. Aguarda a sahida do cyclope, offerece-lhe copo sobre copo, e embriaga-o. Polyphemo volta para a sua gruta para cozer a bebedeira. Ulysses segue-o; apesar da cobardia dos sátiros, que lhe tinham promettido todo o auxilio e que o abandonam no momento da acção, arranca o único olho ao seu adversario. Polyphemo apparece, porfim, todo ensanguentado e soltando gritos de dôr. Ulysses e os sátiros injuriam-no, afastando-se sempre para embarcar.

O *Cyclope* de Eurípides é, no tom e no desenvolvimento, uma comedia faceta; o enquadramento, porém, não ha duvida que é o de uma tragedia.

Ha historiadores que conglobam nas obras de Eurípides a tragedia *Rhesos*, mas parece

que sem razão. Essa peça data do seculo v antes de Christo, e não é a que o eminente tragico realmente compuzera com o mesmo titulo, que se perdeu. *Rhesos* é uma peça muito curiosa, cheia de movimento, de pontos pinturescos e variados. A base d'essa tragedia é a seguinte. Rhesos, rei da Thracia, vae

em soccorro de Troia no ultimo anno do cerco. Era filho do rio Strymon, e o oraculo declara que, se os cavallos beberem da agua do Xantho, Ilion será salvo. Mas Dolon trahe os troianos. Ulysses e Diomedes conseguem surprehender Rhesos no meio da noite, matam-no e levam os seus caval-

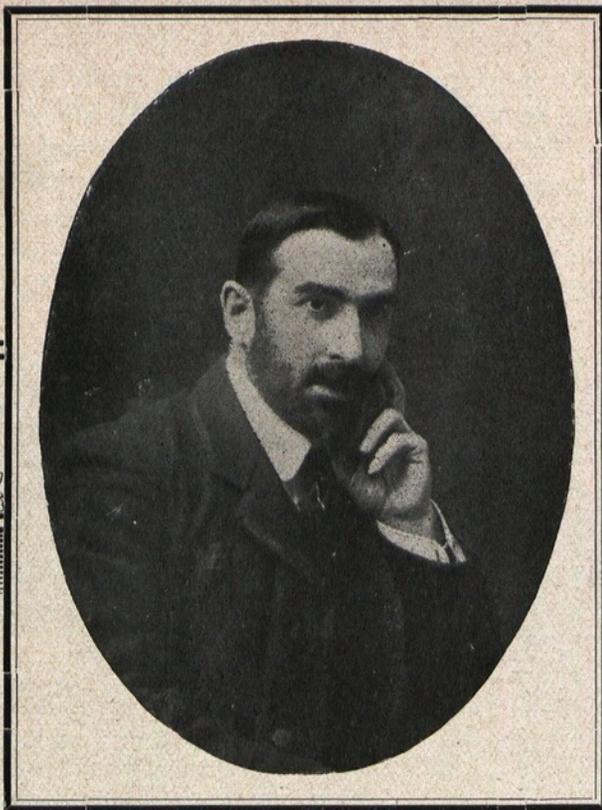
los para o acampamento dos gregos.

Um dos mythos mais aproveitados pelos tragicos gregos foi o de Cyanippo. Era sacerdote e principe de Syracusa, e, na voz da lenda, tendo zombado das festas de Dionysio, festas que foram uma das principaes origens do theatro, soffreu a punição d'esse sacrilegio, embriagando-se tão desvairadamente, que exerceu as ultimas sevicias em sua filha Cyane. A este monstruoso attentado sobreveio uma epidemia de peste que devastou a cidade. O oraculo declarou que a calamidade só terminaria quando o criminoso fôsse immolado. Cyane arrasta então o pae até o altar, mata-o e dá a morte a si mesma sobre o corpo dilacerado e palpitante de quem a infamára.

Eurípides, como Sophocles, tornou o seu nome immortal. Nenhum poeta tragico moderno conseguiu fazer ascender o seu genio mais alto.



POLYPHEMO TOCANDO FLAUTA
(Quadro de Annibal Carrache)



Ondas marconicas

I

Gostava de discernir
Porque estranha bizzarria
Mesmo sem ser a dormir
Sonho contigo de dia!

II

Não confio no que vejo,
Se é producto de sonnar,
Porque augmento o meu desejo
Ou excedo o meu pensar!

III

Prefiro ter a certeza
Do que é real, do que é vivo;
Em sonhos não ha firmeza
E eu sou muito positivo!

IV

Quero sonhar acordado
(A dormir posso illudir-me)
Que o teu olhar perturbado
Um dia se torne firme!

V

P'ra me dizer o motivo
Por que, havendo liberdade,
Eu não passe de um captivo
Do teu c pricho e vontade!

VI

A impressão, que me dás,
Só tu deves perceber-a;
Qualquer, de longe, é capaz
De namorar uma estrella!

VII

Até, de longe, consigo
(E nisso é que eu desespéro)
Trazer-te sempre comigo
Ainda quando o não quero...

VIII

Que faria se a sonhar
Exagerasse o que sinto!
Teria que acrescentar
Um sentido a mais do quinto!

IX

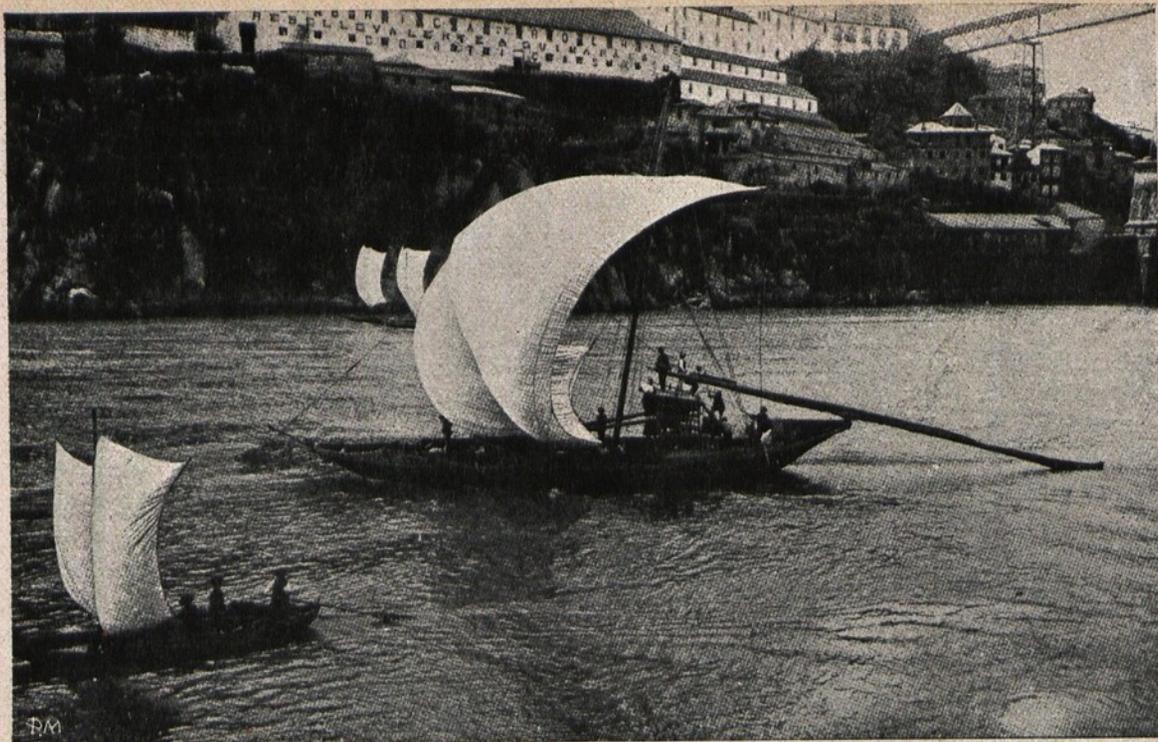
Basta que eu saiba de cór
Os encantos que te ponho,
Que não andava melhor
Trazendo-os dentro do sonho...

X

E basta ter conseguido
Occultar de toda a gente
Como andas no meu sentido
Num enleio permanente!

XI

Vendo o meu olhar tranquillo,
Ninguem pensará, decerto,
Que, de longe, eu diga aquillo
Que se diz muito ae perto!...



BARCO RABELLO, UTILISADO NA CONDUÇÃO DO VINHO DO DOURO

O VINHO DO PORTO

III

Uma phrase tomada á letra! — Negocio rendoso. — A «alagem» dos barcos no rio Douro. — Antigas «unhas aduncas». — A cultura da vinha desde a «escava» até á vindima. — A Companhia velha e as Companhias novas. — O vinho a arder. — Vinhos velhos e mercados novos. — Na quinta do Vesuvio: um banquete memoravel.



ãO devemos, antes de passar a outro assumpto, deixar de referir um facto interessante e picaresco, que se deu no Douro, entre 1810 e 1811, depois que appareceu o edital da Companhia impondo aos lavradores a pena de 25.000 réis de multa por cada pipa de vinho com que faltassem para á conta declarada no bilhete de approvação dos seus vinhos, não se lhe abonando tambem o vinho carregado, qualquer que fôsse a sua quantidade. Assim, um lavrador que tivesse arrolado 20 pipas, faltando com uma á carregação, não se lhe abonava o bilhete e tinha

de pagar 25.000 réis. Sendo certo que o vinho diminue continuamente pela evaporação, e que os toneis vão diminuindo de capacidade á medida que vão sendo rebatidos de anno para anno, impunha-se uma pena demasiado rigorosa para uma falta que nem imaginario crime chegava a ser. Uma commissão de lavradores dirigiu-se ao deputado inspector das compras da Companhia, que se achava na Regua, a expôr-lhe as suas reclamações contra a pena do edital, attendendo, como era de justiça, á evaporação do vinho, que devia ser levada em linha de conta. O funcionario em questão, ouvido o que os lavradores disseram, respondeu-lhes

com uma certa severidade: «Eu não posso derrogar as leis. Se entendem que isso é assim como expõem, o que teem a fazer é recorrer ao Rio» (porque era no Rio de Janeiro que então se achava a côrte). Os lavradores tomaram a palavra *rio* na accepção de rio Douro, entenderam que o deputado os aconselhava a acrescentar os toneis com agua, entre-olharam-se, e um, mais ousado, ainda disse: «E' então isso o que V. Ex.^a nos aconselha?» E o deputado retorquiu-lhes: «Pois claro. Não teem outra coisa a fazer».

O auctor, que narra este interessante fa-

temos aqui, esparsa, deante de nós, em dezenas e dezenas de documentos. . .

Era quem mais podia apanhar! Até havia quem não podendo *apanhar* na Regua, ou não lhe chegando o que lá *apanhava*, ainda vinha. . . *pescar* ao caminho! Dava-se isto com a chamada *alagem* dos barcos que teem de subir o Douro. Em certos pontos onde a corrente é muito forte, os barcos não a podem vencer sem o auxilio de varias juntas de bois, por terra; e a esse auxilio se chama *alar o barco*. A esses pontos difficeis de navegar chamam-se *galeiras*. Havia uma, a

certa altura do rio, que em dadas occasiões podia vencer-se com o auxilio do vento, mas como os bois, que ahi faziam o serviço de *alagem*, tinham de ser empregados n'esse serviço, para deixarem rendimento ao dono das juntas, este obrigava os barqueiros a aproveitar a *alagem* ainda que o vento lhes permittisse dispensal-a. Os bois pertenciam a um frade, Bernardo de nome, o qual, de espingarda em punho, guardava a passagem; e sempre que via vir um

barco com vento fresco, véla enfunada, e com disposição de passar a *galeira* sem precisar dos bois, gritava-lhe da margem: *Amaina! amaina, se não levas um tiro!* E o arraes lá tinha que mandar o cabo para terra, e de se esportular com o preço da *alagem*, que sem o receio do tiro houvera dispensado!

Nas occasiões de vindimas, de provas de vinho, etc., davam-se na Regua, principalmente, festins verdadeiramente pantagruelicos, e que ficaram famosos na tradição local, não só pelo seu fausto, como pelas *unhas aduncas* que patentearam á admiração das gentes. Para se fazer uma ligeira



VINDIMAS NO DOURO

Mulheres escolhendo as uvas em plena vinha

cto, acha que, com effeito, elles *recorreram ao rio*, e, por extensão, tambem *levaram recurso* até ás fontes da villa!

N'aquelles tempos o negocio do vinho era tão rendoso que dava para tudo o que fica narrado e para muito mais. Como em tudo, e em todos os tempos, havia *filhos* e havia *enteados*; para gosarem aquelles padeciam estes, embora o negocio até estes mesmos padecimentos compensasse! . . . Daria volumes a historia de quanto se praticou no Douro, n'essas épocas remotas, historia que

ideia do que seriam esses tradicionaes banquetes em honra dos empregados da Companhia, basta referir que «no ról de um d'elles figuraram 4 arrobas de canella para polvilhar os doces servidos á sobrezeza!»...

Quasi chegava para polvilhar todo o Douro!

Não consta da historia por quem e quando foi introduzida no Douro a cultura da vinha, como se não sabe, egualmente, se os processos e regras d'essa cultura foram creados ali pelos proprios cultivadores, ou imitados dos de outras regiões. Certo é, e não somos nós os primeiros a referil-o, que em taes processos ha coisas muito originaes, que não se encontram nas restantes regiões vinicolas do nosso paiz, ou sejam devidas á differença da natureza do terreno, á qual já alludimos, ou seja porque fossem transmittidas e conservadas religiosamente de geração em geração. Os *socalcos* ou degraus em que a cultura da vinha é feita no Douro, tambem se chamam *calços* ou *geios*. Para os fazer abrem-se *valleiras* nas encostas, para a construcção dos muros de suporte, variando a profundidade e a largura das *valleiras*, segundo a inclinação dos terrenos. A plantação das *cépas* faz-se em linha, com regulares intervallos de um a outro bacéllo, havendo *calços* em que podem fructificar varias linhas de *cépas*, desde que haja para isso a largura sufficiente.

Grangeio se chama a cultura, que se sub-divide nas operações de *escava*, *póda*, *empa* (ou *erguida*), *rédi* (ou *cavarasa*), o enxoframento (e a irrigação com sulfato em varios pontos), a *cáta* (para exterminar os insectos) e a *defolha*, concluindo pela *vindima*. Esta ultima operação é quasi exclusivamente feita por mulheres, que cortam os *cachos*, escolhem e separam os *bagos* seccos, ou deteriorados por qualquer motivo e que não devem ir para o lagar. Deitam os cachos limpos para umas cêstas de mão, e estas são depois despejadas, quasi sempre por mãos de rapazes, para os cêstos de vime, chamados *gigos* ou *cêstos vindimos*. Estes são então transportados ás costas dos homens para o lagar, se este é perto, ou para os carros tirados a bois, se o lagar fica distante.

Sempre que seja possivel, o lagar deve

ficar cheio em um só dia. Um ou mais trabalhadores, com enxadas proprias, espalham as uvas á medida que outros as vão lançando dos *gigos* para o lagar. Uma vez cheio este, entram para elle tantos homens quantos os que comporta a sua capacidade. Esses homens lançam os braços uns sobre os outros e assim começam o trabalho da *pisagem*, levantando alternadamente os pés, e gritando á uma, á voz do capataz — *direito! esquerdo! direito! esquerdo!* incitando-se mutuamente, sem descansar n'esse trabalho, que tambem se chama *sovar o vinho*.

Quando se verifica que o vinho está *feito* faz-se correr para os toneis; sendo então submettido á prensa o *cango*, ou *engaço*, que fica no lagar, para produzir todo o possivel resto de liquido.

Com ligeiras discrepancias ou alterações, que um ou outro viticultor vae adoptando, o fabrico do famoso vinho do Douro, que é, afinal, o vinho do Porto, é feito como a largos traços deixamos apontado. O tempo e o trabalho da vindima no Douro, são tudo quanto ha de mais pittoresco e interessante. A animação é então invulgar, e aquella região assume um aspecto muito diverso do que apresenta em todo o resto do anno.

Voltando a alludir á primitiva Companhia dos Vinhos, diremos que a sua séde, no Porto, quando se instituiu, foi na rua Chã, em um predio pertencente a Manoel de Figueiroa Pinto, que veiu a ser propriedade da familia Alvares Ribeiro.

Alguns annos mais tarde a Companhia mudou a sua séde para o palacete da rua das Flores, representado na gravura que publicamos acompanhando o nosso primeiro artigo. E ahí se conserva ainda hoje. Ao principio pagou renda, e depois comprou-o.

No anno de 1773 fez edificar na Regua, junto ao rio, armazens lotados em 1:200 pipas; e em 1782 mandou construir, no Pinhão, outros armazens com a lotação de 100 pipas, e tambem outros, no Tua, para 500 pipas. Em 1790 fundou uma fabrica de tanoaria e arcos de ferro, em Crestuma, que teve curta existencia, por não dar resultados apreciaveis. Em 1800 fez construir o armazem do Vimieiro, lotado para 600 pipas. Em 1807 adquiriu por compra varias moradas de ca-

sas, sobre os arcos de Miragaya, no Porto, que mandou reformar constituindo os grandes armazens e deposito principal, que ainda lá existem, e onde pódem caber, em caso de necessidade, 6:000 pipas de vinho; e adquiriu outros armazens do lado de Gaya, para 1:300 pipas. Além d'estes, possui já hoje muitos outros em diversos pontos do Porto, Gaya e Douro.

Para a destilação da agua-ardente de seu

da Pesqueira, que difficultavam enormemente a navegação fluvial, etc.

O privilegio do exclusivo da agua-ardente foi abolido nas Côrtes Constituintes, em 1821, pelo decreto de 22 de maio, mas voltou a ser-lhe restituído, em parte, pelo decreto de 11 de maio do anno seguinte, que abolia a demarcação dos vinhos chamados de Feitoria e o exclusivo da venda para o Brazil, e obrigava a Companhia a com-



ARMAZEM PRINCIPAL DA COMPANHIA GERAL DE AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO,
NA RUA DOS ARCOS, EM MIRAGAYA (PORTO)

exclusivo, chegou a possuir mais de 80 fabricas, em diferentes localidades das provincias; muitas d'essas fabricas funcionavam em edificios propositadamente construidos para o effeito.

A prosperidade da Companhia foi tal, que por vezes adeantou grossos cabedaes ao governo e custeou melhoramentos de grande importancia para a cidade, para o Douro e para o paiz, como sejam, entre outros, diversas obras na barra do Porto; todo o caes marginal até á Foz; a estrada do Porto á Regua; a quebra dos rochedos de S. João

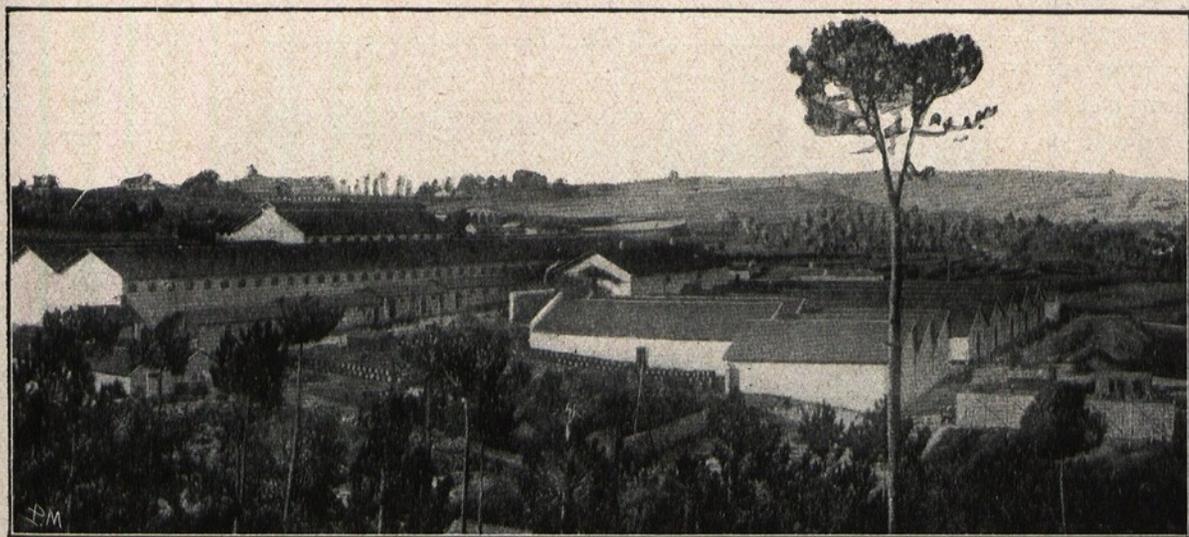
parar todo o vinho que sobejasse por vender na feira da Regua, e lhe fosse offerecido pelo lavrador até ao fim de março, pelo preço taxado no Alvará de 21 de setembro de 1802 (207000 réis a pipa).

Em 1828, a restauração do regimen absoluto restaurou tambem a Companhia nos seus antigos privilegios, excepto no das tavernas do Porto e no da venda para o Brazil, que a ella propria já não fazia grande conta.

No tempo do Cerco a prosperidade tornou-se, por assim dizer, em decadencia, se-

não em ruina, com os males da guerra, e sobretudo com o selvatico e inconcebível incendio dos seus vastos armazens de Villa Nova de Gaya, propositadamente lançado pelas tropas miguelistas, na noite de 16 de agosto de 1833. Eram 19 esses armazens, onde havia milhares de pipas de preciosos vinhos. Arderam por completo, correndo o liquido em chammas até ao rio, e ainda pelo rio abaixo! Queimaram-se, aproximadamente, 12 mil pipas, causando esta inqualificavel barbaridade prejuizos superiores a 2:000 contos de réis. Ainda nos foi dado ouvir a varias pessoas do Porto, quanto tivéra de horroroso o espectáculo de Villa Nova de Gaya

magistrado superior do commercio, e incumbido da installação dos respectivos tribunaes, chegou ao Porto a tempo de obstar ao descalabro da companhia, da qual, aliás, o governo era o maior devedor. Ferreira Borges insinuou a formação de nova companhia «com o casco da que fôra declarada extincta», auxiliou a elaboração dos novos estatutos, e empregou as diligencias possiveis para que nenhum accionista ficasse arruinado perdendo os capitaes ali depositados. No entanto, desde essa época, só em 1861 pôde voltar a ser pago dividendo ás acções; d'ahi para cá a prosperidade da companhia recommçou, sem attingir, todavia, o esplendor



REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE

Vista geral dos armazens, em Villa Nova de Gaya

a arder, durante toda essa noite historica, que assignala uma das maiores selvagerias d'esses tempos ominosos.

dos antigos tempos, em que chegou a ser um Estado no Estado.

*
Tendo sido fundada por 20 annos, mas tendo obtido successivas prorogações de eguaes periodos, a ultima das quaes devia terminar em 1836, não a concluiu, porque a 30 de maio de 1834 a dictadura de D. Pedro IV declarou-a extincta. A esse tempo o seu passivo era de 1:700 contos de réis. Graças aos esforços empregados por varias pessoas de valimento, não se extinguiu de todo, passando porém, por uma transformação, para a qual muito contribuiu José Ferreira Borges, que tendo sido nomeado

*
Fallemos agora das modernas companhias vinicolas, para terminar este já longo estudo.

Sob a influencia da Liga dos Lavradores do Douro, fundou-se no Porto, a 15 de março de 1889, com o capital de 1:000 contos de réis, a Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, que foi confirmada por decreto de 30 do mesmo mez e anno; não sem ser tambem, como succedera á Companhia velha, muito guerreada e combatida no seu inicio, mas que hoje se encontra em relativo grau de prosperidade. Destinando-se a comprar vinhos nacionaes, e a vendel-os tanto no

paiz como no estrangeiro, além dos vinhos de pasto, verdes e maduros, prepara vinhos generosos, e um typo especial de vinhos espumantes, estylo Champagne, que está tendo larga e remuneradora extracção. Os seus principaes mercados de consumo são o Brazil, as colonias portuguezas de Africa (as orientaes em especial), exportando consideraveis carregamentos para Allemanha, Inglaterra, França, Belgica, Hollanda, Dinamarca, Suecia, Noruega, Russia, etc. Tambem, em menor escala, tem exportação para a Hespanha, Suissa, Italia, colonias inglezas de Africa, Japão, etc. Tem vastos armazens no logar de Gervide, em Villa Nova de Gaya; tendo adquirido tambem, especialmente para armazenar os vinhos espumantes, n'aquella mesma villa, um grande tunnel abandonado, do primitivo traçado da linha ferrea de Lisboa ao Porto, a pouca distancia da Serra do Pilar. Esse tunnel, transformado em um vasto armazem abobadado, presta-se admiravelmente ao fim para que foi adquirido.

Posteriormente fundaram-se no Porto duas outras companhias exploradoras do commercio de vinhos — a Companhia Vinicola Portuguesa, e a Companhia Agricola e Commercial dos Vinhos do Porto, aquella como continuação da casa Clemente Meneres & Filhos, e esta como continuação da velha casa da Ferreirinha, da Regua.

A Companhia Vinicola Portuguesa organisou-se por escriptura publica de 3 de abril de 1903, nos termos do decreto de 14 de janeiro do mesmo anno, tendo como a principal das suas obrigações promover o alargamento da exportação dos vinhos do Porto, por meio de caixeiros viajantes percorrendo os principaes paizes. O quadro

d'esses caixeiros é já hoje de 14, que teem visitado os mercados externos, fazendo a mais larga e proveitosa propaganda em todas as partes do mundo, onde até ha pouco não chegava o vinho do Porto, como sejam o Chile, a Bolivia, o Peru, o Mexico, Ceylão, Java, Hongkong, China, Japão, Honololu, Estados Unidos da America, Canadá, etc.

A Companhia Agricola e Commercial dos Vinhos do Porto, mantém as tradições, as marcas e os typos dos afamados vinhos da casa de D. Antonia Adelaide Ferreira. Tendo esta deixado numerosos herdeiros, concertaram-se todos, e ponderaram que o melhor meio de não desmanchar a importantissima casa da sua ascendente, se-

ria constituir uma companhia, entrando cada herdeiro, para ella, com a parte que da herança lhe competisse, perpetuando d'este modo não só a fama da casa herdada como a memoria da que fôra zelosa, intelligente e devotada



DESCARGA DAS PIPAS EM VILLA NOVA DE GAYA

administradora d'essa casa, e tão importantes capitaes e propriedades soubera reunir. Assim nasceu a Companhia a que nos estamos referindo, que é uma das primeiras do paiz. Especialmente em vinhos velhos, as garrafeiras da casa Ferreirinha continham verdadeiras preciosidades, respeitabilissimas pelas suas *venerandas cans*. Todo esse nectar é hoje pertença da Companhia Agricola e Commercial dos Vinhos do Porto.

Entre as famosas quintas durienses, que são tambem pertença d'esta companhia, occupa o primeiro logar, pela sua extensão e belleza, a chamada quinta do Vesuvio, onde foram fidalgamente recebidos, e obsequiados como principes, os jornalistas estrangeiros, que em 1898 vieram a Portugal assistir ao Congresso da Imprensa realizado em Lisboa,

e que ao Douro fizeram uma excursão. Na casa dos lagares d'essa quinta foi servido o banquete mais memoravel de quantos por essa occasião se realisaram em Portugal.

Tem essa quinta uma superficie cultivada superior a 300 hectares, a sua extensão é de 3:000 metros e a sua largura maxima de 5:200.

As outras quintas, que constituem o capital agricola da companhia, são a dos Arcyrestes, a da Coelheira, a da Courella, a das Nogueiras, a do Porto, a de Rodó, a da Santinha e a de Vallada.

Chegados ao fim d'este estudo, só nos resta, muito sincera e sentidamente, lamentar que não pudesse a nossa descolorida prosa dar a conhecer aos leitores tudo quanto ha de encantador, de typico e de inolvidavel n'essa pittoresca região, cuja «rudeza desagrega e se funde para se nos dar n'esse licor delicioso que é a sua alma», como ali se disse ha annos, no banquete aos congressistas da Imprensa, pela bocca do gentil amphitrião, que foi o saudoso Antonio Bernardo Ferreira, filho da proprietaria, a esse tempo ainda viva.

ALBERTO BESSA.

AI DE MIM!

(Poesia de Curros Enríquez)

Eu achava-me fóra. Elle caíu de cama
Co'a variola, o rosto esbelto a ennegrecer.
Cheia de susto, a mãe enviou-me um telegramma,
E eu vim logo a correr.

Entrei. De meu andar elle, sentindo o ruído,
Volveu para o meu lado os olhos — coitadinho! —
Mas não me pôde ver, e chorou. Ai! perdido,
Já de todo ceguinho!

Que tempo estive alli, a alma feita em pedaços,
Chorando sobre o berço a minha grande dôr?
Não sei. Lembro-me só de o vêr morto em meus braços,
Meu queridinho amor!

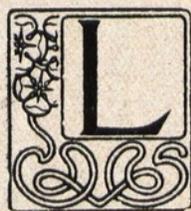
Ó linda borboleta d'azas d'oiro,
Sobre o berço adejando, ora vazio,
Se vens para saber do meu thesoiro,
Sabe este horror: — Perdí-o!

BERNARDO LUCAS.

Mark Twain

Impressões de viagem — A rainha do Oriente

(CONTINUAÇÃO)



LANCHE turco, não quero mais.

O aparelho culinário achava-se estabelecido no cubiculo dos banhos, ao pé do Bazar, aberto de par em par sobre a rua. O cozinheiro, desmazelado, e a

mêsa no mesmo gosto e sem toalha.

O sujeito ajuntou uma porção de salsicharia, espetou-a num arame e pô-la nas brasas, a assar. Quando a achou em termos, arredou-a para o lado; entrou por ali dentro um cão e ferrou-lhe o dente. Cheirou-a, primeiro, e pelos modos, reconheceu os restos de um collega. O cozinheiro arrancou-lha da bôca e apresentou-a deante de nós. O Jack disse — «passo» — elle, uma vez por outra joga o *euchre*, e nós, fômos todos «passando», successivamente. O cozinheiro, então, pôs a assar uma torta, larga e chata, de farinha de trigo, bezuntou-a muito bem com chouriço, e avançou para nós, trazendo-a. Caíu na lama, apanhou-a, lustrou-a nos calções, e apresentou-a na mêsa. O Jack declarou «passo» e todos nós passámos. Deitou meia duzia de ovos numa fregedeira, e, meditando, pôs-se a espalitar dos dentes, com um garfo, fatias de carne. Depois serviu-se do garfo para virar os ovos — e apresentou-no-los. O Jack declarou outra vez «passo». Seguimos todos o exemplo. Não sabiamos como entreter o tempo, e portanto, encommendámos outra ração de chouriço. O cozinheiro sacou do arame, applicou-lhe uma arrazoada porção de salsicharia, cuspiu nas mãos e pôs-se á obra. Desta vez, de commum accordo, passámos todos. Pagámos e abalámos. E eis quanto fiquei

sabendo ácerca de lanches turcos. Um lanche turco é obra aceáda, não ha duvida, mas tem seus contras.

*
*
*

Quando me lembra a que ponto tenho sido engazupado por livros de viagens no Oriente, apetece-me um excursionista para o almoço. Levei annos e annos a sonhar com as maravilhas de um banho turco; levei annos e annos a prometer a mim mesmo que ainda o havia de saborear. Vezes e vezes, sem conta, tenho jazido em um banho de marmore, a respirar a fragrancia soporifera das especiarias orientaes a saturar o ambiente; passando, em seguida, através de um systêma fantastico e complexo de repêlões e de içadélas, de enxugos e de fricções, ás mãos de um bando de selvagens nús, a transparecerem, vagos, ingentes, por entre as neblinas de vapôr, quaes demonios: — depois, posto a descansar por momentos num divân digno de um monarcha; depois, passado por outros tramites, complicados, cada um delles mais tremendo que o anterior; e finalmente, embrulhado em macios estofos, transportado para um salão principesco e deitado sobre um leito de edredão, e uns eunucos, com sumptuosos atavios e ricas ventarolas, a abanarem-me, enquanto eu dormitava, a sonhar, ou alegre e satisfeito contemplava as ricas colgaduras do aposento, as fôfas alcatifas, a sumptuosa mobilia, os quadros, a saborear um café delicioso, a fumar o sedativo narguilé, e imerso, finalmente, em tranquillidade e repouso,

embalado pelos arómas sensuaes de invisíveis çaoletes, pela meiga influencia do tabaco persa, ardendo no narguilê, e pela toada das fontes a arremedarem o rumorejar das chuvas de verão.

Era um quadro tal como eu o reconstruíra com reminiscencias dos incendiarios livros de viagens. Uma sordida, miseranda impostura. A realidade e a pintura parecem-se tanto como Saint-Giles e os jardins do Eden. Receberam-me num immenso pateo, empedrado de lages de marmore; em volta corriam espaçosas galerias, uma por cima da outra, alcatifadas com umas esqualidas esteiras. Era vedado por balaustradas por pintar, e mobilado com umas cadeiras grandes, desconjuntadas, umas enxergas velhas e em pessimo estado, amassadas pela moldagem das formas de nove gerações successivas de homens, que nellas haviam repousado. Era espaçoso o recinto, nu, tristonho; o pateo, uma estrebaria, as galerias, manjedoiras para caválos humanos. Os lacaios, cadavericos e semi-nus, que serviam no estabelecimento, não apresentavam o minimo vislumbre de poesia em seu aspecto, nem sombras de romance, nem resquícios, sequer, de esplendor oriental. Não emanavam aromas suaves—antes pelo contrario. O seu olhar famulento e formas escanzeladas suggeriam-me com insistencia um facto evidente, nada sentimental—estavam morrendo por aquillo a que, lá na California, chamam uma fartadéla.

Dirigi-me para um dos esquuleos e despi-me. Um esqualido cara-de-fome enrolou-me nos quadris uma toalha de mêsa, pintalgada, lançou-me aos hombros um farrapo branco. Tivesse eu ali á mão uma cêlha, e é natural que me occorresse tomar um banho de limpeza. Depois, fui transferido, escada abaixo, para o pateo encharcado e escorregadio, e a primeira coisa que me atrahiu a atenção foram os meus calcanhares. Não excitou comentarios a minha queda. Já o esperavam, pelos modos. Pertencia á lista das influencias emolientes, calmantes, peculiares a este repositorio de luxo oriental. Era calmante, a valer, com certeza; a sua applicação, contudo, é que não era feliz. Distribuiram-me então um par de galochas, — bancos em miniatura, com umas correias para entalar os pés (e havê-lo-iam effectuado, mas eu calço n.º 13, e pico). Os ditos

objectos abanavam de modo incommodo nas correias, assim que eu erguia um pé, e despenhavam-se em sitios insolitos e inesperados, assim que os assentava no chão, quando não se viravam para o lado, desconjuntando-me os tornozelos. Não obstante, era tudo luxo oriental, e fiz quanto pude para o gozar. Carregaram commigo para outra parte do estabulo e deitaram-me em cima de uma enxerga tisica, ou coisa que o valha, que não era feita de téla de oiro, ou de chales persas, mas unicamente aquella especie de alfaia que me lembro de ter visto nos bairros de pretos, em Arkansas. Não havia coisa nenhuma nesta lobrega e marmorea prisão, além de mais quatro daquelles esquifes. Era um recinto solemne a mais não poder ser. E eu esperançado em que os especiosos aromas da Arabia iriam agora surprender os meus sentidos, mas tal não succedeu. Um esqueleto côr de cobre, com um trapo á roda da cintura, apresentou-me uma garrafa de agua, com um cachimbo acêso no topo, um pipo flexivel — com um metro de comprido e uma boquilha de latão na extremidade.

Era o famoso narguilê do Oriente! — Aquella coisa que o Gran-Turco fuma, nas estampas. Principiava a ter seus visos de luxo.—Tomei a minha fumaça e foi o sufficiente; o fumo desceu-me em grande volume para o estomago, para o bofe, para os extremos confins de meu ser. Explodi uma potentissima tosse, e foi como se se destapasse o Vesuvio! Durante cinco minutos fumeguei por quanto poro tinha no corpo, que nem uma casa de ripado com o fogo ateado lá dentro. E ninguem me torne a falar em narguilês. O fumo tinha um sabor vil, e o sabor de um milheiro de linguas de infieis que tinha ficado naquelle bocal mais vil era ainda. Principiei a desanimar. Dóravante, sempre que eu vir o Gran-Turco, de perna traçada, a fumar no seu narguilê, em pretensa bem-aventurança, na capa de um pacote de tabaco do Connecticut, fico sabendo que é o mais descarado intrujão á face da Terra!

Aquella prisão estava atulhada de ar quente. Quando me achei sufficientemente aquécido para me preparar para uma temperatura ainda mais quente, levaram-me em charola para onde a havia—para um recinto marmoreo, encharcado, escorregadio,

todo elle vapôres, e deitaram-me numa plataforma, elevada, ao centro.

Fazia immenso calor. Acto continuo, o meu homenzinho sentou-me ao pé de um tanque de agua quente, enxugou-me muito bem, enludou a mão com um mitene muito aspero e começou a brunir-me da cabeça aos pés com o sobredito. Principiei a cheirar desagradavelmente. Quanto mais elle me ia brunindo, mais mal eu ia cheirando. Era de assustar! E disse-lhe eu:

«Percebo que vou estando muito em baixo. E' evidente que devia de ser enterrado sem demora desnecessaria. Não seria mau, talvez, o senhor intender-se desde já com os meus amigos; o tempo está tão quente, que não poderei aguental-o mais».

Continuou a esfregar-me, e não fez caso. Não tardei em perceber que me estava reduzindo as dimensões. Imprimia immensa força ao mitene, e debaixo iam-se enrolando uns cylindrozinhos, taes quaes macarrão. Não podia ser sujidade, eram tão brancos! E assim me esteve a pellar por muito tempo.

Até que em fim, disse-lhe:

«E' um processo enfadonho. Para me reduzir ao tamanho a que me quer reduzir, levará ainda umas horas; esperarei: veja se alguém lhe empresta uma plaina.»

Não fez caso nenhum.

Dali a pedaço, trouxe uma bacia, um pedaço de sabão, e uma coisa qualquer que me pareceu ser um rabo de caválo. Desfez prodigiosa quantidade de escuma de sabão, diluviou-me com ella dos pés á cabeça, sem me avisar a que fechasse os olhos, e depois, esfregou-me acintosamente com o rabo de caválo.

Depois, para ali me deixou, a propria estatua de espuma, e piscou-se. Quando me fartei de estar á espera fui ver se o desencantava. Vim dar com elle encostado á parede, noutro estabulo, a dormir. Acordei-o. Não se atrapalhou. Carregou commigo ou-

tra vez e inundou-me com agua quente, depois entrunfou-me a cabeça, friccionou-me com umas toalhas de mēsa enxutas, levou-me para uma capoeira de galinhas em cima das galerias, e apontou-me para uma das taes camas de Arkansas. Subi para ella, voltando a esperar vagamente os perfumes da Arabia.

Não appareceram.

A capoeira, em osso, despida de adornos nada apresentava daquella voluptuosidade oriental ácerca da qual uma pessoa lê tanta coisa. Era mais suggestiva de um hospital rural do que de outra coisa qualquer. O servente pelle e osso foi buscar uma naraguilê, e eu persuadi-o a levá-lo outra vez, sem desperdiçar tempo com elle.

Depois, trouxe-me o café turco de fama universal a que os poetas tem cantado com taes arrebatamentos, por muitas gerações, e eu agarrei-me a elle como á derradeira esperanza que me restava dos meus sonhos de luxo oriental. Era outra fraude.

De quanta tiborna heretica jámais transpôs meus labios, o café turco é a peor. E' pequena a chavena, suja de borra; o café é negro, grosso, com um cheiro nada grato, e um gosto execrando. O fundo da chavena apresenta um sedimento de meia polegada. Toma a garganta, vae por ali abaixo, deixando porções pelo caminho, e produz uma comichão tão arreliante, que uma pessoa fica para ali a ladrar, e a tossir, pelo espaço de uma hora.

Finaliza aqui a minha experiencia do banho turco, e finaliza tambem o meu sonho da bem-aventurança que disfruta o mortal que passa por elle. E' uma burla maligna. O homem que o saborear fica qualificado para saborear seja o que fôr de repulsivo á vista e aos sentidos, e todo aquelle que o possa revestir com o encanto da poesia fica habilitado a fazer outro tanto com tudo quanto ha neste mundo, que seja enfadonho, miserando, triste e porco.

(A seguir: *Cannibalismo num comboio.*)

Versão de MANUEL DE MACEDO.





VISTA GERAL DE MONTEVIDEU

A Republica do Uruguay

Uma entrevista

As diligencias realisadas nos ultimos tempos para o maior estreitamento das relações commerciaes de Portugal com algumas das republicas sul-americanas, solicitaram naturalmente as atenções d'aquelles que, alheados do estreito facciosismo partidario, — ao que parece dilecta preocupação da maioria dos chamados homens publicos do nosso paiz, — entendem que o progresso material da nação, só pode resultar do rapido desenvolvimento das suas colonias e d'uma intelligente e activa propaganda dos seus productos. Pelo que respeita a essa obra de vulgarisação, temos a registar como patriótica iniciativa digna de todo o elogio, a recente abertura em Montevideu d'uma interessante exposição de productos genuinamente portuguezes, a qual se deve ao perseverante esforço do consul geral no Uruguay, o sr. Borges de Castro.



DR. CLAUDIO WILLIMAN
*Presidente da Republica
do Uruguay*

Não conhecemos, nem de vista, aquelle funcionario; pessoa alguma nos encomendou este *sermão* elogiativo. O nosso applauso é determinado apenas pela antiga convicção que nos domina, da necessidade instante de se *politicar* menos e de se trabalhar mais em prol da nossa expansibilidade commercial no estrangeiro, muito principalmente no sul da America.

A abertura d'essa exposição foi carinhosamente saudada pela imprensa de Montevideu, que dedicou a este acontecimento desenvolvidas referencias. De tres jornaes, pelo menos, sabemos nós, que saudaram a iniciativa do nosso consul, exaltando calorosamente a excellencia dos productos expostos: *La Tribuna Popular*, *El Telégrafo Maritimo* e *El Diario Español*, foram unanimes n'esse elogio, em consoladores termos de incentivo e de grata

sympathia. E porque este movimento se produziu na hora amarga em que Portugal é olhado com ambição por uns, com indiferença por outros e até com desprezo por alguns menos prompts a praticas de forte e serena justiça, logo nos assaltou o desejo de conhecer mais e melhor, quem assim nos estendia a sua mão amiga.

Para a realização d'esse intento procurámos o illustre representante da Republica do Uruguay em Portugal, sr. D. Dionisio Ramos Montero, diplomata distinctissimo que tão vivas e profundas sympathias conquistou rapidamente em Lisboa. Da palestra que tivemos com o sr. Ramos Montero damos hoje conta aos leitores dos *Serões*, contribuindo assim, embora modestamente, para que em Portugal se conheça bem, a rica e próspera nação que tão gentilmente acaba de saudar pela voz dos seus mais importantes diários, o commercio, a industria e a agricultura da patria portugueza.

O encarregado de negocios do Uruguay em Portugal, começou a sua carreira como

na primeira conferencia pan-americana de Washington, commentando o seu programma e as bases, com trabalhos de incontestavel valor. Voitou depois ao Paraguay onde exer-

ceu o cargo de encarregado de negocios. Em 1893 foi nomeado 1.º secretario da legação do Chile, sendo em 1908 collocado na legação do seu paiz em Portugal, como encarregado de negocios. Espirito excepcionalmente culto e escriptor distinctissimo, devem-se á sua pessoa muitas obras de valor.

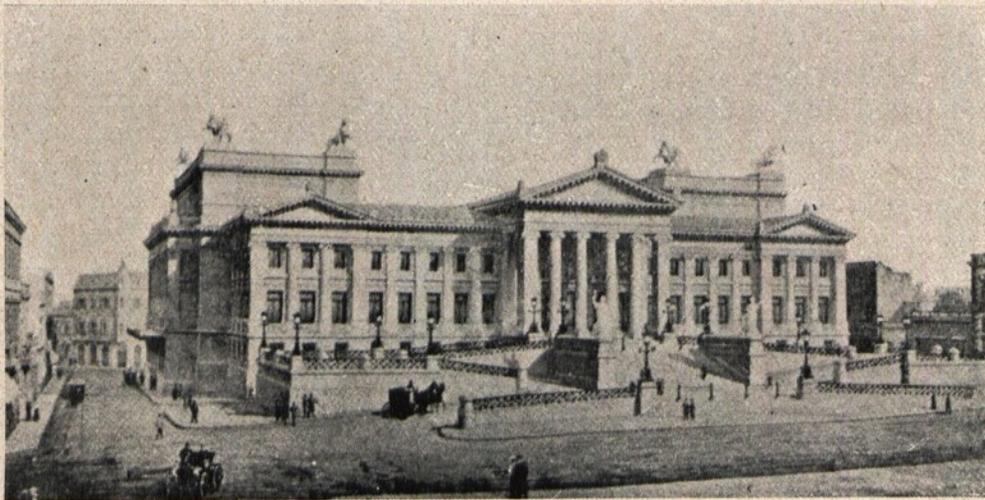
Eis em rapidas linhas traçado o perfil do illustre diplomata com quem travámos a palestra que vamos tentar reproduzir.

O sr. D. Dionisio Ramos Montero habita com a sua distincta esposa e gentilissimas filhas, o palacete do Alto de Santa Catharina onde está installada a legação Uruguayana. Da janella do seu gabinete de trabalho, avista-se o rio, onde singram por entre as cidades fluctuantes — que são os grandes barcos de transporte e os navios de guerra, os pequenos vapores da Parceria, os botes e as fragatas, traçando caprichosas linhas espumosas nas suas rapidas evoluções. O aposento

onde nos conduzem, nada tem de exageros decorativos. E' simples e confortavel. Numerosas photographias nas paredes e sobre as estantes, onde se enfileiram algumas dezenas de



D. ANTONIO BACHINI
*Ministro das Relações
Exteriores do Uruguay*



PALACIO LEGISLATIVO

addido á legação do seu paiz em Roma. Anos depois foi promovido a secretario e collocado no Paraguay. Em 1889 foi nomeado secretario da legação do Uruguay

volumes accusando nos titulos as predilecções litterarias do dono da casa, evocam aspectos de paisagem da patria distante e figuras em evidencia na politica e nas let-

tras do Uruguay, ou ainda phisionomias de pessoas queridas.

Sentado á sua secretaria, o sr. Ramos Montero ouve sorridente, com visível satisfação, a rapida exposição que fazemos dos fins a que visa a nossa visita; e logo á referencia que temos sobre o estreitamento das relações de Portugal com as republicas sul-americanas, declara promptamente:

— Não ha duvida que n'estes ultimos annos se accentua um movimento de aproximação entre os paizes sul-americanos e os europeus. Pelo que respeita a Portugal é isso evidente, não só pela representação diplomatica existente em Lisboa, como tambem pelas indicações que accusam as estatisticas, — na sua incontestavel argumentação; e essas demonstram que os mutuos interesses commerciaes augmen-

tam e que se estreitam as relações, começando a sentir-se o effeito dos estudos e gestões diplomaticas que visam a tão sympathico objectivo. As relações luso-uruguayanas, por igual augmentam; mas, precisam os dois paizes conhecerem-se melhor; eis porque acho excellente a idéa d'esta entrevista, não tendo duvida em dar-lhe uma noção geral dos progressos do meu paiz,

onde vivem e trabalham honrada e dignamente, alguns milhares dos seus compatriotas.

E após estas palavras de generosa acolhida, o sr. Ramos Montero continuou:

— O fim pratico da acção da diplomacia moderna, sem esquecer que as allianças politicas estreitam amizades, deve orientar-se sempre pelo principio de que as allianças commerciaes, isto é a celebração de tratados que acautelem os reciprocos interesses dos povos productores, consolidam tambem as mais tradicionaes relações.

— O desenvolvimento d'essa theoria, observamos, devia lêr-se na primeira pagina d'uma biblia para uso dos homens publicos de certos paizes...

O illustre diplomata uruguayano proseguindo nas suas acertadas

considerações, accrescentou pouco depois:

— A' medida que reuno informações e vou extrahindo do estudo comparativo das estatisticas, da legislação e da bibliographia especial, os dados ácerca do que constitue as riquezas do reino de Portugal e das suas grandiosas possessões coloniaes — pouco conhecidas não só no sul da America como tambem na Europa, vae augmentando a mi-



D. DIONISIO RAMOS MONTERO

Encarregado de negocios do Uruguay em Portugal

nha admiração pela sua colossal importância e vendo claramente quanto essas riquezas podem crescer com um pequeno esforço

compassadamente um volume de estatísticas do seu paiz:

— As relações commerciaes entre a Republica do Uruguay e o reino de Portugal só necessitam um impulso para que possam tomar paulatinamente o necessario desenvolvimento. Não temos productos similares; mas, pelo contrario, podemos augmentar com vantagens reciprocas o intercambio de determinados productos.

A uma nossa allusão á recente iniciativa da Sociedade

de Geographia de Lisboa destinada ao estretimento das relações entre os portuguezes da metropole com os residentes no

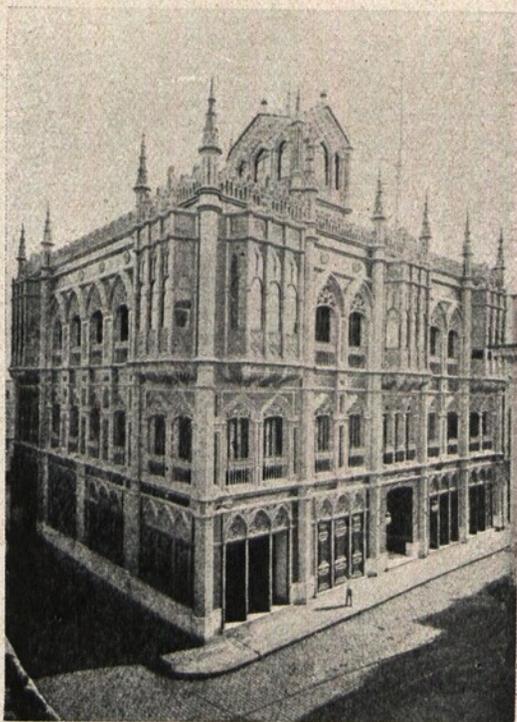


PALACIO DO GOVERNO E AVENIDA 18 DE JULHO

do trabalho nacional. Portugal continental, exclama o sr. Ramos Montero animando-se, tem uma nobre missão historica a cumprir, por isso que as maravilhosas terras que surgiram dos *mares nunca d'antes navegados* e onde tremula a bandeira portugueza, terras coloniaes, cuja prosperidade e organização e tratamento do indigena não é inferior, — quando se estuda e se compára dentro dos preceitos da sciencia sociologica a outras de ordinario bem classificadas, estão destinadas a ser, sem duvida alguma dentro do reinado de Sua Magestade o Rei D. Manuel II cujos nobres e patrioticos ideaes conhecemos pelas suas afirmações publicas, das primeiras e das mais importantes do mundo e a pedra angular de um futuro grandioso e merecido para o reino de Portugal.

Emquanto ouviamos as carinhosas palavras do sr. Ramos Montero, o nosso olhar acariciava o largo panorama que se avista das janellas d'esta hospitaleira casa que é a legação do Uruguay; então, como que tocados por varinha magica, ás suggestivas phrases do illustre diplomata, os aspectos modificaram-se repentinamente e aos nossos olhos deslumbrados surgiu a visão radiosa d'uma patria rejuvenescida pela ordem e pelo progresso...

Mas, já a chamar-nos á realidade, o sr. Ramos Montero continuava, folheando



PALACIO DA MUNICIPALIDADE DE MONTEVIDEU

estrangeiro e á actual visita do cruzador S. Gabriel á America do Sul, o illustre diplomata accudiu:

— Não podiam ser mais opportunas aquella iniciativa e esta visita, que em meu entender serão factores, — cada um na sua esphera de acção a contribuir para que Portugal seja melhor conhecido e por igual fique conhecendo melhor aquelles jovens paizes. Collaborar na consolidação d'estas relações, especialmente das que se referem á minha patria e a Portugal é uma honrosa missão; e não a podia haver mais grata, nem mais em harmonia com as minhas sympathias por esta formosa terra, porque sou admirador da sua gloriosa historia, cujas paginas estão cheias de nobres e cavalheiros actos realisados por uma raça, cujo valor, intelligencia, patriotismo e intrepidez, residem na alma dos seus reis, dos seus soldados, dos seus marinheiros e do seu povo.

Tendo agradecido ao illustre diplomata as suas gentis referencias a Portugal e ao seu futuro, entrámos então no assumpto principal da nossa visita: — umas indicações acêrca da florescente Republica que tão brilhante e intelligentemente aqui representa. O sr. Ramos Montero inicia promptamente os seus esclarecimentos, dizendo:

— Como sabe, a Republica do Uruguay é visinha immediata do Brazil, está situada na zona temperada da America do Sul, sobre a margem esquerda do Rio da Prata, — um dos maiores do mundo, que a separa da Republica Argentina. Montevideu, capital do Uruguay, está separada de Lisboa, — o porto ideal pelas suas commodidades para todos os sul-americanos que dos paizes banhados pelas aguas dos oceanos Atlantico e Pacifico se dirigem á Europa, por uma distancia que é percorrida em quinze dias por numerosos vapores de todas as bandeiras.

O Uruguay é um prospero paiz que abre as suas portas e recebe jubilosamente, o agricultor, o operario, o industrial que chega de qualquer parte do mundo e logo o incorpora no seu organismo economico, dando-lhe trabalho remunerativo; se o recemvindo é um capitalista, em parte alguma o seu dinheiro alcança maior vantagem de collocação, principalmente se é applicado ao commercio e ás industrias. Aos destinos do Uruguay, — continuou o sr. Ramos Montero apontando-nos uma photographia que se destaca em logar de honra do seu gabinete de trabalho, — preside o sr. dr. Claudio



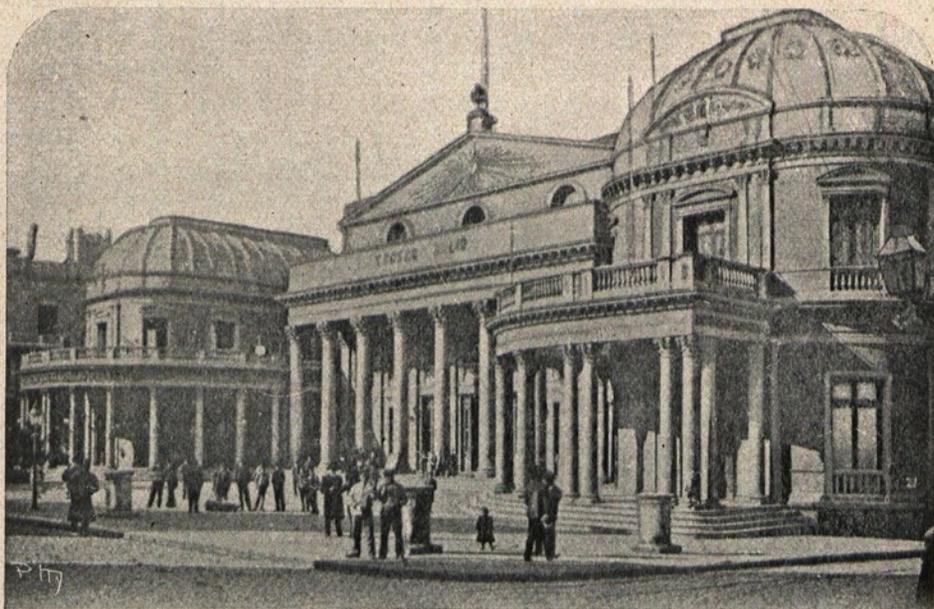
PALACIO DO ATHENEU DE MONTEVIDEU

Williman, magistrado de juizo recto, politico que aborda com segurança os problemas da vida nacional, resolvendo-os sem precipitações, conciliando interesses, administrando a fazenda publica com exemplar correcção, sem arrogancias, mas guiando com os seus actos governativos o paiz pelo caminho do progresso e da consideração internacional. Na realisação dos seus intuitos de estreitamento das relações com todos os paizes amigos do Uruguay e em especial com os seus visinhos, tem tido o presidente da Republica um notavel collaborador em D. Antonio Bachini, ministro das relações exteriores, cuja acção internacional se manifesta da forma mais proficua. Ainda ha pouco, —

diz o diplomata uruguayano alegremente, — o telegrapho nos communicou a attitude de um paiz irmão do meu, de um paiz onde palpita a alma portugueza, do Brazil, unido

intervenção das potencias se exerce tão desinteressadamente. . .

— Ha mais, continuou o sr. Ramos Montero: por informações recentes, sabe-se que está firmado um protocolo entre as Republicas Argentina e do Uruguay, sobre a navegação e uso das aguas do Rio da Prata, solução dignissima que será completada por ulteriores convenções, como consequencia das relações tradicionalmente fraternas que uniram sempre as duas nações marginaes do grande rio. Foi acreditado como plenipotenciario espe-



THEATRO SOLIS

a Portugal por laços filiaes de sangue e de interesses reciprocos que em cada dia mais se estreitam. Refiro-me ao tratado de limites, recentemente firmado entre o Brazil e o Uruguay, que satisfaz amplamente uma aspiração da minha patria, accordo que foi directamente proposto pelo Barão do Rio Branco, diplomata e estadista que tem no Brazil um enorme prestigio, assim como no seio das chancellarias dos primeiros paizes do mundo. A fraternidade internacional não é uma palavra vã. . . Assim o acaba de afirmar o Brazil, dando espontaneamente ao meu paiz, a posse do territorio fluvial que por laguaron e Merin, podem levar ao Atlantico uma parte dos productos da zona Éste da Republica do Uruguay e de que era proprietario por direito convencional. Rende assim o Brazil aos principios de justiça que devem regularisar as relações dos povos, a mais significativa das homenagens, muito superior em significado áquella que rendem dois paizes igual ou desigualmente fortes, quando submettem as suas dissensões á resolução arbitral.

— E' com effeito esse um louvavel exemplo que estão dando os paizes sul-americanos, replicámos. Na Europa nem sempre a

cial para firmar em Montevideu com o sabio internacionalista uruguayano, dr. Gonzalo Ramirez, este protocolo, o dr. Saens Pena, illustre politico e diplomata, figura em evidencia na vida internacional sul-americana, e dos homens publicos argentinos mais alta e merecidamente conceituados, não só na sua patria, como nos demais paizes da Europa onde é apreciado e respeitado como um dos mais eminentes politicos argentinos. E' notavel, effectivamente, esta attitude de diplomacia sul-americana, que em francos accordos encontra a solução das suas questões internacionaes como nos casos a que me referi, ou pela arbitragem, como no caso da Argentina e do Brazil sobre missões e no do Chile e Argentina tambem sobre limites, resolvidos tranquilla e nobremente. Já em 1888 este modo de ver sobre o exercicio da acção diplomatica determinava a reunião em Montevideu d'um Congresso de direito internacional que dictou varios tratados que constituem um verdadeiro Codigo de direito internacional privado, o mais completo que registam os annaes diplomaticos, como o reconheceram então, os primeiros internacionalistas do mundo. Alegrome, acrescenta o sr. Ramos Montero, ao

exteriorisar por esta forma e pela intervenção auctorisada d'uma publicação como é aquella a que se destina a nossa palestra, estas justas referencias á vida internacional sul-americana.

— E' incontestavel, dissemos, a prosperidade sempre crescente do Uruguay. Tivemos ensejo ha pouco de examinar interessantes estatisticas d'este paiz que o demonstram d'uma forma bem clara.

— Sim, a situação do Uruguay é admiravelmente prospera n'este começo do anno de 1910; e para o demonstrar vamos recorrer a uma fonte auctorisada, ao juizo imparcial, d'um distincto diplomata, muito illustrado, Robert Kennedy, ministro da Inglaterra em Montevideu. N'um recente relatório enviado ao Foreign Office, ao referir-se aos capitaes britannicos que estão vinculados á Republica do Uruguay, especialmente em caminhos de ferro, e que se elevam á somma de mil cento sessenta e um milhão de francos, diz: «O Uruguay, com um territorio menos extenso, que a maior parte das Republicas suas irmãs, realisou nos ultimos annos grandes progressos em todos os sentidos; pelo desenvolvimento da sua réde ferreo-viaria, e outros modernos meios de transporte, conseguiu grandes conquistas, podendo com justos titulos reivindicar o direito de ser considerado como um dos Estados mais prosperos do continente sul-americano.» E assim é, commenta o sr. Ramos Montero. Basta dizer que os orçamentos do meu paiz são encerrados annualmente com milhões de francos de receitas excedentes. O seu commercio exterior marca um admiravel crescimento, progresso que se nota por egual em todos os ramos da

actividade da nação. E' alto o credito de que goza a Republica do Uruguay no exterior, sendo as suas dividas publicas pagas regular e strictamente, cotando-se os seus papeis de credito nos maiores mercados financeiros entre os mais seguros e os mais conceituados. Estes antecedentes fazem com que o alludido ministro de Sua Magestade Britannica diga ao terminar o seu relatório, «que é facil explicar o estar reservado um grande futuro á Republica do Uruguay».

— Pelo que respeita ao seu desenvolvimento commercial?

— Estão no Uruguay desenvolvidas muitas industrias extractivas e manipulativas; ha minas em exploração e nos seus ferteis campos, suavemente ondulados como os de Portugal, de um verde esmeraldino, vivificados por um sol de oiro, colhem-se as mais formosas espigas de trigo. Mas, a principal fonte da sua admiravel riqueza é o commercio de gados, facilmente alimentados em esplendidos prados naturaes, sendo as raças melhoradas e seleccionadas pelos processos scientificos. Não existe paiz no mundo, proporcionalmente, tão rico em *ganaderia*.

— Isso basta como um factor importante



PRAÇA DA LIBERDADE

de riqueza nacional. Ao mesmo tempo, terá sem duvida o Uruguay estabelecimentos especiaes para a preparação das carnes, como na Argentina?

— Sem duvida. As nossas grandes fabricas de preparação das carnes, onde se preparam extractos de carne, carnes liquidas, seccas, salgadas, conservadas e congeladas, são estabelecimentos modeiares, entre os quaes se nota a grande fabrica «Liebig» (Lenco) que funciona na Republica do Uruguay desde 1864, conhecida no mundo inteiro pelos seus productos fóra de competencia e premiados em todas as exposições.

— E conta mais cidades de importancia o Uruguay, além de Montevideu?

— Tem varias cidades na verdade importantes, mas a principal é Montevideu, que é a sua capital. Sabe que se attribue a origem d'esse nome *Montevideu* a um portuguez, que ha cerca de quatro seculos exclamara ao avistar a nossa terra *monte vi eu*, de bordo de um dos barcos que commandava Fernando de Magalhães, esse grande marinheiro e insigne portuguez, que com claro-videncia procurava o estreito que tem o seu nome, a communicação entre os oceanos Atlantico e Pacifico, o caminho para as Indias Orientaes.

Aqui o sr. Ramos Montero deteve-se um momento nas suas considerações ácerca do Uruguay, para dizer:

— Não passemos, meu amigo, ante tantas recordações historicas, ante tantas glorias que a acção dos seculos mais engrandece, em vez de diminuir, sem nos determos um minuto para saudar com respeito e admiração os portuguezes e hespanhoes d'aquellas épocas legendarias, a Hespanha e a Portugal, que teem na historia do mundo paginas e brazões não egualados, como conquistadores, colonisadores, e geradores de continentes e de povos.

— E é justa essa homenagem, sem duvida! concordámos. Pena é que estes paizes vivam quasi que da tradiçào apenas... Mas, voltando a Montevideu, que nos dizem ser uma cidade encantadora, alegre e populosa...

— Montevideu conta hoje cerca de tre-

zentos e cincoenta mil habitantes. N'esta grande cidade, residem, o governo da Republica, o Arcebisado, o Corpo diplomatico, estando edificado sobre uma formosa península. Montevideu é illuminada a luz electrica, tem sumptuosos edificios publicos e particulares, notaveis pela sua architectura, grandes theatros, elegantes monumentos e confortaveis hotéis. Os seus pittorescos arredores são povoados de luxuosos palacios, assim como de magnificos balnearios, que estão consagrados como o ponto de reunião, na estação calmosa, das mais distinctas e abastadas familias d'uma grande parte do Sul da America. Pelo que respeita aos seus progressos materiaes ha a notar a importante obra já terminada, que dotou Montevideu com um grande porto artificial, recla-

mado pelo seu assombroso movimento commercial. O valor das obras, começadas em 1901, sóbe a 75 milhões de francos; e a combinação financeira que serviu de base para a criação dos capitaes uruguayanos destinados á execução de uma obra publica de tal magnitude, é notavel a todos os respeitos.

O porto de Montevideu fica assim com mil metros lineares de *quais* para atracarem navios, e aguas com sete metros e meio de profundidade, que podem ampliar-se até dez metros, se o calado dos navios de futuro o exijam. E' uma obra grandiosa, que honra a engenharia franceza que a projectou e executou.

Por ultimo, o sr. Ramos Montero mostranos a photographia d'um sumptoso edificio, esclarecendo:

— Aqui tem o meu amigo uma das instituições mais importantes da America do Sul, o Atheneu de Montevideu, cuja origem data de 1869 e que no anno de 1888 foi definitivamente reorganizado. O Atheneu tem por fim servir a causa do progresso do Uruguay exercendo a sua acção no terreno da sciencia, da litteratura e da arte, e procurando cooperar por meio de livre discussão e sem systematicas exclusões, nas mais elevadas



ESTAÇÃO CENTRAL
DO CAMINHO DE FERRO DO URUGUAY

tendencias do espirito humano e nos mais fecundos desenvolvimentos da civilização moderna. Possui um soberbo e monumental palacio, como vê, com uma magnifica e espaçosa sala de conferencias, importante bibliotheca com secção de leitura aos domicilios, museus e collecções, escolas gratuitas para os seus associados e todos os recursos e elementos para ser, como na realidade é, o ponto de reunião das intellectualidades uruguayanas.

Felicitemos o sr. D. Dionisio Ramos Montero, pelos notaveis progressos da sua patria, desejando que seja crescente e duradouro o estreitamento das relações do seu bello paiz com Portugal. O illustre diplomata, convictamente, assegura :

— Do maior contacto commercial, da aproximação official e intellectual dos governos e dos povos da mãe Europa com os povos da joven America, resultam vantagens reciprocas. Contribuir para a resolução d'estes

problemas é a consequencia das nossas funcções diplomaticas. Pela minha parte, não economisarei actividades para que as relações entre a minha patria e Portugal sejam cada dia mais estreitas e mais importantes.

— Assim o esperamos pela viva sympathia que v. ex.^a e os seus merecem a todos os portuguezes que o conhecem ; e mil perdões pelo incommodo que lhe démos! . . .

— Não, senhor, não me incommodou, diz ainda o sr. Ramos Montero. Eu é que lhe devo agradecimentos pelo ensejo que tive de exteriorisar sympathias entre a sua patria e a minha ; e esta tarefa tão nobre e grata, obriga o meu reconhecimento como representante do Uruguay.

Sahimos. Na rua, o nosso olhar mais uma vez acariciou melancolicamente o panorama distante. Para o poente, um farrapo de nuvem formava como que um ponto de interrogação esfumado e sangrento, manchando a serenidade azulinea do céu.

LUIZ TRIGUEIROS.



Paradoxal

Ao José Candido dos Santos

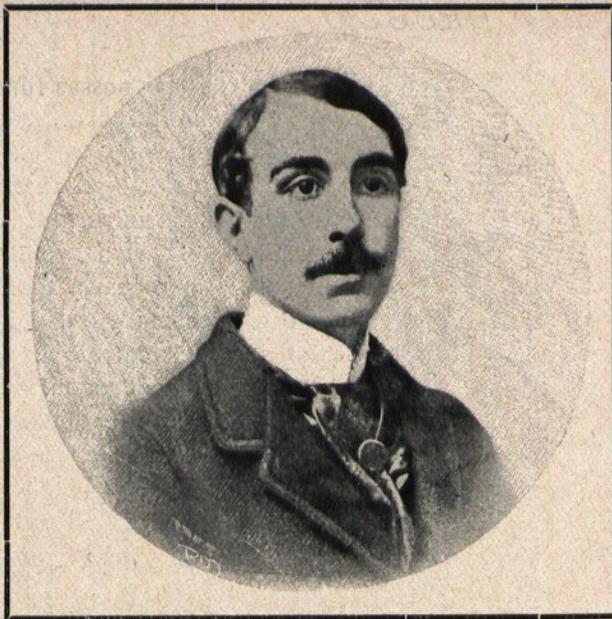
*Ora n'aquella fragilissima illusão
de justiça e poder que o odio recto cria,
fui, paradoxalmente, uma extranha energia,
um dynamo subtil, perverso, de emoção.*

*Pois, conscio d'equidade, eu tive a percepção
de que, luctando a odiar, breve, triumpharia
no sempiterno prelio animico e seria
feliz, na fôrma recta e pura da razão.*

*Enganei-me, que sendo a eterna Natureza
causa injusta de tudo, o odio, inda que a torça,
nunca pode vencer, na justa redempção.*

*E assim, mais uma vez, me prostrou a villeza
da lei paradoxal, chimerica, da força
que tinha aquella fragilissima illusão!*

SANTOS VIEIRA.



Antonio Nobre

HA dias estive a lêr, ao acaso, versos de Antonio Nobre, nas *Despedidas*, livro melancólico, publicado já depois da morte do auctor. Isto fez-me recordar algumas horas da vida d'esse poeta, que passou pelo mundo rapidamente, deixando em muitos espiritos a inolvidavel suggestão do seu doloroso talento. Essas horas, insignificantes para elle, e de que, certamente, nenhuma lembrança lhe ficou, fixaram-se-me na memoria, pois foram as unicas em que tive occasião de vê-lo, de ouvil-o conversar, de apreciar o seu espirito suavemente sombrio.

Eu não conhecia Antonio Nobre. Uma noite, ao entrar em casa da familia d'um amigo seu, disseram-me:

— Sabe? vem hoje cá o Antonio Nobre.

A noticia não me alvoroçou. Interessava-me pouco o poeta, cujos versos não comprehendia.

Antonio Nobre appareceu e então comecei a perceber o dominio que exercia em todos que se approximavam da sua estranha personalidade. E exprimo-me d'esta fórmula absoluta, por que vi, n'aquella noite, o encanto invadir, sem excepção, as pessoas que o rodeavam.

Antonio Nobre era n'esta época, 1898, um homem de figura delicada, rosto pallido, expressivo, completamente rapado, o que mais deixava admirar a finura extrema das suas

feições, especialmente a bocca, tão correctá, de linhas tão suáves, que ficaria bem em rosto de mulher. A fronte ampla, começava a tornar-se ainda maior pelo rarear do cabello, e n'aquella physionomia um pouco fatigada e doentia, os olhos abriam-se enormes, escurissimos, profundos, admiravelmente bellos.

O poeta estava vestido negligentemente, calçava umas botas deselegantes e solidas. Achei-o desprezencioso, como indifferente ao effeito que a sua presença produzia. Eu tinha ouvido algumas vezes accusal-o de vaidoso, mas não me deu essa impressão a sua attitude. Pareceu-me que n'elle a idéa do proprio valor, era uma convicção e não uma vaidade.

Acceitava o facto simplesmente, conscienciosamente, e referia-se a isso com toda a naturalidade, como a coisa que não merecesse admiração. Pelo menos foi isto que julguei vêr.

Já então a doença que o matou o fazia soffrer sensivelmente, e o poeta, segundo creio, não se illudia, e nenhuma esperanças tinha de longa vida. Estava para partir para a Madeira, como de facto partiu, e nunca mais tornei a vê-lo.

A sua maneira de conversar prendia, impressionava, penetrava. A voz lenta, grave, um pouco velada, com umas leves intonações de ironia, deixava cair as palavras serenamente, e poucas vezes as suas mãos

pallidas acompanhavam com um gesto o que dizia.

Entre as senhoras que o escutavam havia uma litterata intelligente e muito nova na idade e nas lettras, uma brazileirinha graciosa e uma provinciana tímida, que pediam com instancia para ouvil-o recitar.

Antonio Nobre recusou obstinadamente. Disse-me alguem que elle recitava mal.

Falando-se de flôres e de poesia, declarou a sua predilecção pelos cravos e pelas quadras populares. E ha, realmente, uma profunda relação entre taes flôres e tal poesia. Os cravos são delicados, finos, esquesitos, e ao mesmo tempo singelos, campesinos, humildes. Ficam bem em jarras de crystal, n'uma sala luxuosa, e nos canteiros rusticos d'um quintalinho aldeão. As quadras populares têm geralmente o pensamento original, vibrante, inspirado, que as não deixa apoucar ao lado de poesias consagradas, e a simplicidade desartificiosa que as torna agradaveis cantadas pela voz sã das camponezas.

Creio bem que em todos os nossos gostos ha d'estas analogias, em que á primeira vista não se repara.

Antonio Nobre retirou-se cedo. Parece que estou a vél-o de pé, junto da porta,

agasalhado n'uma especie de gabão de panno escuro, cujo capuz puxára para a cabeça.

A sua figura serena, com o rosto magro, ascético, e os braços cruzados sobre o peito, harmonisava-se com aquelle trajo quasi monastico, e destacava, — no fundo avelludado do reposteiro, — impressionante e admiravel como um quadro de mestre.

Este nosso encontro sem peripecias, foi o ponto de partida, do muito que hoje aprecio o talento de Antonio Nobre. Desde então li e reli com avidez os seus versos e comprehendí-os, ou julguei comprehendí-os, o que é para mim a mesma coisa. A melancolia exotica do *Só* penetrou-me.

Fôra preciso vêr o poeta para apreciar os versos, o poeta que na sua pessoa symbolisava estranhamente o que escrevia.

Quando finalmente saímos todos, — tempo depois de Antonio Nobre se retirar, — a litterata e a provinciana, já na rua, á despedida, conversavam á parte. Ao separarem-se chegaram-me aos ouvidos algumas palavras. Dizia a litterata :

— Oh! quem me dera conversar com elle outra vez!

A provinciana respondia :

— E eu prefiro não tornar a vél-o.

Ambas tinham rasão.

LIA.



SONETO

*Atravez da ramagem dos pinheiros
Coava-se o luar. Anoitecia,
Mas para as bandas do poente, o dia
Punha uns clarões suaves, derradeiros.*

*A sinuosa fita dos carreiros,
Com brancuras de prata se estendia.
O gado mansamente, recolhia,
Descendo pela encosta dos outeiros.*

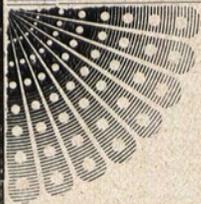
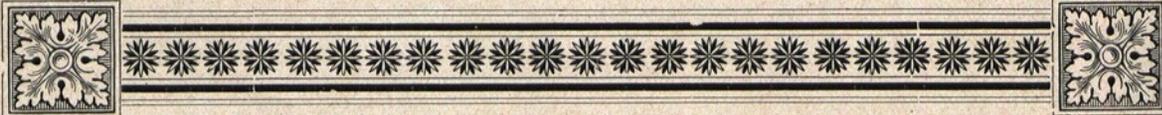
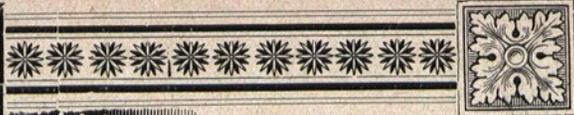
*Ao desmaiado azul do firmamento
Subia o fumo languido, alvacento,
Das pobres chaminés da velha aldeia...*

*Tangia brandamente o sino gasto,
E no lar campesino, humilde e casto,
Juntava-se a familia para a ceia.*

María de Carvalho.



RAUL DO VALLE



VIOLINO



É um Stradivario, vê, esse instrumento,
Mudo repousa, enfim, naquelle armario.
Tem historia, algo tem de extraordinario,
E, como tal, comprei-o a um avarento.

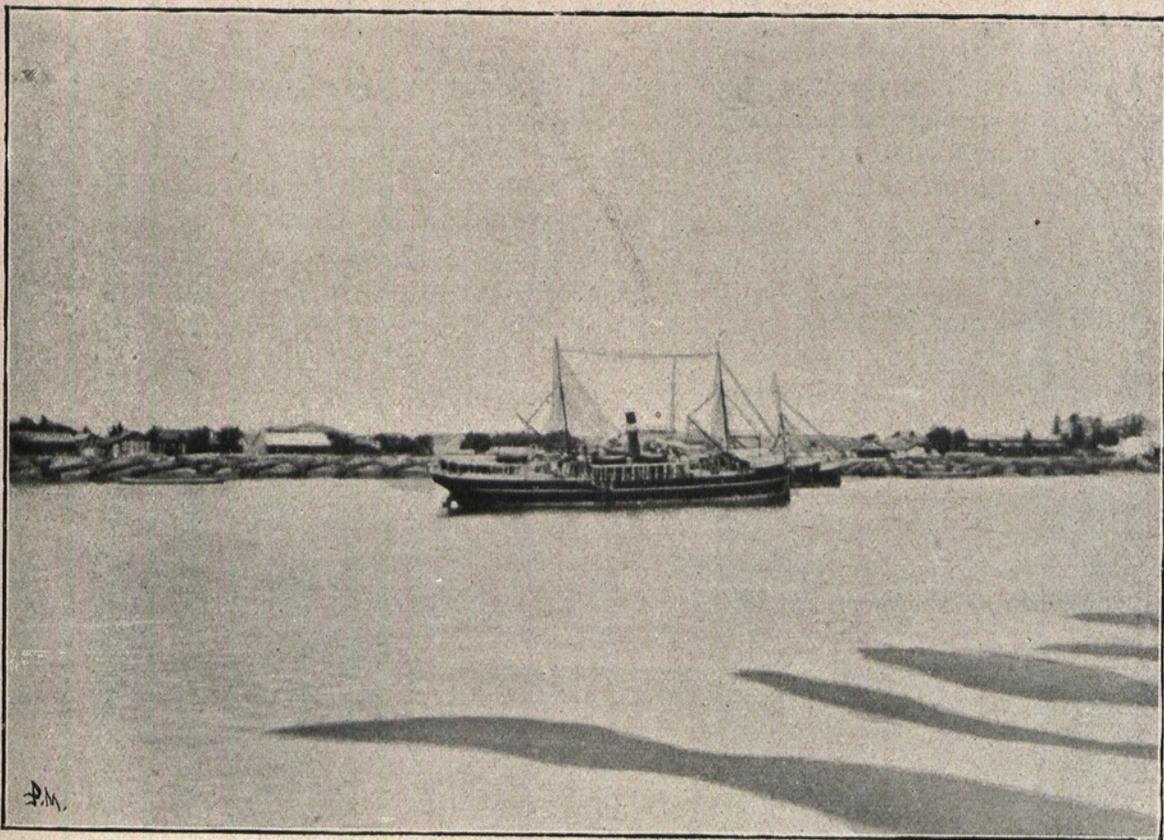
Fez de um bohemio apaixonado e vario
As delicias e, ás vezes, o tormento.
Soffria? A elle dizia o soffrimento
E a alma ia a gemer do Stradivario.

A alma conserva a mesma e a melodia
Só falta a outra alma, a que se foi um dia,
E que á terra não ha de mais voltar!

Mudo, repousa, enfim, nesse escabello:
Que alma ha hoje capaz de comprehendel-o,
E de a sua outra vez fazer vibrar?

S. Paulo (Brazil)

RAÚL DO VALLE.



CHINDE

De Inhambane a Lisboa

(Continuação)

NAR-ES-SALAM, o primeiro porto em que tocamos, pouco tem de interessante. Ruas muito alinhadas, casas todas com a mesma forma, o bairro indigena já muito europeizado, innumerables bars com velhas «fraulein» que nos tempos ha muito idos já da sua mocidade, deviam ter sido um encanto, muito café, muita cerveja, muitissimo whisky com soda e uns pessimos ovos estrellados que custaram immenso a arranjar, foi esta em duas palavras a impressão que a terra me fez. Fui para o caes massadissimo, e mais aborrecido ainda fiquei de ter d'aturar os innumerables arabes que a cada instante se collocavam deante de mim a offererem-se-me para cicerones. Havia um que me

falava d'uma beldade rara, etc. Fui com elle. Uma casa branca, janellas fechadas, tresandando a aventura, a amores cheios de mysterio, laminas que ferem na sombra, uma mancha sangrenta n'uma carne palpitante, esses contos orientaes que eu a todo instante julgava ver transformar em realidade. Por um corredor sombrio e estreito me levaram a uma sala ás escuras quasi. Ali esperei um quarto d' hora talvez. Senti passos. Um cortinado que se levanta, um pé nu n'uma sandalia doirada que avança e... a franceza, nossa companheira de viagem, que apparece vestida de oualmée! Deitei a fugir e só parei no caes, mas d'essa vez para saltar para um dos muitos barcos que ali estavam acostados e que me levou ao *Feldmarschall*.

A' noite, depois do jantar, contei a aventura. Nunca vi ninguem mais indignado do que a heroína d'ella. Levanta-se, diz-me duas coisas desagradaveis, e retira-se ofendida na sua dignidade!... Esta moralidade estrangeira para uso externo vale um dinheirão, decididamente.

Navegamos para Zanzibar.

O porto apresentava um aspecto alegre, com a casaria de côres variadas reflectindo-se nas suas aguas. Defronte do palacio do sultão, o seu velho navio de guerra metido no fundo pelos inglezes e por estes ali conservado com todo o carinho como uma lembrança e uma... lição. Apenas lançamos ferro, uma verdadeira nuvem de gente



CASA DO COMMANDO DA ESQUADRILHA DO CHINDE

invadiu o navio, vendendo tudo, desde laranjas, pannos variados, sedas, jarros da India, etc., etc., até aos postaes *perigosos* de Marselha, fazendo um barulho ensurdecedor, no meio do qual só se distinguiam os gritos dos mergulhadores, a buscarem no fundo do mar as moedas que alguns passageiros lhes iam atirando. Dizem que, com este modo de vida, contrahem uma horrorosa doença nos olhos. Mas elles continuam e, por uma simples moeda de 3 pence, mergulham vezes sem conto e vezes sem conto tambem se esmurram mutuamente a ver qual ha de ser o primeiro a saltar á agua! E' difficilimo continuar a bordo emquanto esta gente ali está. Mettem-se por todo o navio, sujam tudo e não poucas vezes se

esquecem levando... o que lhes não pertence.

Os catraeiros, o mesmo que em toda a parte: uma berraria infernal, e a gente é empurrada, todos nos querem levar a terra, um por um braço, outro por uma perna, ainda outro pela gola do casaco, de tal modo que se se consegue chegar são e salvo, é um verdadeiro milagre... em paiz de herejes.

Os cicerones eram outra praga e não menor do que aquella. Fallam todas as linguas e não sabem nenhuma. Offerecem-nos tudo e não são capazes de nos darem uma unica indicação sequer.

E' horrivel aquelle primeiro quarto de hora!

Eu e um outro companheiro, um addido de legação em passeio em Africa, lá conseguimos depois de muito custo arranjar uma embarcação mais limpa e um cicerone menos massador. E com elle fomos ver Zanzibar. Fallava portuguez este nosso novo amigo, o que me admirou. Depois vi que, restos de passadas grandezas nossas, é lingua muito conhecida em todo o littoral até Port-Said. Fomos a uma loja onde comprámos uma cabaia e um cofió, maneira pratica de poder vêr tudo, sem ser alvo da incommoda admiração indigena. E assim «arabisados» nos mettemos pelas ruas estreitas e sujas de

Zanzibar, uma algazarra infernal, muitas lojas de fructas, bazares de pannos varios, tudo isto muito porco, muito sujo, no mais perfeito accordo com os patrões e caixeiros que, graves, aninhados no chão e mechendo nos pés, entoavam cantilenas, só interrompidas para nos venderem qualquer coisa, de mau modo, quasi por favor, á mistura com duas ou tres pragas que, para descanço da nossa consciencia, não percebiamos...

A cidade é pequena.

Vinte minutos de caminho por uma rua tortuosa e estreitissima e está-se no campo. Um caminho regular, sombreado, leva-nos a um dos palacios do sultão, hoje não habitado, onde nos mostraram um soberbo bi-

cho, um enorme leão que faz immensas habi-
lidades como pôr-se de pé, pedir, etc., etc.

Custa esta brincadeira um shelling, bem
mal empregado por signal.

Este palacio é de estylo oriental puro,
com as suas arcadas, portas e janellas ogi-
vaes, lagos, fontes, bem mais artistico que
a actual residencia, d'um depravadissimo
gosto.

Fomos a um café servido por... chine-
zas! Esta vida d'Africa é tudo quanto ha
de mais original.

Depois d'um soffrivel almoço, durante o
qual uma dama de nacionalidade dubia
cantava, acompanhada por um desafinadis-
simo piano, cançonetas de Montmartre, par-
timos para o mercado. Eu nun-
ca vi tanta porcaria á mistura
com as mais extraordinarias
coisas, pannos bordados ao pé
de troços de canna d'assucar,
jarras made in... Germany,
imitando India e China, ao pé
de rolos de tabaco, uns «canu-
dos» detestaveis para preto,
barracas sordidas ao pé de ou-
tras pintadas de côres berran-
tes, aqui e além brilhando as
laminas de punhaes e cimitarras
arabes, de punhos cinzelados,
tudo isto animado por uma mul-
tidão que berrava e gesticula-
va, a contrastar com a gravi-
dade fatalista dos lojistas, ani-
nhados sobre tapetes, as mu-
lheres, cobertas d'uma tunica
preta, recostadas n'uma espe-
cie de divan de rede de corda.

D'ali nos fomos depressa, que o sol quei-
mava.

Depois de descançarmos algumas horas
no terraço d'um hotel francez, bastante ra-
soavel, resolvemos ir ver o resto da cida-
de, para o lado da barra.

Nas margens do porto, quasi defronte do
embarcadouro, ficava a residencia do sul-
tão.

A' entrada do palacio duas peças de ar-
tilharia de boccas hiantes intimidavam. Uma
guarda, de farda de côres vivas, estendia-
se ao redor do palacio, d'uma architectura
sem gosto, misto de europeu e oriental, de
mil côres como as fachadas d'uma drogaria.

Pegado ao palacio, o harem, de paredes

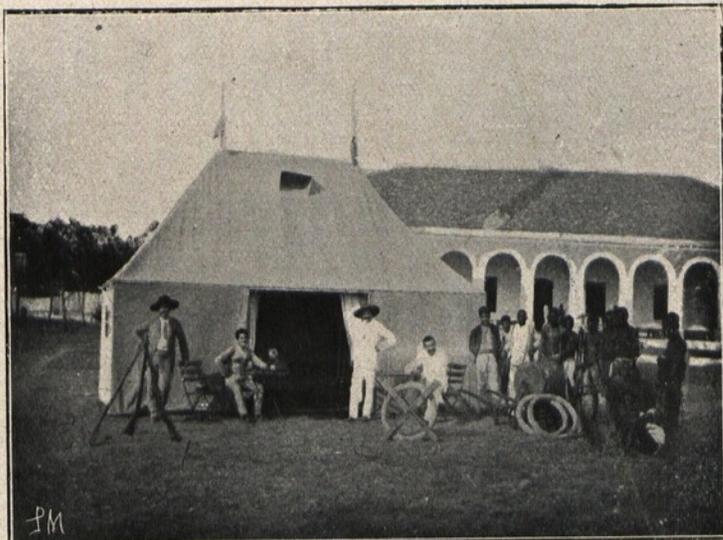
nuas, com pequenas janellas que grades ce-
radas guarneciam. Dentro, o mysterio que
a ninguem foi dado ainda desvendar.

Encostámo-nos ali, á sombra d'uma ar-
vore, rente ao moucharabié que fechava
uma das janellas. De dentro vinham até
aos nossos ouvidos os sons plangentes d'um
instrumento de corda, quasi os de uma gui-
tarras, a acompanhar uma canção dolente,
qualquer coisa de infinitamente triste, como
o cahir da noite n'um sitio ermo, sem mo-
vimento, sem vida.

Quanto tempo ali estivemos, não sei.

Só me lembro que nos despertou qualquer
coisa que cahia aos nossos pés.

Era um lenço, e ainda lá em cima, d'onde



ZAMBEZIA — VILLA ESTEPHANIA
Edifício da Direcção dos Telegraphos

vinha a canção, eu vi uma mão scintillante
de aneis...

Estonteados, sob a impressão dos contos
das *Mil e uma noites* que aquelle balcão
rendilhado nos trazia á mente, julgámos por
um momento ser para nós um signal esse
lenço de finissima cambraia que ali cahiu,
em que a imaginação nos fazia vêr um beijo
ardente atirado loucamente a um namorado.
Era nova a dona d'aquella mão que entre
grades vira?

Não sei, nem o podia facilmente saber.
Preferi guardar em toda a sua pureza essa
lembrança d'alguem que soffria, d'alguem
que, quem sabe? chorava talvez, acor-
rentada a vida inteira, sem nunca poder

gosar como nós este sol que é vida, olhos nos olhos a dizer amor.

Partimos.

Tocámos em Pangani e Tanga, mas não chegámos a desembarcar. Nenhuma curiosidade tinha a terra, algumas barracas de zinco no meio de frondosa vegetação. Demoramó-nos apenas o tempo sufficiente para carregar marfim, tabaco, café e copra, e metter a bordo meia duzia de colonos, todos allemães, loiros, rosados, de lunetas,

gantes bungalows que com as suas côres ber-rantes punham uma nota oriental n'aquelle scenario de magia.

A pequena distancia, na ilha, fica Mombaça, terra para nós portuguezes tão cheia das recordações saudosas de um passado de gloria, com o forte regularmente conservado, ainda com fosso e ponte, a recordar ao mundo que ali, por de traz d'aquellas pedras, 50 portuguezes resistiram tão denodadamente aos arabes, que só depois de 33 me-



VISTA DA CONCEIÇÃO

conservados na cerveja que a cada instante ingeriam, desde que o sol se levantava até que no nascente começava a raiar outra vez!

Lançámos ferro em Kilindini, vasto porto podendo abrigar a maior esquadra, as margens ridentes cobertas de palmares balouçando-se na brisa, reflectindo a sua imagem nas aguas serenas e limpidas do porto; aqui e além pangaios arabes carregados de artigos varios de commercio, fazendas, tabaco, etc.; e, com pequenos intervallos entre si, destacando-se na verdura do terreno, ele-

zes de lucta conseguiram entrar na fortaleza onde já só encontraram treze feridos, dois dos quaes eram mulheres! Outros tempos e outra gente! . . . Retomada novamente pelos portuguezes e outra vez perdida, foram aquelle forte e meia duzia de restos de velhos fortins já quasi nos alicerces só, tudo quanto ficou d'uma epopeia gloriosissima . . .

O porto de Mombaça é mais pequeno que o de Kilindini mas apresenta o mesmo risinho aspecto.

De Kilindini, por uma magnifica estrada

sombreada de mangueiras, dois pretalhões robustos nos levaram n'um carrinho andando sobre rails, muito semelhantes aos da Beira, até á cidade, dividida em duas partes perfeitamente differentes, uma, a velha, arabe, de ruas estreitas, sujas e aos zig-zags, e a outra, européa, de largos passeios, magnificas construcções, como a residencia do governo, o banco, o tribunal com a sua torre de relógio, a cathedral, etc.

Depois de jantarmos n'um magnifico ho-

3 da madrugada, enfrascava em cerveja e whisky and soda as saudades do complacente marido que em Africa ficara a trabalhar...

Dobrámos o Guardafui quatro dias depois. Dahi em deante ia mudar por completo o panorama.

Ha em toda esta costa qualquer coisa de profundamente triste que enerva. Vive-se uma outra vida.

Parece que toda a historia d'esta região, antes mesmo da época em que, ha tantos mil



JARDIM DE CHNABODEM

tel, dando para um grande e bem tratado jardim no meio do qual se levanta a estatua de Mackinam, voltamos para bordo.

Pouco tempo mais ficámos. Partimos depois de metter carga, e embarcar para a Europa a mais gentil mas tambem a mais bebida allemã que no celebre museu de curiosidades raras que era o *Feldmarschall*, eu vi. Era um demonio vivo aquella filha do Rheno, que logo de manhã em *toilettes* claras, justas, desenhando um busto de estatua, nos acordava com as mais extraordinarias canções, e que á noite, até ás 2 e

annos, os gregos dominaram no Egypto, estendendo a sua acção até aos confins da Nubia, deixando em monumentos varios a impressão da arte e da belleza, a historia sangrenta da dominação arabe, tão profundamente radicada, toda a epopeia tragica da religião christã, parece que tudo isto ali vive ainda, lançando no ambiente qualquer coisa de pesado que se não pode sentir sem commoção, nem recordar com serenidade.

No sexto dia de viagem chegámos a Aden.

A impressão que se experimenta ao pôr o

pé em terra é a mesma de tristeza e desolação que logo á entrada do porto tivemos.

Meia duzia de casas, sempre as mesmas em toda a costa, brancas, de terraços, os mesmos bazares, vendendo as mesmas coisas, roubando-nos aqui como em toda parte o mais que podem, um pessimo restaurante onde cada bife custava 4 schillings, e cada «wisks and soda» 2, os mesmos cicerones massadores e ladrões. e aqui está em duas palavras o que é Adem, essa sentinella vigilante á entrada do estreito, na ponta da Arabia deserta e inhospitaleira

Um camelo lazarento carregava com dois ódres d'agua suja e barrenta, guiado por um arabe que só por um milagre d'equilibrio se podia ter em pé, tão grande era a sua magreza.

Uma caravana descansava mais adiante esperando carregamento. Os mesmos arabes, magros, repelentes, olhos de aguia, os albornoses brancos fa-

zendo destacar ainda mais a negrura da têt, rezando em monotona cantilena, enquanto, deitados, uns camelos côr de lama devoravam em silencio uma magra ração, os olhos volvidos lá para longe, muito distante, o deserto onde foram livres, onde puderam correr, na embriaguez doida do vasto, do immenso, do que não tem fim.

Ergue-se uma montanha enorme á direita e tão pardacenta que parece de cinza. Ao longo, uma estrada, sem uma só arvore a sombreá-la, levando ao deposito do carvão. No porto, perfilando para o ceu em fogo os seus mastros curtos, alguns navios de guerra inglezes.

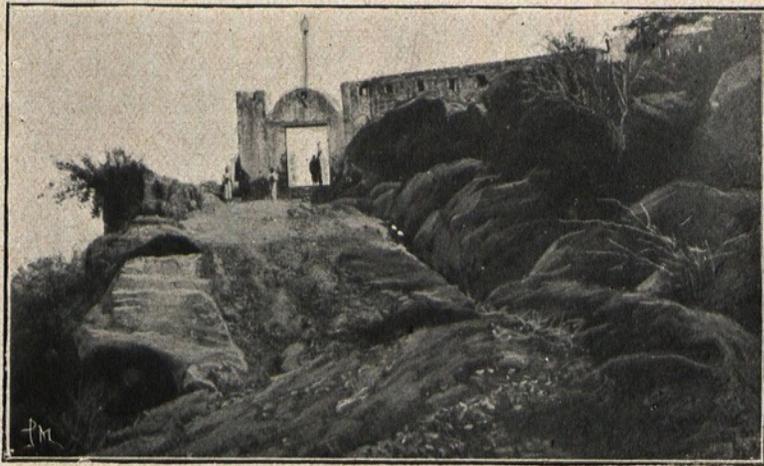
E a paisagem, quanto a vista alcança, tem sempre o mesmo aspecto de nu e escaldado. Partimos em direcção ao estreito de Bab-el-Mandeb que atravessamos, entrando no Mar Vermelho. O calor suffocava.

Já em Aden tinham entrado para o navio fogueiros indigenas, que os europeus não podiam aguentar de fôrma alguma o verdadeiro inferno em chammas que devia ser n'aquellas alturas a casa das caldeiras do *Feldmarschall*. D'ali por deante até Suez, nenhum de nós voltou a dormir no beliche. Deitavamo-nos no spardeck, ao ar livre, de pyjama apenas, e ainda o calor era de tal ordem que só pela madrugada se adormecia. Alguns das nossas companheiras fizeram o mesmo. Vinham de kimono e assim ficavam. A franceza e a allemã ainda os achavam *toilettes* de inverno. Desabotoavamos...

Quasi todos mergulhavam em cerveja gelada desde madrugada. A' noite, dormiam...

Assim navegavamos.

A' nossa esquerda as areias da Eritrêa escaldavam. Nem uma casa. De longe em longe miseraveis cabanas e uma ou outra figueira estor-



FORTE DE MASSARGANO

cendo os seus braços petrificados n'uma agonia de seculos. Ao longe, o deserto sem fim. E, cruzando-o, a passos lentos, uma caravana que passava, esqueleticos camelos, arabes de tez bronzada, curvados, entoando monotonas canções. Parecia que sobre aquella terra pesava uma maldição. Ruinas de velhos templos levantavam de quando em quando para o ceu pedras escuras pelo tempo, resto de ogivas, de abobadas, de pedestaes de estatuas diversas. A morte em toda a sua tragica nudez, o silencio pesado d'um sepulcro onde outr'ora houve vida, se soffreu e se amou. Tumulos de prophetas e de padres esparsos aqui e além, sombreados por arvores que pareciam uma chaga purulenta no amarellado sombrio da terra,

A' direita, fugindo n'uma fita cada vez mais estreita no horisonte, as areias da Arabia

E, alumiando esta paisagem de desoluição e de dôr, um sol abrazador, n'um azul quasi côr de chumbo. Pelo Mar Vermelho caminhamos até Suez. Agora erguia-se deante dos nossos olhos o monte Sinai, o cimo coberto de nuvens, a confundir-se com o ceu.

Era isto para nós todos tão perturbador que perguntamos onde poderíamos desembarcar para subir o monte. Dissuadiram-n'os d'essa idéa por não ter interesse algum, apenas um amontoado de rochas nuas e de areias, e não haver o menor logar onde nos alojássemos, só de longe a longe se encontrando uma ou outra cabana de terra, baixa, humida, como um tumulto, onde fellahs miseráveis arrastavam uma existencia de dôr e de soffrimento.

Ao ver toda esta terra escavada e nua, onde nenhuma arvore dá folha, nem planta dá flôr; ao pisar aquellas rochas bronzeadas pelo sol durante seculos sem fim, ás quaes nem um musgo dá vida; ao vêr aquella gente, miseravel, rota, faminta, desprezada por todos, de todos recebendo insultos e chicotadas; ao vêr e ao sentir a vida d'esta terra, o palpitar das coisas que ha muito morreram, mas que falam, que gemem, que

soluçavam e choram, ao vêr isto, sente-se bem o que teria sido essa formidavel epopeia d'um Homem prégando uma outra vida, qualquer coisa que compensasse uma existencia que era uma agcniã, d'esse Homem que pela primeira vez mostrou que os pobres, os desgraçados, aquelles que na sua vida nunca conheceram a alegria e desde o berço não sabem senão o que é a dôr; que os tristes, os que soffrem, os que gemem sob o peso d'uma desdita immensa, e que, curvados para a terra, vão com as suas proprias lagrimas cavando os sete palmos em que hão de alcançar a suprema ventura de descansar para sempre; que esses, os desprotegidos, os humildes, eram tambem gente, tambem tinham direitos porque tinham alma e pulsava-lhes dentro do peito um coração, sente-se o que teria sido essa epopeia que na tragedia inolvidavel do Golgotha teve o derradeiro acto, n'uma tarde sombria, o sol empanado por nuvens que sobre aquella terra lançaram uma sombra pardacenta que dois mil annos não conseguiram ainda fazer desvanecer.

E é sob a impressão pesada desta tragedia que se chega a Suez.

(Continúa.)

THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT.



Entre dois orphãos

— Oh! dize, meu bom irmão,
Onde foi nossa mãe qu'rida
Toda de luto vestida,
Deitadinha n'um caixão?
— Não chores mais, tenra flôr,
A' luz do meigo luar,
Que a nossa mãe foi gosar
As delicias do Senhor
Em outro mundo melhor,
Em outro mundo sem par!

MARIO FLORIVAL.

Maria Antonietta na sua toilette



ALGUNS dos costumes mais curiosos que antigamente se seguiam em França, eram os que diziam respeito aos quartos de toilette das rainhas. Observava-se o maior ceremonial e a etiqueta mais rigida das leis da côrte, no simples facto do levantar e vestir.

Esta ultima parte da toilette e penteado, era costume fazer-se emquanto a figura principal recebia alguns dos seus intimos, admittidos por especial favor na intimidade dos segredos da toilette.

A historia de Maria Antonietta, dá muitas notas interessantes d'estes costumes. Um dos biographos d'esta infeliz Rainha, relata o seguinte caso da rotina diaria :

A Rainha acordava geralmente ás oito horas. Uma mulher do guarda-roupa entrava então, trazendo um açafate, contendo duas ou três camisas, alguns lenços e toalhas; chamava-se a isto a «offerta» da manhã. Seguia-se uma aia que apresentava um livro no qual estavam representados, modelos de vestidos, de saias de baixo, chapéos, etc.

Havia, ordinariamente, para cada estação, doze toilettes de cerimonia, doze de uso e doze ricos vestidos com *paniers*. A Rainha marcava com um alfinete os vestidos que escolhia para esse dia, um vestido para de manhã, um para a tarde, e outro para o theatro e para a ceia.

O livro das amostras era immediatamente levado, e os vestidos escolhidos vinham em seguida dentro d'um grande bocadão de *taffetà*.

A Rainha banhava-se quasi todos os dias; rolavam uma tina grande para o quarto, e

as aias traziam todos os accessorios para o banho. A Rainha embrulhava-se n'um manto de flanela ingleza, abotoado até aos pés, e quando saía do banho estendia-se um lençol muito alto de fórma que as aias não a vissem. Voltava então para a cama, vestia um casaco de *taffetà* branco, e pegava n'um livro ou n'um bordado.

A's nove horas, nos dias de banho, serviam-lhe o almoço n'uma bandeja collocada n'uma prateleira ao lado da tina; nos outros dias era-lhe servido na propria cama, e algumas vezes n'uma mezinha posta junto do seu sofá. Eram então admittidos os intimos. O almoço era muito simples, consistindo em café ou chocolate.

Ao meio dia começava-se a grande toilette. Era então moda as grandes *entrées*. Traziam-se cadeiras de rodas para o superintendente, para as damas de honor e aias, para o governante dos Principes, para os Principes de sangue, capitães da guarda, e todos os officiaes de alta categoria que tinham entrada, vinham prestar a sua homenagem. A Rainha cumprimentava curvando a cabeça, e fazia uma mesura caso fôssem Principes de sangue. Inclina-se sobre a sua meza de toilette para indicar que estava para se levantar. Os irmãos do Rei vinham ordinariamente depois d'ella estar já penteada.

A meza de toilette, muito rica e trabalhada, ficava ao meio do quarto. A dama de honor estendia-lhe a camisa e deitava agua para ella lavar as mãos, a dama de quarto vestia-lhe a saia do vestido, ou o vestido completo, arranjava-lhe o *fichu*, e abotoava-lhe a gola de renda. Era n'esse momento que monsieur Rondon, no primeiro de cada mez, dava á Rainha, n'uma bolsa

de couro branco forrada de *taffetà* e bordada a prata, o dinheiro para as suas esmolas e para o seu theatro.

Nos ultimos tempos, Maria Antonietta tinha abolido esse ceremonial. Depois do cabello penteado, cumprimentava as damas que estavam no quarto, e seguida pelas aias entrava no *boudoir* para se vestir; alli já encontrava a sua modista, mademoiselle Bertin, a suprema arbitra da moda e elegancia d'aquelle periodo.

Maria Antonietta comia muito pouco, só carnes brancas, e nunca bebia vinho. A' ceia contentava-se com um pouco de caldo, uma aza de frango e um copo de agua, na qual molhava alguns biscoitos.

Quando se levantava da meza de jantar, tirava o *panier*, uma parte da saia, e preparava-se para os seus deveres da *soirée*.

Cada detalhe da sua vida, continúa o biographo, mesmo o mais intimo, cada detalhe de toilette, a propria fórma d'um laço, estava regulado; cada criada tinha o seu logar marcado, e o seu serviço distribuido de ante mão. Se a Rainha, por exemplo, pedia um copo de agua, o laçao apresentava logo uma salva com o copo e uma garrafa, mas se apparecia a dama de honor, era a ella que incumbia servir a Rainha; e se acontecia entrar a condessa d'Artois n'esse momento, era a ella que competia o encargo, e a bandeja tinha de passar das

mãos da dama para as da Princeza, antes de chegar ás da Rainha.

Nada se passava directamente á Sobe-rana: o lenço, as luvas, eram conduzidos n'uma bandeja de ouro ou cofre de prata, chamado *gantière*.

Era a primeira aia de serviço, que apresentava á Rainha o que ella pedia, contanto que não estivessem presentes ou dama de honor ou princeza, e assim se observava sempre a mesma ordem que para o copo de agua.

Conta a seguinte anecdotia madame Cam-pou, uma das damas da Rainha:

N'um dia d'inverno aconteceu que a Rainha, quasi despida, estava para vestir a camisa. Alguem bateu á porta e appareceu a duqueza de Orleans, que tirando as luvas, estendeu as mãos para a camisa, mas a dama de honor não lh'a podia dar, sem m'a entregar a mim, e eu entreguei-a á Princeza. Alguem bateu outra vez, era a condessa de Provence, e a duqueza de Orleans apresentou-me a camisa. A Rainha tinha os braços cruzados no peito e parecia estar com frio. A condessa, notando esta attitude friorenta, mesmo de luvas, apromptou-se a envergar-lhe a camisa, mas quando ia a mettel-a, desmanchou o penteado á Rainha. A Rainha, para esconder a sua impaciencia, riu, mas não antes de murmurar umas poucas de vezes entre os dentes:

— E' odiosa esta maçada.



DEBILITADOS por EXCESSOS
de forças physicas e muscula-
res, pessoas excessivamente
NERVOSAS, curam-se comple-
tamente com a

Somatose

em pó ou líquida

(dóce ou secca)

Vende-se

nas farmacias e drogarias



Senhoras em evidencia

Condessa de Torrijos

A senhora condessa de Torrijos, consuleza de Hespanha, é uma figura saliente entre o corpo diplomatico acreditado na nossa côrte, pela distincção rara das suas maneiras, pela fina illustração do seu espirito.



Casada com o sr. conde do mesmo titulo, D. José de Alcalá Galliano, que é um glorioso poeta da nação visinha, nome de ha muito consagrado entre os melhores litteratos hespanhoes, as suas reuniões fogem a toda a vulgaridade, tornando-se notaveis pelo brilhantismo, distincção, e um certo ar de intellectualidade que as destaca.

De origem inglêsa, amando, como todas as senhoras do seu paiz, a paz íntima do seu lár, tendo, em mais alto grau, a paixão do seu *home*, possui todas as qualidades superiores, de intelligencia e de coração. Recebida ha pouco no palacio dos nossos reis, fica

bem á sua personalidade distinctissima essa concessão honrosa, porque recae em quem, á virtude do seu nome, allia a bondade e a illustração que a tornam estimada de todos quantos teem um dia a ventura de lhe apertar a mão. A homenagem que hoje lhe prestamos é uma obra de justiça, que se impunha á nossa proverbial adoração por quem sae da vulgaridade, dando aos que a cercam a impressão d'um alto e fino espirito de mulher.

Madame Sagastume

E' quasi proverbial a belleza das mulheres da região platina. A belleza das senhoras argentinas passou sempre como um axioma, e na presente occasião, as senhoras da Republica Argentina estão oficialmente representadas em Portugal de modo a confirmar-se o que acabamos de escrever, na pessoa de



madame Sagastume, a illustre ministra daquela republica, que, alem de ser uma formosissima senhora, põe nas suas festas e recepções um raro cunho de

elegancia e riqueza, tornando-as das mais distinctas que se realisam em Lisboa. O rico e artistico mobiliario do seu palacio, a amabilidade e distincção da illustre dama, alliada á linha, intelligencia e affabilidade de seu marido, tudo concorrece para tornar os seus salões immensamente desejados por todos. Os illustres ministros da Argentina conquistaram um logar d'honra em Lisboa.

A distinctissima senhora, cujo retrato temos a honra de inserir nas nossas paginas, é como que a alma das suas festas. A' sua volta se rendem submissos os peitos de todos quantos a rodeiam, prestando-lhe homenagem justa á sua belleza e elegancia, curvando-se respeitosos ante a cultura do seu espirito e bondade da sua alma.

Dr. Carneiro de Moura

A instrucção educativa e a organisação geral do Estado é o titulo do relatorio de que é auctor o Dr. Carneiro de Moura, que por ordem do Ministro do Reino, elaborou esse importantissimo diploma. O Dr. Carneiro de Moura, jornalista, escriptor e jurisconsulto dos mais eruditos, elegantes e fecundos da moderna geração, tem-se dedicado com extraordinario zelo e tenaz empenho, hoje infelizmente raros, ao estudo e resolução do vital problema da instrucção primaria em Portugal. Esse trabalho, um substancioso volume de cerca de tresentas paginas faria a reputação de um especialista, se a do seu auctor não



estivesse ha muito tempo edificada em solidas fundações. A parte historica, a da estatistica, a que encara o analfabetismo, a que descreve o meio social e a instrucção educativa, a que avalia a instrucção popular e a lucta social contemporanea são trechos demonstrativos de uma vasta erudição, a par de um amor patrio e de uma orientação civica acrisoladissimas. E' um livro que vale um evangelho para quem ama a sua terra e deseja que ella occupe no convivio das açoes cultas o logar a que tem direito.

O povo e os poetas portugueses

Na inolvidavel noite de 12 de janeiro, no palco do nosso primeiro theatro-escola, appareceu a mais perfeita alma de poeta — Affonso Lopes Vieira —, a diser na sua prosa de oiro, cheia de harmonia, rica de fórma, o quanto tem andado, por seculos, alliadas intimamente, a alma do povo e a dos seus cantores.



AFFONSO LOPES-VIEIRA

Foi como que uma clareira na monotonia da nossa vida litteraria, uma onda de luz deliciosa na noite escura da inercia e do indifferentismo artistico do nosso tempo.

Affonso Lopes Vieira é um poeta erudito; não dessa erudição massuda, que se exteriorisa em exhibicionismos cathedraicos, mas da delicada e sentimental sciencia das coisas, que sabe arrancar dos infolios poeirentos, cheia de graça, a fina flor da poesia e sabe sentir profundamente a espiritualidade consoladora da vida.

A longa e gloriosa pleiade de poetas, desde a epocha primitiva dos segreis á alas ympathica dos romanticos, não podia ser recordada, hoje, por mais legitimo continuador da tradição poetica nacional do que o é o cantor da *Saudade*, o primoroso artista de *O Pão e as Rosas*. A sua obra é um trabalho admiravel, feito com muito amor e tratado com toda a delicadeza da sua bellissima alma de poeta, um trabalho perfeito com relação ao thema a que se subordinou.

O assumpto, sobre ser complexo e vasto, o que para o poeta não era difficuldade, necessitava dum espirito assim, superior e sincero, que nos soubesse

dizer, succinta mas realmente, a ininterrupta alliança dos poetas portuguezes com a alma popular por vezes enfraquecida, mas nunca olvidada.

Affonso Lopes Vieira soube cumprir o seu *desideratum* encantadoramente!

O publico que accorreu á sala do theatro normal, onde se distinguu a primeira intellectualidade da nossa terra — como raras vezes a temos visto representada — escutou commovido o trabalho do altissimo poeta e sentiu nitidamente, vibrando, o enthusiasmo que lhe enchia a voz, a sinceridade e o carinho com que elle sabe amar os poetas de Portugal.

D. Deniz e os apocriphos, na época trovadoresca. Camões e o Mestre Gil, no seculo de quinhentos; Rodrigues Lobo, o maior lyrico portuguez, para o nosso sentir é uma alma eleita no meio da treva do seculo XVII; Garrett, ainda, entre a pleiade romantica, todos passaram, amorosamente pela observação do grande artista.

O facto, de tão evidente exito, tem ainda no actual momento a vantagem de demonstrar, até á saciedade, que não precisamos de ir lá fóra buscar quem nos saiba dizer, em fórmulas artisticas e eloquentes a poesia dos homens e das coisas.

A conferencia de Affonso Lopes Vieira serviu ainda para provar, aos que superintendem em materia de arte, que urge levar até mais longe, até á alma popular, divorciada ha tantos annos da corrente artistica do seu paiz, a palavra evangelisadora dos poetas da nossa terra, porque na arte está a felicidade e a perfeição do povo, porque na arte encontra elle hoje, como encontrou sempre, lenitivo ás suas maguas, alentos para as suas luctas.

Nesta terra de sentimentalismos, só pôde ser comprehendido e amado do povo, o que á alma do povo falar e souber dizer-lhe com verdade, sinceramente, as suas tristezas e as suas alegrias.

Abençoados sejam pois os que a esta missão consagram o melhor da sua vida, os que trabalham assim para que se não quebre a velha e tradicional amizade do povo e dos seus poetas!

A interessantissima conferencia está publicada em edição primorosa e linda e é destinada pelo seu auctor a subvencionar uma obra benemerita e justa: a Escola-Monumento João de Deus.

E' como que a cupula do seu artistico edificio, que não podia ter melnor destino do que servir a engrandecer a memoria daquelle que foi um dos mais queridos poetas portuguezes.

Entre os poetas Affonso Lopes Vieira e João de Deus ha a afinidade natural de duas almas eleitas, sentindo e vendo a vida através um mesmo prisma; a communhão num mesmo ideal; são dois espiritos que na Arte encontraram a formula definitiva da possivel felicidade humana.

Um — olhamol-o ás vezes, commovidamente, como que sendo a continuação do outro, continuação progressiva, pois que a obra já hoje tão notavel de Affonso Lopes Vieira se eguala á de João de Deus no sentimento, excede-a extraordinariamente no tra-

balhado da fórmula, na bellezã inexcedível da imagem, na simplicidade dos themas, no encanto delicado das expressões, na musica, no rythmo, em tudo o que delle faz um bem-amado poeta quinhentista.

A conferencia no theatro de D. Maria II serviu tambem ainda para consagra-lo, definitivamente, um prosador distinctissimo. A lingua portugueza tem hoje poucos trabalhadores perfeitos. O que para ahi se escreve, sem ter a arida frieza do classicismo, não é tambem de molde a denunciar-nos conhecedores consciences das riquezas do idioma. Já o prefacio do poeta no livro de Vicente Arnosso tinha sido para o publico portuguez, que se interessa por estas coisas, uma alta e bella affirmacão do seu talento e da sua arte de prosador. Affonso Lopes Vieira é sobrio, sem ser omisso; conhece immensamente toda a vasta gamma da lingua; trabalha-a com tanto cuidado, com tanto carinho e tanto amor, que dir-se-hia em cada novo trabalho lhe encontra encantos novos, novas harmonias, que do fundo brilhante da obra resaltam como as figuras principescas dum vaso da Renascença.

Superior espirito este que em cada dia nos dá mais gloriosas provas da sua força! Grande poeta, que o é em tudo, no trabalhar, no sentir e no viver!

Oxalá que em breve tenhamos occasião de o ver em trabalhos similares, porque não tem o direito de se recusar quem tão profunda e conscientemente é capaz de abordar assumptos que não são para todos! E oxalá tambem se repitam as conferencias dos nossos homens de letras, porque ha todo o bem a esperar duma obra tão gloriosamente iniciada.

Chronica da moda

O excesso do luxo nas toilettes das senhoras — O luxo superfluo e exhorbitante é um crime — O cuidado na toilette é um dever — Os chapéus de meia estação, em palha, tulle e crina — Os vestidos pretos para a Semana Santa — O reinado das pelles.

Assim como pelo augmento das armas se chega á paz — que se queres a paz, prepara-te para a guerra — assim parece que o augmento verdadeiramente descommunal do luxo, nomeadamente nas *toilettes* das senhoras, deve ter a consequencia natural duma reacção para a simplicidade, já porque o gosto se está perdendo nos meandros dum exotismo extravagante, já porque dentro de pouco tempo não ha bolsa de marido que supporte encargos desta força, ou dote que se não perca na loucura do luxo.

Evidentemente a belleza não está nas linhas ricas de ornatos das modas dos ultimos tempos. Entre essas *toilettes* a que, não sei porquê se convenci nou chamar á *imperio*, e a *toilette* simples, clara, elegante e calma duma *miss*, que pisa firme o asphalto, sem a preocupação de que tudo se desmorone, não ha ninguem de regular bom gosto e de criterio commum, que não prefira esta áquella. Sabemos a velha



VESTIDO DE SARAU BORDADO COM CORPETE DE FAZENDA DIFFERENTE (FIGURINO DE LONDRES)

e vulgar afirmação: «se os gostos fossem os mesmos, o que seria do amarelo». A um criterio imparcial, porém, impõe-se á evidencia dos factos, e não ha ninguem de regular bom senso que não sinta um mixto de espanto e de horrôr ao ter de desviar-se, no vae-vem da rua, da roda incommoda dum chapêo moderno.

Se nos voltarmos para o capitulo das despezas, ainda os factos se encarregam de nos dar razão,

offerecendo-nos argumentos poderosos, para condemnar o excesso do luxo. Não imaginem, porém, as nossas leitoras que vamos editar aqui qualquer daquellas diatribes com que os primeiros padres da egreja condemnavam o excesso de luxo de Roma devassa. Não, minhas senhoras! Se acaso a quem nos está lendo agrada continuar a dispersar a sua fortuna pelas differentes lojas de modas, continuem e isso que lhes saiba bem. Julgamos, porém, cumprir um dever social,

Em todos os casos nos quaes se deve favorecer o appetite, augmentar as forças, restabelecer o estado geral, nada melhor que a **SOMATOSE**.

imposto pelos mais rúdimmentares principios da sociologia, afirmando que o luxo superfluo e exorbitante é um crime, a que as mulheres sensatas se devem oppôr, por isso que representa uma herança dos velhos tempos da divisibilidade das castas e ainda, e sobretudo porque os rios de dinheiro com que se mantem essa vaidade são outros tantos meios desviados da pratica do bem, além de que levam, — quantas vezes! — á ruina, á desgraça, á morte emfim!

O cuidado da *toilette* é incontestavelmente uma qualidade apreciavel e necessaria que nós aconselhamos a toda a gente. Representa uma consciencia do proprio valor, ao mesmo tempo que denuncia o bom gosto e a cautela no cumprimento dos principios da hygiene. O asseio a simplicidade e o bom gosto são necessarios na mulher, como no homem. D'ahi ao exaggero das *toilettes* d'hoje vae um abysmo.

Não pensem porém, as nossas leitoras, que em vez de advogarmos os seus interesses, estamos fazendo aqui uma guerra á *outrance* ás modistas e ás lojas de modas. Deus nos livre d'isso. Achamos mesmo que são muito dignas de protecção. Mas todos os exaggeros são condemnaveis e o exagero do luxo tem até para nós, portuguezas, esse coefficiente de correcção: utiliza mais ao commercio estrangeiro do que ao nacional. Quando outro incentivo não encontrem as nossas leitoras para a campanha a favor da simplicidade das *toilettes*, façam-no ao menos por espirito acendrado de patriotismo.

Entremos porém nos caprichos singulares da moda actual em Paris:

Os chapéus de palha começam a apparecer com todo o *entrain*, e ao lado d'elles as *toques* em tulle, ornamentadas de flôres e os chapéus de crina com enormes plumas.

Todos estes chapéus são grandes, á excepção, é claro, das *toques*.

Os de tulle usam-se muito em preto sobre setim côr de cereja, ou outra qualquer côr viva e forte.

A fôrma dos chapéus de palha ou crina continúa a ser a mesma dos deste inverno: aba levantada ao lado e servindo de fundo aos rostos graciosos das elegantes que os usam.

Quanto aos veslidos pretos para a Semana Santa decreta-os a moda em *liberty*, crepe da China ou cachemira de sêda e ainda em diagonal inglêsa.

Este ultimo tecido é só applicavel nas *toilettes* genero *tailleur* para a rua.

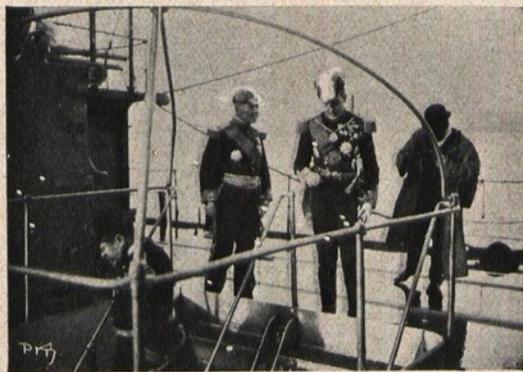
As pelles continuam muito em voga, fazendo furor e promettendo transpôr os porticos engalanados da Primavera.

Ao bom senso, ao criterio e á esthetica das nossas leitoras, submettemos pois estes ligeiros decretos da Moda.

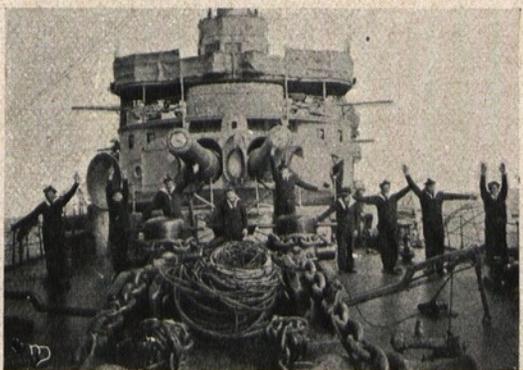
No proximo numero descreveremos ás nossas leitoras algumas das *toilettes* de *demi-saison*, que actualmente estão fazendo furor em Paris, pelo *chic* da sua elegancia.

Esquadra franceza em Lisboa

Visita d'El-Rei



EL-REI E O ALMIRANTE AUBERT
VISITANDO A ESQUADRA



VIVE LE ROI!

Os signaleiros do navio almirante saudam el-rei figurando cada marinheiro os signaes correspondentes ás palavras: *Vive le roi!*

Theatros

S. Carlos. — De preferencia occupar-nos-hemos da partitura de Catalani, *Wally*, ouvida pela primeira vez em Lisboa, apezar dos seus cabellos brancos, e que obteve no nosso theatro lyrico o mais legitimo successo, confirmando, pelo seu incontestavel valor orchestral e melodico; o logar que ha muito conquistou entre as operas de mais nomeada.

Ha realmente no *spartito* de Catalani uma notavel elegancia de fôrma, os rythmos caracterisam com propriedade diversas passagens do libretto, e se nem sempre a acção dramatica encontra no trabalho de Catalani accentuado vigor, é certo, que ha paginas traçadas com mão de mestre e uma factura instrumental, que bem demonstram as suas grandes qualidades de compositor.

Como prova dos profundos conhecimentos que o auctor possui em harmonia, encontram-se, entre outros, os trechos descriptivos do quadro da noite alpestre do 3.º acto e o do povo salvando *Hagenbach*;

na fôrma como a orchestra acompanha a canção de *Walter*, que com um leve tremulo nos violinos, lembra o som das cordas de um bandolim; o do adeus de *Wally*, que constitue um dos principaes trechos pela sua originalidade e delicada expressão, que, com brilho, deinceia a situação commovente do entrecho. Os quadros da festa da aldeia, as danças dos dois primeiros actos, o preludio do 4.º e o duetto final da opera, são egualmente paginas de boa arte musical e que justificam o exito obtido pela *Wally* nos primeiros theatros lyricos do mundo, e portanto o agrado, que alcançou no auditorio de S. Carlos que, por vezes, interrompeu a opera com bastos applausos.

Deu-se mais na audição da *Wally* o bello desempenho que as sr.^{as} De Lerma e Scaffidi, o tenor Giorgi e o barytono Galleffi deram ás suas partes, revelando-se, além dos bons dotes artisticos dos cantores, o esmero com que o mae tro Mascheroni ensaiou a partitura, registando-se, por exemplo, os preludios dos 3.º e 4.º actos, que a orchestra executou com extraordinaria precisão e inexcédível colorido.

A sr.^a De Lerma que é artista de subido valor e sabe emittir a voz e conduzi-la com arte, conquistou na parte de *Wally* uma das suas corôas de gloria, dizendo os seus trechos com muita correcção e notavel brilho. A seu lado Giorgi na parte de *Hagenbach*, Galleffi na de *Gelner* e Scaffidi na de *Walter* concorreram poderosamente para os applausos que o publico dispensou ao trabalho de Catalani, e confirmaram os bons creditos obtidos em operas anteriores.

Seguindo a nossa apreciação sobre as operas ultimamente cantadas em S. Carlos, justo é, que façamos agradáveis referencias á sr.^a Dereyne no *Fausto*, onde, mais uma vez, patenteou os seus bellos dotes de cantora distincta, revelando-os ainda mais do que na *Carmen*, cuja tassitura não lhe permite, tanto á vontade, o emprego dos seus admiraveis recursos vocaes: a area das *joias*, as scenas dramaticas do 4.º e 5.º actos, os duettos com o tenor e o tercetto final, foram executados pela sr.^a Dereyne com o preciso relevo, e, de fôrma, a confirmar o que deixamos dito e temos registado acerca de outras operas. O mesmo succedera com o tenor Giorgi, que pela sua voz potente, foi um feliz cooperador da linda partitura de Gounod, bastando o *dó agudo* que dera na romanza do 3.º acto para accentuar quanto vale, com o baixo Nicoletti na parte de *Mephistopheles* e barytono Rossi na de *Valentim*, que receberam com a sr.^a Dereyne innumerados applausos.

Sem esmerecer porém, o trabalho da sr.^a Dereyne, é dever louvar a sr.^a Carmen Toschi, cuja estreia no *Fausto*, na parte de *Margarida*, foi das melhores a que temos assistido em S. Carlos, conquistando a sympathia do publico logo ao entrar em scena, sympathia que se manifestou depois no decurso da opera, e muito especialmente, na canção do *Rei de Thule* brilhantemente cantada pela sr.^a Toschi. A sua voz de um lindo timbre, amolda-se com facilidade ás exigencias da partitura, sabendo, a um tempo, escolher os efeitos da personagem, que conduziu n'um crescente

de côres, vencendo muito bem as grandes difficuldades do 3.º acto.

Passando da delicada partitura de Gounod para o emocionante *spartito* de Leoncavallo *Os Palhaços*, não foram menos entusiasticos os applausos da assistencia para os interpretes d'esta opera.

O nosso já muito conhecido e apreciado barytono Nani, teve, de novo, ensejo para mostrar as suas qualidades de cantor na parte de *Tonio*, na qual se evidenciou de uma maneira distincta, no prologo e no duetto com o soprano. A sr.^a Baldassare na parte de *Nedda*, e o tenor Gilion na de *Canio* mereceram egualmente as ovações do publico, imprimindo Gilion bastante vigor na scena final da opera.

Por ultimo, em recita de Carnaval, deu a empreza Anahory a operetta de Franz Lear, a *Viuva Alegre*, que teve por interpretes as sr.^{as} Carmen Toschi e Scaffidi, o baixo Dammaco e o barytono Rossi.

Não será facil tornar a ouvir a linda operetta de Lear com um tão bello conjuncto e um tão extraordinario desempenho, o qual o auditorio palmeou com muitos applausos.

D. Maria. — *Á margem do codigo* foi o primeiro original portuguez, que n'esta época subiu á scena no Normal e cujo acolhimento deveria ter deixado as mais agradáveis recordações ao auctor e dar-lhe incitamento para futuras produções, onde mais poderá pôr em evidencia as suas qualidades de dramaturgo.

A peça do sr. Luiz Barreto visa, principalmente, hypocritas costumes que atravessam a sociedade, abrindo chagas fundas com rastros perniciosos e vicios que se impõe debellar para bem da humanidade, e tem o condão de não ferir os preceitos da logica nem as convenções theatraes, sendo, por isso, um trabalho digno de elogio e de merecido applauso, como base de outros de maior folego.

Das primeiras figuras coube a interpretação a Palmyra Torres e Carlos dos Santos, e dos, que em seu redor gravitam se encarregaram Augusta Cordeiro, Ignacio, Augusto de Mello, Christiano de Sousa e Luiz Pinto que as compuzeram com intuição artistica, motivando as ovações que todos, com o auctor, receberam de um selecto auditorio.

D. Amelia. — Com a comedia em 3 actos de Nancey e Armont, traducção do sr. Accacio de Paiva, *Theodoro & C.^a*, encetou a elegante sala do D. Amelia, as recitas do Carnaval, alcançando um successo em toda a linha pelas situações hilariantes, que matizam os actos da peça com habil engenho, e sem compromettimento para a logica, que sae sã e salva de toda aquella embrulhada. São tres actos com boa factura theatral, muito movimentados, repletos de graça, que, sem esforço, provoca o riso do mais sisudo, prendendo a attenção do espectador em successivos episodios, producto de uma imaginação fecunda e de habilidade para composições d'este genero.

Angela Pinto e José Ricardo, que se encarregaram dos principaes papeis, completaram-se admiravel-

mente nas figuras que compuzeram com criterio e arte, e de maneira a tirar o maximo effeito dos menores detalhes, assim como Chaby, Henrique Alves e Antonio Pinheiro, que poderosamente concorreram para o bom desempenho que a peça teve.

O sr. Accacio de Paiva confirmou os creditos que gosa em trabalhos identicos.

Quiz tambem o distincto comediographo, sr. Eduardo Schwalbach concorrer para a boa serie de espectaculos no D. Amelia e lembrar as noites de gargalhada que elle, com o seu espirito humoristico provocou em tempos idos no genero revista, onde foi um dos mais illustres cultivadores, dando-nos a satyra, em 1 acto, *Feira do Diabo*, que foi uma nova prova das suas primorosas qualidades de escriptor de theatro.

A *Feira do Diabo* é o que se chama um acto cheio de graça, de caracteres bem definidos e que, se não transparece a nota politica, abunda na critica mordaz e fina, burilada por entre um estylo delicado e *signe* de quem, como elle, possui bastos conhecimentos da scena.

Com esta *première* realisou a sua festa o actor José Ricardo, artista sobejamente apreciado, e que conta no seu vasto repertorio, muitas e diversas creações. A sua festa foi acolhida com o enthusiasmo que lhe era devido, e n'ella alcançou mais uma noite de gloria pela fórma correcta com que desempenhou os seus varios papeis.

Entrou na peça quasi toda a companhia do D. Amelia, de que não ha que fazer referencias especiaes; todos... muito bem.

Completoou o espectaculo a comedia em 1 acto, de Max Maurey *Stradivarius*, habilmente traduzida pelo sr. Carlos Trilho, recebida com muito agrado e na qual José Ricardo tem um bello trabalho.

Do original do sr. Augusto de Castro com o titulo *Vertigem*, nos occuparemos no nosso proximo numero, frizando, porém, já, que o auctor enriqueceu com mais uma peça de valor, o nosso meio theatral.

Trindade — E' notavel que todos são concordes em afirmar que o theatro nacional atravessa, de ha muito, uma enorme crise; todos são unanimes em applaudir as peças que se impõem pela sua honestidade de factura, pelo cuidado de technica e pela verdade d'acção; todos: auctores, actores e publico se insurgem contra a praga das revistas d'anno, contra as comedias com quadros pornographicos e ditos apimentados, entre os quaes, alguns, nem ao menos possuem o *cliché* do *double-sens* e que vão, com uma toada obscena, provocar a gargalhada dos menos escrupulosos e ferir a moral, uma das condições em que deve assentar uma obra de theatro. Todos reprovam taes processos, mas... em theoria, porque na pratica, em lugar de darem o seu apoio e incitamento aos honestos que escrevem para o theatro, em vez de lhes abrirem as portas e facilitar o caminho, hoje, tão irrisado de precipicios, tão difficil de trilhar, se lhes manifestam desagradavelmente e lhes criam attrictos na sua obra de regeneração do theatro portuguez.

Mais uma prova frisante acaba de ser dada á peça o *Espadachim do Outeiro*, do sr. Henrique Lopes de Mendonça, que de mãos dadas com o distincto maestro sr. Augusto Machado, apresentou um trabalho digno dos maiores elogios pelo esmero e cuidado com que foi feito, pelo valor litterario que encerra e pela verdade historica que se patenteia n'uma successão de scenas architectadas com mestria e a que foram adicionados os preceitos de uma boa technica, um scenario e guarda roupa apropriados e uma musica modelar no seu genero.

Se, porém, uma parte do publico não valorizou o trabalho do sr. Lopes de Mendonça, outra houve que fez inteira justiça ao *Espadachim do Outeiro*, onde, sem duvida, muito ha que elogiar, pois que historia com verdade uma das mais interessantes épocas, matizada por um quadro de typos n'um bello desenho de côres, que o distincto dramaturgo conseguiu pôr em relevo com a sua comprovada proficiencia e honestidade de escriptor de theatro.

E' uma obra que honra o auctor e que teve como importante factor uma partitura de alto valor artistico.

Dos applausos dispensados aos auctores partilhou Affonso Taveira pela fórma como ensaiou a peça, a vestiu e enscenou.

Gymnasio. — Em estreia de dois novos, representou-se n'este theatro a comedia *Moysés*, original dos srs. Manuel dos Santos e Victorio Roquette que, attendendo á complexidade de conhecimentos que precisa ter quem escreve para o theatro, não é favor dizer-se, que foram bastante felizes e de todo o ponto justa a manifestação de sympathia que receberam. Escripta ao sabor do publico do Gymnasio, possuindo os moldes das do genero ali explorado, cumpriu bem o seu fim provocando a franca gargalhada.

Foi depois o espectaculo com esta comedia, completado com a peça em 1 acto, *Nova agencia feminina*, original do sr. Eduardo Coelho, que a escreveu n'umas horas de bom humor e como pretexto para o actor Valle exhibir um typo comico, no que foi bem secundado pelas actrizes Judith, Rosa d'Andrade, Jesuina Marques, Alda d'Aguiar, Farrusca, Maria del Carmen, etc. A rir foi feita e a rir... se ouve. Auctor e artistas foram muito ovacionados.

A nossa apreciação sobre a comedia dos srs. Xavier da Silva e João Bastos, *O dr. Zebedeu*, dalahemos no nosso numero seguinte.

Avenida. — Entre todas as obras theatraes nenhuma por certo consegue mais intimamente falar ao coração do que as que tem por entrecho recordar qualquer facto brilhante da historia patria. Assim a peça do sr. Luiz Galhardo, *A Invasão*, quando não tivesse outra coisa a recommendal-a, bastava lembrar um dos feitos mais brilhantes da historia portugueza, como foi a defeza do nosso torrão contra a invasão das hostes do general francez Junot, para obter o agrado do publico e a completa garantia de

exito. Luiz Galhardo sahiu-se bem do seu empreendimento, pois que o seu trabalho tem unidade de acção e obedece ás regras de theatro, o que nem sempre é facil conseguir em producções d'este genero. Muito boa a musica e apropriada, e bom o desempenho por parte de todos os artistas.

Alfredo Carvalho, Alvaro Cabral, Julia Mendes, João Silva e outros formaram um optimo conjunto.

O successo que marcou esta peça igualmente obtiveram as operettas *Vendedor de passaros* e *A princeza dos Dollars*, esta ultima muito bem traduzida pelo sr. Henrique da Silva e que é de facto uma rival da *Viuva Alegre* pela sua lindissima musica e gracioso entrecho.

Cremilda, Sophia Santos, Accacia Reis, Auzenda, Gomes, Armando, Pinto Ramos, Mello, etc., constituem elementos d'uma companhia de operetta, das melhores que ha entre nós.

Principe Real. — Continúa em pleno successo a revista *Sol e Sombra*, que todas as noites chama ao theatro uma numerosissima concorrência.

E' peça para ir até ás 200 representações... pelo menos.

Colyseu dos Recreios. — Constituiu um verdadeiro acontecimento theatral as recitas dadas na vasta sala do Colyseu pela companhia infantil de opera italiana, que com extrema correcção exhibiu um repertorio, onde figuravam algumas partituras cujas difficuldades são patentes e conhecidas. A *Lucia*, a *Somnambula*, a *Traviata* e a *Cavallaria Rusticana*, não é qualquer grupo de artistas que as canta; requerem vozes bem timbradas, de facil vocalisação e sobretudo com a educação d'uma boa escola de canto para vencer os muitos e variados barrancos em que tropeçam, bastantes vezes, artistas de reputação. Pois, com verdade o dizemos, que essa companhia com pequeninos artistas de 15 e menos annos de idade, se houve d'uma fórma que a todos surpreendeu. Desde as primeiras partes até aos côros, o desempenho foi correctissimo, o que arrancou do publico, fremitos de entusiasmo, sobremaneira merecidos e justos. Quer nas citadas operas, quer nas operettas *Geisha*, *Viuva Alegre*, *Patifa da Primavera* e *Gran-via* não é favor de reclamo elogiar e com justiça, os nossos louvores não distinguem esta ou aquella de entre essas figuras graciosas, de vozes frescas, d'uma afinação irreprehensivel e dando, — o que se costuma dizer, — um *bigode* em muitas companhias formadas de artistas com vozes já feitas e por isso, com obrigação de a supplantar. Citemos apenas os seus nomes: Dora Theor, Maria Ceccarelli, Zea Waury, Luigi Pinatta, Vittorio Gamba, e mais não nos occorrem. Um bravo á petizada.

Outra nota alegre foi dada no Colyseu pela Tuna Escolar de Valladolid de parceria com os nossos academicos, n'um sarau em que reinou sempre a mais franca e communicativa alegria, com um lindo programma e uma assistencia escolhida e numerosissima.

Ferreira de Souza

Lisboa hospeda, ha já algum tempo, este distincto actor luso-brasileiro.

Ferreira de Souza é natural de S. Miguel e creança ainda partiu para o Brazil a seguir a carreira commercial.

Irresistiveis tendencias em boa hora o arrastaram para o theatro e no theatro, a poder de trabalho intelligente e disciplinado, se fez um nome glorioso.



Em verdade não piza palco brasileiro quem tenha mais valor e mais prestigio do que elle, que conta no seu activo. de mais de 30 annos de theatro, brilhantes creações. E' possivel que Lisboa tenha em breve o prazer de o ver viver alguns dos seus melhores papeis em peças brasileiras, escriptas especialmente para o seu feitio de artista, que tanto e tão bem sabe produzir a emoção forte, como provocar o riso franco.

Edificios publicos



FACHADA DA NOVA FABRICA
DE PROJECTEIS

Dr. Silva Bruschy

A vida do Dr. Manoel Maria da Silva Bruschy, á memoria do qual este magazine presta hoje sentida e respeitosa homenagem, constitue um romance movimentado e repleto de aventuras. Estudante de direito da universidade de Coimbra, mais tarde de medicina do Rio de Janeiro, para onde emigrara por ser legitimista, e em seguida da Escola Polytechnica de Paris, um bello dia, quando rebentou a insurreição de D. Carlos, em Hespanha e Portugal, ali mandou uma divisão auxiliar, logo o irrequieto academico partiu para o visinho reino para defender, embora no estrangeiro, o seu credo politico.

Alistado, como alferes, no 4.º batalhão de Castella, bateu-se nos combates de Cinea, da Retuerta, ficou prisioneiro na batalha de Huesca, estando duas vezes a ponto de ser fuzilado como medida de represalia, valendo-lhe na dramatica conjunctura o ser proposta uma troca de prisioneiros. A noite, vespera da execução, passou-a Silva Bruschy a jogar com os officiaes *crístinos* e com tanta serenidade que surpreendeu os mais valentes. Mais tarde o temível Cabrera nomeou-o tenente de engenheiros. Assistiu ao cerco de Morella, onde entrou debaixo de um chuveiro de balas. Na batalha de Valencia foi promovido a capitão pela sua bravura. Surprehendido numa marcha por forças superiores aprisionaram-no de novo.

Terminada a guerra veio para Lisboa, onde passou as maiores inclemencias até que encontrou um amigo que lhe facultou meios de concluir a sua formatura em Coimbra. Em 1845 recebia a sua carta de bacharel e desde então o seu nome foi um symbolo de honestidade, de gloria do fóro portuguez, e de virtudes civicas e domesticas. As columnas da *Nação*, de que foi um dos seus mais talentosos redactores, regorgitam de artigos seus, sobre todas as especialidades. Foi um escripter e um jurisconsulto dos mais notaveis dessa geração, que foi de hontem, e da qual parecemos distanciados seculos.

O Carnaval



O GARRO INCENDIADO POR MALEVOLENCIA



A TUNA DE VALLADOLID EM LISBOA

Decorreu o Carnaval em Lisboa ainda com mais accentuada insipidez que os anteriores annos. D'elle só ha a registrar dois factos de importancia, um triste e outro alegre: o incendio de um carro enfeitado com algodão em rama e ao qual um malvado ou um bruto largou fogo, deixando mais ou menos feridas as meninas que transportava; e a vinda da Tuna de Valladolid que durante alguns dias encheu a capital com as suas notas joviaes e vibrantes.

FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

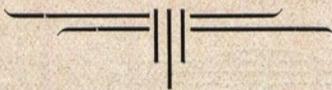
Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Musica
DOS
SERÇÕES

NOCTURNO

FOR

Fr. Chopin



Andante cantabile.

Fr. Chopin.

dolce

p

p

pp *f*

poco rall. *sp* *a tempo*

p

Typographie
DO
ANNUARIO
COMMERCIAL

DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Instalação apropriada

*Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mul espe-
cialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoran-
duns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e
modicidade de preços.*

Reprodução de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRITORIO E OFFICINAS ≡

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

Telephone 1:239

LISBOA



O Cunha

ALMANACH HUMORISTICO
PARA 1910

À venda o 5.º volume

200 réis

Collaboração inédita em prosa e verso de **Alves Barbosa, Amadeu Salles, Arnaldo de Lacerda, Arnaldo Leite, Augusto Veras, D. Branca de Gonta Collaço, P.º Daniel da Cruz, El-Mano, Humberto Beça, Julio Moutinho, Manuel de Moura, D. Maria do Carmo Peixoto, Maximiano Ricca, Oliveira Passos, Rangel de Quadros, Raul Tamagnini, Vidal Oudinot, visconde de Villa-Moura** e de muitos outros escriptores consagrados

Caricaturas e desenhos do **dr. Manuel Monterroso, Amarelhe, dr. Virgilio Ferreira, Emmanuel Ribeiro, Alberto Meira, Marques Abreu, F. Alves Mendes, Jorge Collaço, Julio Nogueira** e **dr. José Moreira de Carvalho**

MAGNIFICAS GRAVURAS = EDIÇÃO ELEGANTE

Publica um interessante artigo do ex.^{mo} sr. Visconde de Villa-Moura, intitulado

Coimbra do meu tempo

com gravura representando o curso do 5.º anno de Direito de 1899-900.

CALENDARIO HISTORICO — UMA VALSA

ESCRITORIO

Rua da Victoria, 33-A — PORTO

Agente em S. Paulo: AURELIO MACHADO — Caixa 630

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

FOR

MAX PEMBERTON

TRADUÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.	Capitulos	Pags.
I—Bruce Ingersoll principia a sua historia	7	XIX—Na praça de touros	255
II—Adeus a Cambridge	17	XX—O dr. Luthero James	27
III—Jehan Cavanagh	29	XXI—Barcelona	299
IV—A casa do Fen	41	XXII—No palacio da Ponte	321
V—As noticias do jornal	55	XXIII—As desconfianças de Paulina	331
VI—O grito nocturno	65	XXIV—O regresso a Inglaterra	337
VII—A mulher e a creança	77	XXV—Fédoro	351
VIII—O destino de Cavanagh	93	XXVI—Um conhecimento	367
IX—Prospero de Blondel	105	XXVII—Jornada nocturna a Waterbeach	377
X—A festa do Corpo de Deus	119	XXVIII—A dama do bosque	395
XI—A luz da janella	143	XXIX—Na bibliotheca	403
XII—Ainda Paulina Mamavieff	165	XXX—O barco	413
XIII—A prisão de Bruges	177	XXXI—Robiniof	429
XIV—A encarcerada	189	XXXII—A sua familia	437
XV—A segunda intrevista	203	XXXIII—Paulina emmudece	447
XVI—Raiz e tronco	217	XXXIV—O milagre	461
XVII—O homem de cabelo ruivo	229	XXXV—A memoria de Jehan Cavanagh	469
XVIII—O expresso de Vienna	249		

PREÇO 500 RÉIS

À venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA